

COLEÇÃO

NEGRA



NOIR EUROPEU - SÉRIE ESPECIAL

Andrea Camilleri

Autor de *O cheiro da noite* e *Excursão a Tindari*

O Ladrão de Merendas

Uma aventura do comissário Montalbano

Vencedor dos prêmios Ostia, Zelezione Bancarella e Empedocle





Andrea Camilleri

O Ladrão de Merendas

TRADUÇÃO DE

Joana Angélica d'Ávila Melo



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Camilleri, Andrea, 1925-

O ladrão de merendas / Andrea Camilleri; tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo — Rio de Janeiro: Record, 2000. — (Coleção Negra)

Tradução de: Il ladro di merendine
ISBN 978-85-01-05617-7

1. Ficção policial. 2. Romance italiano. I. Melo, Joana Angélica D'Ávila. II. Título. III. Série.

00-1084

CDD: 853

CDU: 850-3

Copyright © 1996 by Sellerio editore via Siracusa 50 Palermo

Título original:
IL LADRO DI MERENDINE

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-05617-7

Capítulo I

Acordou mal: o lençol, no suadouro do sono agitado por conta do quilo e meio de *sarde a beccafico*^[1] traçadas na noite anterior, havia-se apertado em torno de seu corpo, deixando-o enfaixado como uma múmia. Levantou-se, foi até a cozinha, abriu a geladeira e engoliu meia garrafa de água gelada. Enquanto bebia, olhou para fora, pela janela escancarada. A luz do amanhecer prometia dia bom, mas uma verdadeira tábua, céu claro e sem nuvens. Sujeito como era ao tempo que fazia, Montalbano sentiu-se tranquilizado quanto ao seu próprio humor durante as próximas horas. Era ainda muito cedo. Voltou a deitar-se e, cobrindo a cabeça com o lençol, predisps-se a mais duas horas de cochilo. Como sempre fazia antes de adormecer, pensou em Livia, em sua cama lá em Boccadasse, Gênova: era uma presença propícia a qualquer viagem, longa ou breve que fosse, “*in country sleep*”, como dizia um poema de Dylan Thomas do qual ele gostava muito.

A viagem mal havia começado quando foi repentinamente interrompida pela campainha do telefone. A ele pareceu que aquele som entrava-lhe como uma broca por um ouvido e saía pelo outro, trepanando-lhe o cérebro.

— Alô!

— Cum quem é que eu tou falando?

— Primeiro diga quem é você.

— Catarella.

— O que foi?

— Desculpe, mas eu num tinha reconhecido a voz do senhor, doutor. Capaz que o senhor tava dormindo.

— Capaz que sim, são cinco da manhã! Dá pra dizer logo do que se trata, sem me encher muito o saco?

— Teve um morto matado em Mazàra del Vallo.

— E eu tenho alguma merda a ver com isso? Estou em Vigàta.

— Mas escute, doutor, o morto...

Montalbano desligou e puxou o telefone da tomada. Antes de fechar os olhos, imaginou que seu amigo Valente, subchefe de polícia de Mazàra, talvez o tivesse procurado. Mais tarde, do gabinete, ligaria para ele.

A persiana bateu violentamente contra a parede e Montalbano, de um pulo, pôs-se sentado na cama, olhos arregalados de susto, convencido, em meio à névoa de sono que ainda o envolvia, de que alguém lhe tinha dado um tiro. De uma hora para outra, o tempo havia mudado, um vento frio e úmido formava ondas de espuma amarelada, o céu estava inteiramente coberto de nuvens que ameaçavam chuva.

Levantou-se praguejando, entrou no banheiro, abriu o chuveiro e ensaboou-se. Foi o bastante para a água acabar. Em Vigàta, e portanto também em Marinella, onde ele morava, abasteciam provavelmente de três em três dias. Provavelmente, porque não era certo que não abastecessem no outro dia ou na semana seguinte. Por isso mesmo, Montalbano se garantira, mandando instalar no teto do bangalô uma caixa-d'água de respeito. Mas via-se que, desta vez, o precioso líquido não entrava há mais de oito dias, essa era a autonomia de que ele podia dispor. Correu então à cozinha, botou uma panela embaixo da torneira, a fim de recolher o magro fio que corria, e fez o mesmo na pia do banheiro. Com o pinguinho de água assim obtido, conseguiu mais ou menos tirar o sabão, mas claro está que todo aquele revertério não ajudou nem um pouco o seu humor.

Enquanto dirigia para Vigàta, gritando palavrões a todos os motoristas com quem cruzava, os quais, em sua opinião, por um motivo ou por outro, costumavam usar o código de trânsito para limpar o rabo, voltaram-lhe à mente o telefonema de Catarella e a explicação que formulara para si. Não fazia sentido: se Valente tivesse precisado dele, às cinco da manhã, por algum homicídio ocorrido em Mazàra, iria procurá-lo em casa, e não no gabinete. Criara aquela explicação por comodidade, a fim de aliviar a consciência e dormir em paz outras duas horas de sono.

— Num tem ninguém abissoluto! — comunicou-lhe Catarella, assim que o viu, erguendo-se respeitosamente da mesa telefônica. Montalbano decidira, junto com Fazio, mantê-lo nesse lugar, onde, mesmo que relatasse telefonemas alucinados e improváveis, Catarella certamente causaria menos dano do que em qualquer outra função.

— O que foi, festa?

— Num senhor, doutor, num é dia de festa, mas tão tudo no porto pur conta daquele morto em Mazàra que o qual eu telefonei pro senhor, num sei se se lembra, ali pelas hora da madrugada.

— Mas, se o morto está em Mazàra, eles foram ao porto fazer o quê?

— Num senhor, doutor, o morto taqui.

— Mas, se o morto está aqui, meu Deus do céu, por que você vem me dizer que ele morreu em Mazàra?

— Porque o morto era de Mazàra, trabalhava lá.

— Catarè, vamos dizer assim, uma hipótese, se matarem aqui em Vigàta um turista de Bergamo, você o que me diz? Que tem um morto em Bergamo?

— Doutor, a questão do problema é que esse morto é um morto de passage. Ou seja, atiraram nele quando ele tava imbarcado num pesquero de Mazàra.

— E quem atirou nele?

— Os tunisino, doutor.

Desanimado, Montalbano desistiu de saber mais.

— O doutor Augello também foi pro porto?

— Sim senhor.

O seu vice, Mimì Augello, ficaria felicíssimo se ele não desse as caras no porto.

— Escuta, Catarè, eu preciso escrever um relatório. Não estou pra ninguém.

— Alô, doutor? A senhorita Livia no telefone de Gênova. Eu faço o quê, doutor? Passo ela ou não?

— Pode passar.

— Pois é, mas como num tem nem dez minuto o senhor disse que não tava pra ninguém...

— Catarè, já falei que pode transferir... Alô, Livia? Oi.

— Oi é o cacete. Estou tentando falar com você a manhã inteira. Em sua casa o telefone toca, toca e ninguém atende.

— Ih, é, eu esqueci de botar de novo na tomada. Olha só que engraçado, hoje às cinco da manhã me ligaram pra...

— Não vejo graça nenhuma. Tentei às sete e meia, às oito e quinze, tentei de novo às...

— Livia, eu já expliquei que me esqueci de...

— De mim. Você simplesmente se esqueceu de mim. Eu ontem combinei que telefonaria às sete e meia pra gente decidir se...

— Livia, estou avisando. Vai chover e está ventando.

— E daí?

— Você sabe. Com este tempo, eu fico de mau humor. Não gostaria de, falando uma coisa ou outra...

— Já entendi. Não telefono mais. Você me liga, se quiser.

— Montalbano? Como vai? O doutor Augello me relatou tudo. E certamente um acontecimento que terá repercussões internacionais. O senhor não acha?

Sentiu-se apanhado em flagrante, não fazia a menor ideia sobre assunto de que o chefe de polícia estava falando. Então escolheu o caminho de um consenso genérico.

— Pois é, pois é.

Repercussões internacionais?!

— Seja como for, determinei que o doutor Augello despachasse com o governador da província. A coisa extrapola, diria eu.

— Pois é.

— Montalbano, o senhor está bem?

— Muito bem. Por quê?

— Não, é que eu achei...

— Um pouquinho de dor de cabeça, só isso.

— Hoje que dia é?

— Quinta-feira, chefe.

— Escute, quer vir jantar conosco no sábado? Minha mulher vai fazer *spaghetti al nero di seppia*. Uma delícia.

Massa com aquele molho negro de sépia. Com o humor em que se encontrava naquele momento, ele poderia temperar umas sete arrobas de spaghetti. Repercussões internacionais?

Entrou Fazio e ele por pouco não o abateu ali mesmo.

— Alguém poderia fazer a caridade de me dizer que porra é essa que tá acontecendo?

— Doutor, não pegue no meu pé só porque tá ventando. Hoje cedo, antes de avisar ao doutor Augello, eu mandei procurar o senhor.

— Por Catarella? Se você manda Catarella me procurar por algum motivo importante, isso significa que você é um idiota. Você sabe perfeitamente que com esse aí não se entende merda nenhuma. O que foi que aconteceu?

— Um barco pesqueiro de Mazàra, que, diz o comandante, estava pescando em águas internacionais, foi atacado por uma lancha de patrulha tunisina e levou uma rajada de metralhadora. O pesqueiro deu a posição a uma patrulha nossa, a *Raio*, e conseguiu fugir.

— Parabéns — fez Montalbano.

— Pra quem? — perguntou Fazio.

— Pro comandante do pesqueiro, que em vez de se render tem a coragem de fugir. E depois?

— A rajada matou um da tripulação.
— De Mazàra?
— Sim e não.
— Dá pra explicar?
— Era um tunisino. Dizem que trabalhava com os documentos em ordem. Lá, quase todas as tripulações são mistas. Primeiro, porque eles são bons trabalhadores, e segundo, porque, se forem parados, sabem como falar com aqueles caras.

— Você acredita que o barco estava pescando em águas internacionais?
— Eu? Eu tenho cara de bobo?

— Alô, doutor Montalbano? Aqui é Marniti, da Capitania dos Portos.

— Pode falar, major.

— É sobre aquele desagradável episódio do tunisino morto no pesqueiro mazarense. Estou interrogando o comandante, para estabelecer exatamente onde eles se encontravam na hora da agressão e a dinâmica dos fatos. Depois ele irá procurar o senhor.

— Por quê? Ele já não foi interrogado pelo meu vice?

— Já.

— Então, não há necessidade de vir até aqui. Agradeço a sua cortesia.

Queriam puxá-lo à força, pelos cabelos, para dentro daquela história.

A porta escancarou-se com tal violência que o comissário deu um pulo da cadeira. Apareceu Catarella, agitadoíssimo.

— O senhor me desculpe a pancada, mas a porta me escapou.

— Se você entrar assim mais uma vez, te dou um tiro. O que foi?

— Foi que telefonaram indagorinha que tem um que se encontra dentro dum elevador.

O tinteiro, em bronze finamente trabalhado, errou a testa de Catarella, mas o barulho que fez contra a madeira da porta parecia de bala de canhão. Catarella se encolheu, os braços protegendo a cabeça. Montalbano começou a chutar a escrivaninha. Fazio adentrou precipitadamente o gabinete, a mão sobre a braguilha aberta.

— O que foi? O que aconteceu?

— Pergunte a este imbecil que história é essa de um tal preso no elevador. Chamem os bombeiros. Mas me tire ele daqui, não quero nem ouvir a voz.

Fazio reapareceu no instante seguinte.

— Um cara assassinado dentro dum elevador — disse, breve, essencial, antes de outro arremesso de tinteiro.

— Giuseppe Cosentino, segurança — apresentou-se o homem grudado à porta escancarada do elevador. — Eu que encontrei o pobre senhor Lapècora.

— Que milagre é esse de não ter nenhum curioso aqui? — surpreendeu-se Fazio.

— Mandeí todo mundo voltar pra casa. Aqui eles me obedecem. Eu moro no sexto andar — disse orgulhoso o segurança, ajeitando o paletó do uniforme.

Montalbano perguntou-se o que aconteceria com o poder de Giuseppe Cosentino se este morasse no porão.

O defunto Lapècora estava sentado no chão do elevador, as costas apoiadas à parede do fundo. Junto à mão direita, uma garrafa de Corvo branco, ainda lacrada. Ao lado da mão esquerda, um chapéu cinza-claro. O finado Lapècora, vestido nos conformes, inclusive de gravata, era um sessentão distinto, olhos abertos e expressão estuporada, talvez pelo fato de ter-se mijado todo. Montalbano inclinou-se e aflorou com a ponta do dedo a mancha escura entre as pernas do morto: não era mijo, mas sangue. O elevador era daqueles inteiramente fechados que circulavam dentro das paredes, impossível ver as costas do falecido para saber se o tinham assassinado com lâmina ou com arma de fogo. Montalbano aspirou profundamente e não sentiu cheiro de pólvora, talvez se tivesse evaporado.

Precisava avisar ao médico-legista.

— Você acha que o doutor Pasquano ainda está no porto, ou será que já voltou pra Montelusa? — perguntou a Fazio.

— Ainda deve estar no porto.

— Vá chamar. E se Jacomuzzi ainda estiver lá com a turma da Perícia, peça pra eles virem também.

Fazio saiu as pressas. Montalbano virou-se para o segurança, o qual, sentindo-se interpelar, assumiu respeitosamente a posição de sentido.

— Descansar — disse cansadamente Montalbano.

O comissário ficou sabendo que o prédio tinha seis andares, três apartamentos por andar, todos ocupados.

— Eu moro no sexto, que é o último — julgou conveniente reiterar Giuseppe Cosentino.

— Lapècora era casado?

— Sim, senhor. Com Antonietta Palmisano.

— E a viúva, o senhor também mandou pra casa?

— Não, senhor. A viúva ainda não sabe que ficou viúva. Saiu hoje cedinho pra ir visitar uma irmã em Fiacca, considerando que essa irmã não anda muito boa de saúde. Pegou o ônibus intermunicipal das seis e meia.

— Desculpe, mas como é que o senhor sabe essas coisas todas?

Será que o sexto andar concedia a Cosentino também esse poder, e todos tinham de prestar-lhe conta de tudo o que faziam?

— Porque a dona Palmisano Lapècora comentou isso ontem à noite com a minha senhora, considerando que às vezes as duas conversam — explicou o segurança.

— Eles têm filhos?

— Um. É médico. Mas mora longe de Vigàta.

— Qual era a profissão do falecido?

— Comerciante. O escritório fica na Ladeira Granet, número 28. Mas, nos últimos anos, ele só ia lá três vezes por semana, segunda, quarta e sexta, considerando que não sentia mais vontade de trabalhar. Tinha algum dinheiro de reserva, não devia depender de ninguém.

— O senhor é uma mina de ouro, Cosentino.

O segurança empertigou-se novamente na posição de sentido.

Nesse momento chegou uma mulher de uns cinquenta anos. As pernas pareciam troncos de árvore, as mãos suspendiam vários sacos plásticos abarrotados.

— Supermercado, que eu fiz! — proclamou ela, lançando ao comissário e ao segurança um olhar ameaçador.

— Que bom — disse Montalbano.

— Não acho, sabia? Agora vou ter que subir seis andares pela escada. Quando é que vão levar o morto?

Fulminando os dois mais uma vez, a mulher iniciou então a fatigante subida. Soltava vento pelas ventas como um touro enfurecido.

— Essa mulher é terrível, comissário. O nome é Gaetana Pinna. Mora no apartamento ao lado do meu, e todo santo dia arruma algum bate-boca com a minha senhora, a qual, considerando que é uma verdadeira dama, não dá satisfações a ela. E a outra pega a fazer mais barulho ainda, principalmente quando eu preciso me recuperar do sono perdido em serviço.

O cabo de faca que brotava entre as omoplatas do senhor Lapècora estava gasto. Utensílio de cozinha, supercomum.

— Quando foi que o mataram, em sua opinião? — perguntou o comissário ao doutor Pasquano.

— Assim, no olho, entre sete e oito desta manhã. Mas eu vou poder especificar isso melhor.

Jacomuzzi e a equipe da Perícia chegaram e deram início aos seus complexos levantamentos.

Montalbano saiu do prédio. O vento continuava, mas o céu permanecia coberto de nuvens. A rua era curtíssima, tinha apenas duas lojinhas, uma em frente à outra. À esquerda, uma quitanda de frutas e verduras. Atrás do balcão, um homem muito magricela, de óculos, uma das grossas lentes rachada.

— Bom dia, eu sou o comissário Montalbano. Por acaso, hoje de manhã, o senhor viu Lapècora entrar ou sair por aquele portão?

O homem magricela casquinou uma risadinha e não respondeu.

— Ouviu a minha pergunta? — fez o comissário, um pouquinho alterado.

— Ouvir, eu ouvi — disse o quitandeiro. — Mas ver, aí é uma desgraça. Podia sair um tanque daquele portão e eu não tava em condições de ver.

À esquerda havia um peixeiro, com dois fregueses. O comissário esperou que estes fossem embora e entrou.

— Bom dia, Lollo.

— Bom dia, comissário. Tem aí umas *àiole* fresquíssimas.

— Lollo, não estou aqui pra comprar peixe.

— Veio por causa do morto.

— É.

— Como foi que Lapècora morreu?

— Uma facada nas costas.

Lollo encarou-o, queixo caído.

— Lapècora, assassinado?

— Por que esse espanto todo?

— Mas quem podia querer mal a Lapècora? Era um homem decente. Coisa de maluco.

— Você o viu hoje de manhã?

— Não.

— A que horas abriu a loja?

— Às seis e meia. Ah, pois é, na esquina eu encontrei a dona Antonietta, a mulher dele, correndo.

— Estava indo tomar o ônibus pra Fiacca.

Era bastante provável, concluiu Montalbano, que Lapècora tivesse sido assassinado na hora em que pegava o elevador para sair. Ele morava no quarto andar.

O doutor Pasquano carregou o morto para Montelusa, a fim de fazer a autópsia, e Jacomuzzi ainda perdeu algum tempo locupletando três saquinhos plásticos com uma guimba de cigarro, umas poeirinhas e um minúsculo pedacinho de madeira.

— Depois te informo.

Montalbano entrou no elevador e, com um aceno, chamou o segurança, que durante todo o tempo não se deslocara um centímetro sequer. Cosentino pareceu hesitar.

— O que foi?

— Ainda tem sangue no chão.

— E daí? Cuidado pra não sujar as solas. Vai querer subir seis andares a pé?

Capítulo II

— Sente-se, se ajeite — disse toda alegre a senhora Cosentino, uma bolota bigoduda de irresistível simpatia.

Montalbano entrou numa sala de jantar conjugada à de estar. A mulher virou-se para o marido, preocupada.

— Você não conseguiu descansar, Pepè.

— O dever. Dever é dever.

— A senhora saiu agora de manhã?

— Eu nunca saio antes de Pepè voltar.

— Conhece a senhora Lapècora?

— Conheço. Às vezes a gente se encontra esperando o elevador, e aí troca umas palavrinhas.

— Também conversava com o marido?

— Não. Eu não simpatizava com ele. Boa pessoa, nada contra, mas comigo não batia. Com licença, um instantinho...

Ela saiu, e Montalbano virou-se para o segurança.

— Onde é que o senhor trabalha?

— No depósito de sal. Das oito da noite até às oito da manhã.

— Foi o senhor quem descobriu o cadáver, não?

— Foi. Podiam ser no máximo umas oito e dez, o depósito é aqui pertinho. Chamei o elevador...

— Não estava no térreo?

— Não. Me lembro muito bem que eu chamei.

— Naturalmente, não sabe em que andar ele estava parado.

— Pensei nisso, comissário. Pelo tempo que levou pra chegar, devia ser no quinto. Acho que calculei certo.

Não fazia sentido. Lapècora, todo arrumado...

— Aliás, como era o primeiro nome dele?

— Aurelio, mas todo mundo chamava Arelío.

... em vez de descer, tinha subido um andar. O chapéu cinza demonstrava que ele pretendia sair à rua, não era um encontro com alguém no mesmo prédio.

— E, depois, o que foi que o senhor fez?

— Nada. Quer dizer, considerando que o elevador tinha chegado, abri a porta e vi o morto.

— Tocou nele?
— Tá brincando? Eu tenho experiência nessas coisas.
— E como percebeu que ele estava morto?
— Já falei, tenho experiência. Corri no verdureiro e telefonei pro comissariado. Voltei e fiquei de guarda na frente do elevador.
A senhora Cosentino reapareceu com uma xícara fumegante.
— Aceita um cafezinho?
O comissário aceitou. Depois, levantou-se para sair.
— Só um momentinho — fez o segurança, abrindo uma gaveta e estendendo-lhe um bloquinho e uma esferográfica.
— Considerando que o senhor precisa tomar notas... — explicou, ao ver o olhar interrogativo do comissário.
— Agora estamos na escola? — reagiu Montalbano, rude.
Detestava os policiais que tomavam notas. Quando via um fazendo isso na televisão, mudava de canal.

No apartamento ao lado estava dona Gaetana Pinna, a das pernas de tronco de árvore. Mal viu o comissário, perguntou agressivamente:

— Afinal, já levaram o morto?
— Já. Pode usar o elevador. Não, não feche. Preciso lhe fazer algumas perguntas.
— A mim?! Não tenho nada pra contar.
De lá de dentro ouviu-se uma voz; aliás, mais que uma voz, uma espécie de ribombo surdo.
— Tanina! Não seja grosseira! Mande entrar!
O comissário viu-se na costureira sala de jantar-estar. Sentado numa poltrona, de camiseta, um lençol cobrindo-lhe as pernas, havia um elefante, um homem de proporções gigantescas. Os pés descalços, fora do lençol, pareciam patas; também o nariz, comprido e roliço, lembrava uma tromba.
— Sente-se — fez o homem, que evidentemente queria falar, indicando uma cadeira. — Quando minha mulher se irrita assim, me dá vontade de... de...
— ... barrir? — soltou Montalbano.
Por sorte, o outro não entendeu.
— ... de bater com a cabeça dela. Pode falar.
— Conhecia Aurelio Lapècora?
— Eu não conheço ninguém neste prédio. Moro aqui há cinco anos e não conheço nem um cachorro. Há cinco anos não vou nem ao corredor. Não posso

mexer as pernas, me cansa. Pra subir aqui, como eu não cabia no elevador, quatro estivadores me trouxeram. Me guincharam, como se faz com os pianos.

Ele riu, uma espécie de rolar de trovões.

— Mas eu conhecia Lapècora — interrompeu a mulher. — Era um homem antipático. Pra cumprimentar uma pessoa já era um sofrimento.

— E como soube que ele tinha morrido?

— Como eu soube? Eu precisava ir às compras e chamei o elevador. Nada, não vinha. Achei que alguém tinha deixado a porta aberta, como acontece por demais com estes mal-educados que moram no prédio. Desci a pé e vi o segurança tomando conta do defunto. Depois das compras, tive que subir pela escada, ainda estou sem fôlego.

— Ótimo, assim você fala menos — disse o elefante.

“FAM. CRISTOFOLETTI” era o que estava escrito na porta do terceiro apartamento, mas o comissário bateu, e nada: ninguém veio abrir. Ele voltou à casa de Cosentino.

— Diga, comissário.

— Sabe se a família Cristofoletti...

O segurança deu um tapa na testa.

— Esqueci de dizer! Considerando essa situação do morto, me escapou. Os Cristofoletti estão em Montelusa, os dois. Ela, a dona Romilda, foi operada, coisa de mulher. Amanhã devem estar de volta.

— Obrigado.

— De nada.

Montalbano deu dois passos no corredor, voltou e bateu de novo.

— Diga, comissário.

— O senhor me informou há pouco que tem experiência com mortos. Como assim?

— Fui enfermeiro durante alguns anos.

— Obrigado.

— De nada.

Desceu ao quinto andar, aquele onde, segundo o segurança, estivera parado o elevador, com Aurelio Lapècora já morto. Será que o finado havia saído para encontrar-se com alguém e esse alguém o esfaqueara?

— Com licença, eu sou o comissário Montalbano.

A moça que tinha vindo abrir, uns trinta anos, muito bonita mas mal-ajambrada, ar cúmplice, pôs o indicador sobre os lábios, pedindo silêncio.

Montalbano inquietou-se. O que significava esse gesto? Droga, aquele seu hábito de sair por aí desarmado! A moça afastou-se cuidadosamente da porta e o comissário, semiagachado e olhando ao redor, entrou num escritorzinho cheio de livros.

— Por favor, fale baixíssimo, se o menino acordar vai ser o fim, não poderemos conversar, ele chora que nem um desesperado.

Montalbano soltou um suspiro de alívio.

— Já sabe de tudo, não?

— Sim, quem me contou foi a senhora Gullotta, que mora no apartamento ao lado — disse ela, soprando-lhe as palavras no ouvido. O comissário achou a situação muito excitante.

— Então, não viu Lapècora hoje de manhã?

— Ainda não saí de casa hoje.

— Seu marido está onde?

— Em Fela. É professor do ginásio. Sai de carro às seis e quinze em ponto.

Ele lamentou consigo mesmo a brevidade do encontro: quanto mais a olhava, mais a senhora Gulisano — este era o sobrenome na plaquinha — lhe agradava. Femininamente, a moça intuiu isso e sorriu.

— Posso lhe oferecer uma xícara de café?

— Aceito — alegrou-se Montalbano.

O menino que veio abrir, no apartamento do lado, podia ter no máximo quatro anos e era violentamente estrábico.

— Quem é você, estranho? — perguntou.

— Um policial — disse Montalbano, sorrindo e esforçando-se por entrar no jogo.

— Não vai me pegar vivo — fez o menino. E, ato contínuo, deu-lhe um tiro de pistola d'água bem no meio da testa.

Seguiu-se um breve corpo a corpo e, enquanto o garoto desarmado começava a chorar, Montalbano, com a frieza de um *killer*, disparou bem na cara dele, ensopando-o de água.

— O que foi? Quem é?

A mamãe do anjinho, a senhora Gullotta, não tinha nada em comum com a mamãezinha da porta ao lado. Como primeira providência, embolachou o filho com força. Depois, apanhou a pistola, que o comissário deixara cair no chão, e zuniu-a janela afora.

— Assim você para de me aporrinhar!

Soltando urros lancinantes, o petiz escafedeu-se para outro aposento.

— Culpa do pai, que compra esses brinquedos pra ele! Fica o dia inteiro fora de casa, e não tá nem aí, e quem tem que aguentar este diabo sou eu! O que deseja?

— Sou o comissário Montalbano. Por acaso, agora de manhã, Lapècora esteve aqui em sua casa?

— Lapècora? Aqui? E pra fazer o quê?

— Me diga a senhora...

— Eu conhecia Lapècora, mas assim, bom-dia e boa-noite, nunca trocamos uma palavra a mais.

— Talvez o seu marido...

— Meu marido não falava com Lapècora. E também, quando é que ia fazer isso? Vive fora de casa e não tá nem aí.

— Onde está o seu marido?

— Como vê, fora de casa.

— Sim, mas onde trabalha?

— No porto. No mercado de peixe. Levanta às quatro e meia da manhã e volta às oito da noite. Quem consegue ver ele é sortudo.

Muito compreensiva, a senhora Gullotta.

Na porta do terceiro e último apartamento do quinto andar, a plaquinha dizia “PICCIRILLO”. A mulher que veio abrir, uma cinquentona distinta, estava claramente agitada, nervosa.

— O que deseja?

— Sou o comissário Montalbano.

A mulher desviou o olhar.

— Não sabemos nada.

De cara, Montalbano sentiu cheiro de queimado. Teria sido por esta mulher que Lapècora havia subido um andar?

— Mesmo assim, preciso fazer umas perguntas. Me deixe entrar.

A senhora Piccirillo abriu-lhe caminho de má vontade e introduziu-o numa salinha agradável.

— Seu marido está?

— Eu sou viúva. Moro com a minha filha Luigina, que é doente, não é casada.

— Chame ela aqui, se estiver em casa.

— Luigina!

Apareceu uma moça de pouco mais de vinte anos, de jeans. Bonitinha, mas superpálida, literalmente aterrorizada.

O cheiro de queimado ficou mais forte ainda e o comissário decidiu atacar sem rodeios.

— Hoje cedo Lapècora veio procurá-las. Ele queria o quê?

— Não! — fez Luigina, quase gritando.

— Eu juro! — proclamou a mãe.

— Quais eram suas relações com Lapècora?

— Conhecíamos de vista — disse a senhora Piccirillo.

— A gente não fez nada de errado — choramingou Luigina.

— Escutem: se não fizeram nada de errado, não devem ter medo. Segundo uma testemunha, Lapècora estava no quinto andar quando...

— Mas por que o senhor vem pegar no nosso pé? Neste andar vivem outras duas famílias que...

— Chega! — explodiu Luigina, tomada por um ataque histérico. — Chega, mamãe! Conte tudo pra ele! Conte!

— Pois muito bem. Hoje de manhã, a minha filha, que precisava ir cedo ao cabeleireiro, chamou o elevador, que chegou logo. Devia estar parado no andar de baixo, o quarto.

— A que horas?

— Oito, oito e cinco. Ela abriu a porta e viu Lapècora sentado no chão. Eu, que estava junto, olhei dentro do elevador e ele parecia bêbado. Com uma garrafa de vinho ainda fechada e também... acho que tinha feito necessidade nas calças. Minha filha sentiu nojo. Fechou a porta e pensou em descer pela escada. Nessa hora, o elevador saiu, alguém tinha chamado embaixo. Minha filha tem estômago delicado, aquela visão nos embrulhou por dentro. Luigina entrou de novo em casa, para dar uma refrescada, e eu também. Não se passaram nem cinco minutos e a senhora Gullotta veio avisar que o pobre Lapècora não estava bêbado, mas morto! Foi isso.

— Não — fez Montalbano —, não foi só isso.

— O que o senhor quer dizer? Eu contei a verdade! — disse a senhora Piccirillo, irritada e ofendida.

— A verdade é ligeiramente diferente e mais desagradável. As senhoras perceberam imediatamente que aquele homem estava morto. Mas não disseram nada, fingiram que nem mesmo o tinham visto. Por quê?

— Não queríamos ir parar na boca do povo — admitiu, vencida, a senhora Piccirillo. De repente, porém, teve um rompante de energia e gritou histericamente: — Nós somos gente de bem!

E aquelas duas pessoas de bem haviam deixado que o cadáver fosse descoberto por alguma outra, talvez menos de bem? E se Lapècora estivesse agonizando? Não tinham dado a mínima, e isso para salvar... O quê? Salvar o quê?

Montalbano saiu batendo a porta e viu-se diante de Fazio, que viera fazer-lhe companhia.

— Estou aqui, comissário. Se precisar...

Montalbano teve uma ideia.

— Sim, preciso. Bata naquela porta, lá dentro tem duas mulheres, mãe e filha. Omissão de socorro. Leve as duas pro comissariado, faça o maior estardalhaço possível. Todo mundo, no prédio, deve achar que nós prendemos elas. Depois, quando eu chegar, a gente solta.

Assim que abriu a porta, o contador Culicchia, que morava no primeiro apartamento do quarto andar, deu um empurrão no comissário e afastou-o para o corredor.

— Não quero que a minha mulher escute — disse, encostando a porta atrás de si.

— Sou o comissário...

— Eu sei, eu sei. Trouxe a minha garrafa?

— Que garrafa? — espantou-se Montalbano, encarando o setentão espigado, cara de conspirador.

— Aquela que tava junto do morto, a garrafa de Corvo branco.

— Não era de Lapècora?

— Que nada! É minha!

— Desculpe, não entendi direito, explique melhor.

— Hoje cedo eu saí pra fazer as compras e, quando voltei, abri o elevador.

Lá dentro tava Lapècora, morto. Eu vi logo.

— O senhor tinha chamado o elevador?

— Pra quê? Ele já tava no térreo.

— E o que foi que o senhor fez?

— O que era que eu podia fazer, meu filho? Eu sofro da perna esquerda e do braço direito. Tiros dos americanos. Tava com quatro sacolas em cada mão, podia subir aquela escada toda?

— Vai me dizer que subiu com o morto?

— Não tinha outro jeito! Só que, quando o elevador parou no meu andar, que aliás é o mesmo do morto, a garrafa de vinho escorregou da sacola. Então fiz o

seguinte: abri a porta de casa, levei as sacolas pra dentro e voltei pra apanhar a garrafa. Mas não deu tempo, o elevador tinha subido.

— Mas como? A porta não estava aberta?

— Não! Eu tinha fechado, por distração! Ah, a cabeça! Na minha idade a gente já não raciocina direito. Fiquei sem saber o que fazer, minha mulher ia me degolar se soubesse que eu tinha perdido a garrafa. Acredite, comissário. Ela é capaz de qualquer coisa.

— Me diga o que aconteceu depois.

— O elevador passou novamente pelo meu andar e parou no térreo. Aí eu comecei a descer a escada, apesar da perna defeituosa. Quando finalmente cheguei, encontrei o segurança, que não deixava ninguém se aproximar. Eu falei com ele sobre a garrafa e ele me garantiu que ia relatar isso à autoridade. O senhor é autoridade?

— Em certo sentido.

— O segurança lhe falou sobre a garrafa?

— Não.

— E agora, o que é que eu faço? O que é que eu faço? Ela conta o meu dinheiro! — lamentou-se o contador, torcendo as mãos.

No andar de cima, ouviram-se as vozes desesperadas das Piccirillo e o tom imperioso de Fazio:

— Desçam a pé! Silêncio! A pé!

As portas se abriram, voaram perguntas em altos brados, de um andar a outro:

— Quem foi que eles prenderam? Prenderam as Piccirillo? Tão levando elas? Vão pra cadeia?

Quando Fazio passou por ele, Montalbano estendeu-lhe dez mil liras:^[2]

— Depois que você levar as duas, compre uma garrafa de Corvo branco e entregue a este senhor aqui.

Pelo interrogatório dos outros moradores, Montalbano não descobriu nada importante. O único a dizer alguma coisa de certo interesse foi o professor primário Bonavia, do terceiro andar. Ele explicou ao comissário que o seu filho Matteo, de oito anos, ao se arrumar para ir à escola, tinha caído e machucado o nariz. Como o sangue não estancava, o pai o levava ao pronto-socorro. Eram sete e meia, e no elevador não havia vestígio de Lapècora, nem vivo nem morto.

À parte as viagens do defunto para cima e para baixo na qualidade de cadáver, a Montalbano, de volta ao comissariado, pareceu que: um, ele devia ter

sido uma boa pessoa, mas decididamente antipática; dois, tinha sido assassinado no elevador, entre as sete e trinta e cinco e as oito.

Se o assassino havia corrido o risco de ser surpreendido no elevador, com o morto, por algum morador, isso significava que o crime não tinha sido premeditado, mas cometido por impulso.

Não era muito, e o comissário pensou um pouquinho sobre aquilo. Depois, consultou o relógio. Já eram duas horas! Por isso ele sentia tanta fome. Chamou Fazio.

— Vou comer no Calogero. Se Augello chegar, diga pra ele ir me encontrar lá. Ah, escute: ponha alguém de guarda na porta do apartamento do finado. Ela não pode entrar antes de eu chegar.

— Ela, quem?

— A viúva Lapècora. As duas Piccirillo ainda estão aqui?

— Estão, doutor.

— Mande pra casa.

— E digo o quê?

— Que a investigação continua. Assim elas se cagam de medo, essas pessoas de bem.

Capítulo III

— O que eu posso lhe servir hoje?

— O que é que tem aí?

— O que o senhor quiser, como primeiro prato.

— Como primeiro, nada, prefiro uma refeição leve.

— Como segundo, temos albacora ao molho agri-doce e merluza ao molho de anchova.

— Anda se dedicando à alta cozinha, Calò?

— Às vezes me dá na telha, um capricho.

— Me traga uma porção farta de merluza. Ah, e pra esperar eu quero um belo prato de *antipasto di mare*.

Bateu-lhe uma dúvida. Aquilo era refeição leve? Deixou a resposta para lá e abriu o jornal. O pacotinho econômico que o governo ia baixar não seria de quinze, mas de vinte trilhões de liras. Com certeza haveria aumentos, entre eles o da gasolina e o dos cigarros. O desemprego no Sul atingira uma cifra que era até melhor não divulgar. Os sindicalistas do Norte, depois da greve fiscal, tinham decidido despejar os governadores provinciais, primeiro passo para a secessão. Trinta adolescentes de uma aldeia vizinha a Nápoles haviam violentado uma mocinha etíope, a aldeia os defendia, a negra não somente era preta como também puta. Um menino de oito anos tinha-se enforcado. Presos três traficantes cuja idade era, em média, de doze anos. Um rapaz de vinte havia explodido os miolos brincando de roleta-russa. Um velho de oitenta, enciumado...

— Olha aqui o antipasto.

Montalbano sentiu-se agradecido, mais uma notícia daquelas e seu apetite desapareceria. Depois chegaram as oito postas de merluza, porção claramente suficiente para quatro pessoas. Gritavam, as postas, em alegria por terem sido preparadas como Deus manda. À primeira farejada, o prato já demonstrava sua perfeição, alcançada com a justa quantidade de farinha de rosca, com o delicado equilíbrio entre anchova e ovo batido.

O comissário levou à boca a primeira garfada, mas não a engoliu logo. Deixou que o gosto se difundisse suave e uniformemente sobre a língua e o palato, que língua e palato se dessem conta plenamente do regalo que lhes era oferecido. Engoliu finalmente e, diante da mesa, materializou-se Mimì Augello.

— Senta aí.

Mimì Augello sentou-se.

— Também vou comer — disse.

— Faça o que achar melhor. Mas não fale, digo isso como um irmão e no seu próprio interesse, não fale por nenhuma razão no mundo. Se você me interromper enquanto eu como esta merluza, sou capaz de te degolar.

— Me traz *spaghetti alle vongole* — pediu Mimì, nem um pouco assustado, a Calogero, que vinha passando.

— Com ou sem o molho?

— Sem.

Enquanto esperava, Augello apoderou-se do jornal do comissário e começou a ler. Os spaghetti chegaram quando, por sorte, Montalbano já terminara a merluza, porque Mimì espargiu generosamente queijo parmesão sobre o prato. Jesus! Nem mesmo uma hiena, que é uma hiena e se alimenta de carniça, teria estômago para a ideia de um prato de *pasta alle vongole* com parmesão por cima!

— Qual foi o seu comportamento com o chefe de polícia?

— Como assim?

— E só pra saber se o que você lambeu nele foi o cu ou o saco.

— Mas o que lhe deu na cabeça?

— Mimì, eu te conheço. Você agarrou em pleno voo o caso do tunisino metralhado para poder aparecer.

— Fiz apenas o meu dever, já que ninguém conseguia encontrar você.

Augello achou pouco o parmesão e espalhou mais duas colheradas, moendo por cima um pouquinho de pimenta-do-reino.

— E no gabinete do governador, você entrou como, rastejando?

— Salvo, para com isso.

— E por quê? Afinal, você não perde oportunidade de me passar pra trás!

— Eu?! Passar você pra trás? Salvo, se eu realmente quisesse te passar pra trás, nestes quatro anos em que trabalhamos juntos, a esta hora você estaria dirigindo o comissariado mais perdido, na mais perdida aldeia da Sicília, enquanto eu seria, no mínimo, subchefe de polícia. Você, Salvo, sabe o que você é? Uma peneira perdendo água pelos seus muitos buracos. E eu não faço nada além de tapar o máximo de buracos que posso.

Tinha absoluta razão, e Montalbano, já desafogado, mudou de tom:

— Pelo menos me informe.

— Escrevi o relatório, está tudo lá. Um pesqueiro de alto-mar, o *Santopadre*, de Mazàra del Vallo, seis tripulantes, entre os quais um tunisino que estava embarcando pela primeira vez, coitado. A história de sempre, informar o quê? Uma patrulha tunisina manda parar, o barco não obedece e os caras atiram. Desta

vez, no entanto, foi diferente, porque teve o morto, e quem menos vai gostar disso serão os tunisinos. Porque pra eles só interessa sequestrar o pesqueiro e, pra liberar, receber uma barcaça de dinheiro do armador que negocia com o governo tunisino.

— E o nosso?

— O nosso o quê?

— O nosso governo, não entra no mérito da questão?

— Pelo amor de Deus! Resolver o assunto por vias diplomáticas leva muitíssimo tempo. Ao passo que, entenda, quanto mais o pesqueiro estiver sob sequestro, menos o armador ganha.

— Mas o que é que a tripulação tunisina ganha com isso?

— Um percentual, como os guardas urbanos de certas cidades nossas. Mas não oficialmente. O comandante do *Santopadre*, que também é o proprietário, disse que quem atacou ele foi a *Rameh*.

— O que é isso?

— Uma lancha de patrulha tunisina que se chama assim e é comandada por um oficial que se comporta como um verdadeiro pirata. Já que, desta vez, tem um morto na história, o nosso governo será obrigado a intervir. O governador pediu um relatório superminucioso.

— Mas por que vieram encher o nosso saco, em vez de se reportarem a Mazàra?

— O tunisino não morreu na hora, Vigàta era o porto mais próximo. Mas o pobrezinho não aguentou.

— Eles pediram socorro?

— Pediram à nossa patrulha *Raio*, aquela que está sempre fundeada em nosso porto.

— Como foi que você disse, Mimì?

— O que foi que eu falei?

— Você falou: fundeada. E deve ter escrito isso no relatório ao governador. Imagina só, minucioso como é esse cara! Você se fodeu com suas próprias mãos, Mimì.

— Eu devia ter escrito como?

— Atracada, Mimì. Fundeada significa ancorada em águas abertas. A diferença é fundamental.

— Ai, meu Deus!

Era sabido que o governador Dieterich, natural de Bolzano, não sabia distinguir uma balandra de um cruzador, mas Augello tinha caído e Montalbano regalou-se.

— Coragem. E que mais?

— A *Raio* não levou nem quinze minutos pra chegar ao local, mas não encontrou nada. Circulou pelas vizinhanças, sem resultado. Isso foi o que a Capitania soube pelo rádio. De qualquer modo, hoje à noite a nossa patrulha estará de volta, e vamos poder saber mais detalhes.

— Bah! — fez o comissário, em tom de dúvida.

— Como assim?

— Vejo o que é que nós e o nosso governo temos a ver com isso, se os tunisinos matam um tunisino.

Mimì Augello encarou-o, de boca aberta.

— Salvù, eu também digo umas besteiras de vez em quando, mas você, quando solta uma, é pior do que tiro de canhão.

— Bah! — repetiu Montalbano, não muito convencido de ter dito uma besteira.

— E sobre o morto daqui, aquele do elevador, o que você me conta?

— Não conto nada. Esse morto é meu. Você não pegou o tunisino? Então eu pego pra mim o de Vigàta.

“Deus permita que o tempo melhore”, pensou Augello. “Senão, quem é que aguenta este cara?”

— Alô, comissário Montalbano? Aqui é Marniti.

— Diga, major.

— Gostaria de avisar-lhe que o nosso comando decidiu, corretamente, em minha opinião, que o caso do pescueiro fique com a Capitania dos Portos de Mazàra. Portanto, o *Santopadre* deve zarpar imediatamente. Os senhores ainda têm algum levantamento a fazer na embarcação?

— Não creio. Mas penso que também nós, da polícia, deveremos nos adequar àquilo que o comando dos senhores sensatamente dispôs.

— Eu não ousava sugerir-lhe isso.

— Chefe, aqui é Montalbano. Queira me desculpar se...

— Alguma novidade?

— Não, nenhuma. É apenas um escrúpulo, como direi, processual. Acaba de me telefonar o major Marniti, da Capitania, pra informar que o comando deles resolveu que a investigação sobre o tunisino metralhado seja transferida para Mazàra. Então eu me pergunto se também nós...

— Entendi, Montalbano. Acho que o senhor tem razão. Vou telefonar imediatamente ao meu colega de Trapani e comunicar a ele que estamos saindo

do caso. Mazàra tem um subchefe de polícia competente, acho eu. Eles podem se encarregar de tudo. Era o senhor quem estava cuidando disso pessoalmente?

— Não, era o meu vice, o doutor Augello.

— Avise a ele que mandaremos para Mazàra o informe autóptico e os resultados da balística. E enviaremos cópias ao doutor Augello, para seu conhecimento.

Montalbano escancarou a porta da sala de Mimì Augello com um pontapé, esticou o braço direito, fechou o punho e apoiou a mão esquerda no antebraço direito.

— Aqui pra você, Mimì.

— O que significa?

— Significa que a investigação sobre o morto do pescador passa pra Mazàra. Você fica de mãos abanando e eu, não, eu continuo com o meu esfaqueado do elevador. Um a zero.

Sentiu-se de melhor humor. De fato, o vento desaparecera e o céu estava limpo.

Por volta das três da tarde, o agente Gallo, que tinha sido escalado para o plantão no apartamento do defunto Lapècora a fim de aguardar a chegada da viúva, viu abrir-se a porta dos Culicchia. O contador aproximou-se dele e comunicou, num cochicho:

— Minha mulher está cochilando.

Ouvida a notícia, Gallo não soube o que dizer.

— Eu sou Culicchia, o comissário me conhece. O senhor comeu?

Gallo, que estava roendo talo de capim ou, em outras palavras, sentia uma fome que lhe grudava o estômago às costelas, fez sinal de não com a cabeça.

O contador foi lá para dentro e dali a pouco voltou com um prato no qual havia um pão, um pedaço consistente de queijo cavalo, cinco fatias de salame e um copo de vinho.

— Este aqui é Corvo branco. O comissário comprou pra mim.

Meia hora depois, voltou.

— Trouxe o jornal, pro senhor passar o tempo.

Às sete e meia da noite, como a um sinal convencional, não havia sacada ou janela do prédio, do lado onde ficava o portão de entrada, que não tivesse

alguém observando o retorno de dona Antonietta Palmisano, ainda ignara de ser a viúva Lapècora. O espetáculo se dividiria em duas partes.

Primeira parte: após desembarcar do ônibus de Fiacca, aquele que chegava às sete e vinte e cinco, a senhora Palmisano apareceria no início da rua cinco minutos depois, oferecendo à visão de todos a compostura antipática de sempre, sem sequer imaginar que dali a pouco uma bomba explodiria sobre sua cabeça. Essa primeira parte era indispensável à total fruição da segunda (com rápido deslocamento do público, das janelas e sacadas para os corredores): ao ouvir do agente de guarda o motivo pelo qual ela não podia entrar em seu apartamento, a já agora viúva Lapècora daria início a uma cena de alta dramaticidade, arrancando-se os cabelos, vociferando gritos e dando tapas no peito, enquanto condoídos vizinhos tentariam inutilmente contê-la.

O espetáculo não aconteceu.

Não seria correto que a pobre senhora Palmisano, concluíram o segurança e sua mulher, soubesse do assassinato do marido por uma boca estranha. Vestidos para a ocasião, terno cinza-escuro ele, conjunto preto ela, postaram-se então nas proximidades do ponto do ônibus. Quando dona Antonietta desceu, adiantaram-se, harmonizando as faces com as cores dos respectivos trajés: cinza a dele, negra a dela.

— O que aconteceu? — perguntou, alarmada, dona Antonietta.

Não existe mulher siciliana de qualquer estirpe, nobre ou plebeia, a qual, passados os cinquenta, não espere o pior. Que pior? Qualquer um, mas sempre pior. Dona Antonietta não desmentiu a regra:

— Aconteceu alguma coisa com o meu marido?

Já que ela estava fazendo tudo, a Cosentino e esposa só restou servir-lhe de escada. Então abriram os braços, desconsolados.

E, aqui, dona Antonietta disse uma coisa que, pela lógica, não deveria dizer.

— Mataram ele?

De novo, os cônjuges Cosentino abriram os braços, e nada. A viúva balançou, mas aguentou firme.

Os espectadores, portanto, só assistiram a uma cena decepcionante: a senhora Lapècora, com um dos Cosentino à sua esquerda e outro à direita, conversava tranquilamente. Com riqueza de detalhes, explicava a operação a que se submetera sua irmã em Fiacca.

Às sete e trinta e cinco, ao escutar o elevador parando no andar, o agente Gallo, ignorando o que havia acontecido, ergueu-se do degrau em que se sentara, recapitulou o que iria dizer à pobre mulher e deu um passo à frente. A porta do elevador abriu-se e saiu um senhor.

— Giuseppe Cosentino, segurança. Considerando que a viúva Lapècora vai precisar esperar, vou levar ela pra minha casa. O senhor avise ao comissário. Eu moro no sexto.

O apartamento dos Lapècora estava em perfeita ordem. Sala de jantar-estar, quarto de dormir, gabinete, cozinha, banheiro: nada fora do lugar. Sobre a mesa do gabinete, a carteira do falecido, com todos os documentos e cem mil liras dentro. Portanto — raciocinou Montalbano —, Aurelio Lapècora se vestira para sair à rua e dirigir-se a algum lugar onde não precisaria nem de identificação nem de dinheiro. O comissário sentou-se na cadeira que havia atrás da mesa e abriu as gavetas, uma a uma. Na primeira da esquerda havia carimbos, velhos envelopes com o timbre “COMERCIAL AURELIO LAPÈCORA — IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO”, lápis, borrachas, esferográficas, selos fora de uso e dois molhos de chaves. A viúva explicou que eram as cópias das chaves de casa e do escritório. Na segunda, somente cartas amarelecidas, amarradas com barbante. A primeira gaveta da direita abrigava uma surpresa: uma Beretta nova, com dois carregadores de reserva e cinco caixas de munição. Lapècora, se quisesse, poderia ter feito uma carnificina. A última gaveta continha lâmpadas, lâminas de barbear, rolos de barbante, elásticos.

Montalbano mandou que Galluzzo, o qual tinha substituído Gallo, levasse a arma e a munição para o comissariado.

— Depois veja se a pistola foi registrada.

No gabinete pairava um perfume cor de palha queimada, agressivo, embora o comissário tivesse escancarado a janela logo ao entrar.

A viúva tinha ido sentar-se numa poltrona da sala. Mostrava-se absolutamente indiferente, parecia estar numa plataforma de embarque de alguma estação, à espera do trem.

Também Montalbano se sentou numa poltrona. Nessa hora, tocaram a campainha e dona Antonietta, instintivamente, fez menção de levantar-se. O comissário deteve-a com um gesto.

— Galluzzo, vá você.

A porta foi aberta, ouviram-se cochichos e o agente voltou.

— Tem um aí dizendo que mora no sexto andar. Quer falar com o senhor. Diz que é segurança.

Cosentino, de saída para o trabalho, envergava o uniforme.

— Desculpe incomodar, mas considerando que eu me lembrei de uma coisa...

— Pode falar.

— Veja o senhor: assim que desceu do ônibus e soube que o marido tava morto, dona Antonietta perguntou se ele tinha sido assassinado. Ora, se vierem me dizer que a minha mulher morreu, eu posso pensar em mil causas, menos em crime. A não ser que já tivesse imaginado essa possibilidade. Não sei se me expliquei.

— Explicou-se muito bem. Obrigado — fez Montalbano.

E voltou à sala. A senhora Lapècora parecia embalsamada.

— Tem filhos?

— Tenho.

— Quantos?

— Um.

— Mora aqui?

— Não.

— Faz o quê?

— Médico.

— Quantos anos?

— Trinta e dois.

— Convém avisá-lo.

— Vou avisar.

Gongo. Fim do primeiro round. Na continuação, a viúva tomou a iniciativa.

— Foi tiro?

— Não.

— Estrangulamento?

— Não.

— E como mataram ele no elevador?

— Faca.

— De cozinha?

— Provável.

A viúva se levantou, foi à cozinha — o comissário ouviu-a abrir e fechar uma gaveta —, voltou e sentou-se outra vez.

— Lá não tá faltando nada.

Montalbano passou ao contra-ataque.

— Por que achou que a faca podia ser sua?

— Um pensamento como qualquer outro.

— O que o seu marido fez ontem?

— O que fazia toda quarta-feira. Foi ao escritório. Ele ia às segundas, quartas e sextas.

— Qual era o horário?

— Das dez à uma, depois vinha comer, descansava um pouco, voltava às três e meia e ficava lá até às seis e meia.

— Em casa, ele fazia o quê?

— Plantava-se na frente da televisão e ficava ali.

— E nos dias em que não ia ao escritório?

— Na frente da televisão, do mesmo jeito.

— Então, hoje de manhã, sendo quinta, seu marido deveria ficar em casa.

— Pois é.

— Mas se vestiu pra sair.

— Pois é.

— Tem ideia de aonde ele ia?

— Não me disse nada.

— Quando a senhora saiu, seu marido estava acordado ou dormindo?

— Dormindo.

— Não lhe parece estranho que o seu marido, assim que a senhora saiu, tenha acordado logo, vestindo-se às pressas e...

— Pode ter recebido um telefonema.

— Ele mantinha ainda muitas relações de negócios?

— Negócios? Tinha encerrado a atividade comercial anos atrás.

— Então, por que ia regularmente ao escritório?

— Quando eu perguntava, ele respondia que era pra olhar as moscas. Era o que ele dizia.

— Então, a senhora afirma que ontem, depois que seu marido voltou do escritório, não aconteceu nada de anormal?

— Nada. Pelo menos, até às nove da noite.

— O que aconteceu depois das nove?

— Tomei dois comprimidos de tranquilizante. E dormi tão profundamente que a casa podia cair e eu não ia abrir o olho.

— Ou seja, se o senhor Lapècora tivesse recebido um telefonema ou uma visita depois das nove, a senhora não perceberia.

— Isso.

— Ele tinha inimigos?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Amigos?

— Um. O *cavaliere* Pandolfo. Eles se telefonavam às terças-feiras e iam bater papo no café Albanese.

— Tem alguma suspeita sobre quem possa...

Ela o interrompeu.

— Suspeita, não. Certeza.

Montalbano deu um pulo da poltrona e Galluzzo disse “caralho!”, mas baixinho.

— E quem seria?

— Quem foi, comissário? A amante. Chama-se Karima, com *k*. Uma tunisina. Eles se encontravam no escritório, às segundas, quartas e sextas. Aquela puta ia lá com a desculpa de fazer faxina.

Capítulo IV

O primeiro domingo do ano anterior tinha caído no dia cinco, a viúva disse que essa data fatal estava impressa em sua cabeça.

Bom, na saída da igreja, aonde tinha ido para a santa missa do meio-dia, a senhora Collura, proprietária de uma loja de móveis, aproximou-se dela.

— Por favor, diga ao seu marido que a encomenda dele chegou ontem.

— Que encomenda?

— O sofá-cama.

Dona Antonietta agradeceu e voltou para casa com uma broca, uma verruma a perfurar-lhe os miolos. Para quê seu marido queria um sofá-cama? Embora a curiosidade a devorasse viva, ela não perguntou nada a Arelio. Para resumir, aquele móvel jamais chegou à casa deles. Dois domingos mais tarde, foi dona Antonietta quem se aproximou da vendedora de móveis.

— Sabe? A cor do sofá-cama não combina com a pintura.

Tiro dado a esmo, mas que foi direto ao alvo.

— Minha senhora, ele disse que a cor devia ser verde-escuro, como o papel de parede.

O segundo aposento do escritório era verde-escuro; eis para onde aquele grandessíssimo safado havia mandado levar o sofá-cama!

No dia treze de junho, sempre do ano anterior, também essa data lhe estava gravada na memória, chegou a primeira carta anônima. Ao todo, foram três, entre junho e setembro.

— Pode me mostrar? — pediu Montalbano.

— Queimei todas. Não guardo porcarias.

As três cartas anônimas, compostas com letras recortadas de jornais, segundo a melhor tradição, diziam todas a mesma coisa: o seu marido Arelio, três vezes por semana, segunda, quarta e sexta, recebia um mulherão tunisino de nome Karima, conhecida como puta. Essa mulher aparecia na parte da manhã ou na da tarde dos dias pares. Às vezes comprava material de limpeza numa loja da mesma rua, mas todos sabiam que ela ia era encontrar Arelio para fazer coisas sujas.

— A senhora teve como fazer alguma... verificação? — perguntou diplomaticamente o comissário.

— Se eu me plantei em algum lugar pra ver quando aquela piranha entrava e saía do escritório do meu marido?

— Também.

— Não me rebaixo a essas coisas — disse, ativa, dona Antonietta. — Mas achei uma prova. Um lenço sujo.

— Vermelho de batom?

— Não — fez a viúva com certo esforço, as faces levemente vermelhas.

— E também uma cueca — acrescentou, mais vermelha ainda, depois de uma pausa.

Quando Montalbano e Galluzzo chegaram à Ladeira Granet, as três lojas da rua, que não era comprida, já estavam fechadas. Ao número 28 correspondia um prédio minúsculo: térreo elevado em três degraus em relação ao nível externo, primeiro e segundo andares. Ao lado do portão havia três placas. A primeira dizia: “AURELIO LAPÈCORA IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO — TÉRREO”; a segunda, “ORAZIO CANNATELLO, TABELIÃO”; a terceira, “ANGELO BELLINO — DIREITO COMERCIAL — ÚLTIMO PISO”. Os dois entraram com as chaves que o comissário havia apanhado na residência de Lapècora. O primeiro aposento era o escritório propriamente dito: uma escrivaninha grande, século XIX, de mogno negro; uma mesinha encimada por uma Olivetti anos 40; e quatro grandes estantes metálicas, abarrotadas de pastas velhas. Sobre a escrivaninha, um telefone que funcionava. As cadeiras eram cinco, mas uma, quebrada, estava a um canto, de pernas para o ar. No aposento ao lado... O aposento ao lado, o das paredes agora sabidamente verde-escuras, parecia não pertencer ao mesmo lugar: limpo e arrumado, amplo sofá-cama, televisão, extensão do telefone, som estéreo, carrinho com garrafas de licores variados, minigeladeira, um horrendo nu feminino, bundão ao vento, acima do sofá. Ao lado deste, um movelzinho baixo com um abajur imitando *liberty* e a gaveta lotada de camisinhas de todos os tipos.

— Quantos anos tinha o morto? — quis saber Galluzzo.

— Sessenta e três.

— Caramba! — fez o agente, com um assovio de admiração.

O banheiro era como o aposento verde-escuro: resplandecente, dotado de bidê anatômico, fone de parede, banheira com ducha, um espelho onde a pessoa podia se ver de corpo inteiro.

Voltaram à primeira sala. Revistaram as gavetas da escrivaninha, abriram algumas pastas. A correspondência mais recente remontava a pelo menos três anos antes.

Ouviram passos no andar de cima, na sala do tabelião Cannatello. O tabelião não estava, comunicou-lhes o secretário, indivíduo de uns trinta anos, alto e magro, ar desconsolado. Disse ainda que o pobre senhor Lapècora abria o escritório só para passar o tempo. Nos dias em que ele comparecia, uma bela tunisina vinha fazer a limpeza. Ah, já ia esquecendo: nos últimos meses, com uma certa frequência, vinha visitá-lo um sobrinho, pelo menos assim o apresentara o pobre senhor Lapècora, de uma vez em que os três se encontraram no portão. Era um homem de seus trinta, moreno, alto, bem-vestido, dirigia uma BMW cinza-metálico. Devia ter morado muito tempo no exterior, esse sobrinho, porque falava italiano com um sotaque esquisito. Não, não sabia nada sobre a placa da BMW, não prestara atenção. De repente, o secretário fez uma expressão de quem examina a própria casa devastada por um terremoto. Disse que, sobre aquele crime, tinha opinião definida.

— Ou seja? — perguntou Montalbano.

Devia ter sido o mesmo rapagão, querendo dinheiro para drogas.

Galluzzo e o comissário desceram e, do telefone do escritório, este chamou dona Antonietta.

— Desculpe, mas por que não me disse que os senhores tinham um sobrinho?

— Porque nunca tivemos.

— Vamos voltar ao escritório — disse Montalbano, já a dois passos do comissariado. Galluzzo não se atreveu a perguntar nem por quê nem para quê. No banheiro do aposento verde-escuro, o comissário mergulhou o nariz na toalha de mão, cheirou-a profundamente e depois começou a procurar no armariozinho ao lado da pia. Havia um vidrinho de perfume, Volupté. Ele estendeu-o a Galluzzo.

— Passe em você.

— Onde?

— No cu — foi a inevitável resposta.

Galluzzo esfregou um pouquinho de Volupté numa bochecha. Montalbano grudou ali o nariz e aspirou. Isto mesmo, era o perfume cor de palha queimada que ele sentira no gabinete da casa de Lapècora. Para ter certeza, repetiu o gesto.

Galluzzo sorriu:

— Doutor, se vissem a gente aqui, deste jeito... sabe lá o que iam pensar.

Sem responder, o comissário foi até o telefone.

— Alô? Desculpe incomodar outra vez. Seu marido usava algum perfume? Não? Obrigado.

Galluzzo adentrou o gabinete de Montalbano.

— A Beretta de Lapècora foi registrada em oito de dezembro do ano passado. O falecido tinha que deixar ela em casa, porque não tinha porte de arma.

Alguma coisa — pensou o comissário — devia tê-lo preocupado naquele período, para que ele se resolvesse a comprar uma arma.

— A gente faz o quê com a pistola?

— Deixa aqui conosco. Gallù, toma as chaves do escritório. Amanhã de manhã cedo você vai, entra e espera lá dentro. Procure não ser visto. Se a tunisina não souber nada do que aconteceu, amanhã, é sexta, ela se apresenta normalmente.

Galluzzo fez uma careta.

— Difícil ela não saber de nada.

— Por quê? Quem vai contar?

Ao comissário pareceu que Galluzzo estava desesperadamente tentando andar para trás.

— Bem, o senhor sabe como é, essas coisas circulam...

— Será que você, assim por acaso, não andou falando com o seu cunhado jornalista? Olha que, se foi isso...

— Comissário, eu juro. Não falei nada com ele.

Montalbano acreditou. Galluzzo não era homem de mentiras.

— De qualquer maneira, vá ao escritório do mesmo jeito.

— Montalbano? Jacomuzzi. Queria pôr você ao corrente quanto aos resultados de nossas análises.

— Ah, meu Deus, Jacomù, espera só um instantinho, meu coração disparou como louco. Meu Deus, que emoção! Pronto, estou um pouquinho mais calmo. Ponha-me ao corrente, como diz você em seu incomparável burocratês.

— Bom, sem precisar repetir que você é um imbecil incurável, a pontinha de cigarro era uma guimba comum, de Nazionale sem filtro, na poeira recolhida do piso do elevador não tinha nada de anormal e, quanto ao pedacinho de madeira...

— ... era apenas um fósforo de cozinha.

— Exato.

— Estou sem fôlego, praticamente tendo um infarto! Você me revelou o assassino!

— Montalbano, vá se foder.

— Melhor do que escutar você. O que é que tinha nos bolsos dele?

— Um lenço e um chaveiro.

— E sobre a faca, o que me diz?

— De cozinha, muito usada. Entre a lâmina e o cabo, tinha uma escama de peixe.

— E você não foi em frente? Era escama de trilha ou de bacalhau? Pesquise mais, não me deixe nesta ansiedade.

— Mas por que isso é tão importante?

— Jacomù, tente acionar seu cérebro. Se por acaso a gente estivesse no deserto do Saara e você viesse me dizer que achou uma escama de peixe na faca que matou um turista, isso poderia, eu disse poderia, dar alguma pista. Mas, num lugar como Vigàta, onde, em vinte mil habitantes, dezenove mil novecentos e setenta comem peixe, que significado pode ter?

— E os outros trinta não comem por quê? — perguntou Jacomuzzi, impressionado e curioso.

— Porque ainda estão mamando.

— Alô? Aqui é Montalbano. Me chame por favor o doutor Pasquano.

— Um momentinho, fique na linha.

Montalbano teve tempo de começar a cantarolar: “Quero te dizeer / que sempre fui eeu....”.

— Alô, comissário? O doutor manda pedir desculpas, mas tá fazendo a autópsia daqueles dois encabrestados de Costabianca. Disse que, no caso do morto do senhor, esse aí tinha saúde pra dar e vender, ia viver cem anos se não matassem ele antes. Uma facada só, com mão firme. O fato aconteceu entre sete e oito de hoje de manhã. Mais alguma coisa?

Na geladeira, Montalbano encontrou massa com brócolis, que pôs no forno para esquentar. Como segundo prato, Adelina havia preparado enroladinho deatum. Lembrando-se de que, no almoço, tinha feito uma refeição ligeira, sentiu-se no dever de comer tudo. Depois ligou a televisão e sintonizou na Retelibera, uma boa emissora provincial na qual trabalhava o seu amigo Nicolò Zito, ruivo de cabelo e de ideias. Zito comentava o episódio do tunisino assassinado no *Santopadre*, enquanto o cinegrafista dava um close nos buracos que crivavam a cabine de comando e numa mancha escura na madeira, a qual podia ser de sangue. De repente, surgiu Jacomuzzi, ajoelhado, a examinar alguma coisa com uma lente de aumento.

— Palhaço! — fez Montalbano, passando à Televigàta, aquela onde trabalhava Prestia, cunhado de Galluzzo. Também desta vez apareceu

Jacomuzzi, só que não no barco pesqueiro: agora, fingia pegar impressões digitais dentro do elevador onde Lapècora tinha sido assassinado. Montalbano praguejou, levantou-se e jogou um livro na parede. Eis por que Galluzzo fora reticente: ele sabia que a notícia se espalhara e não tivera coragem de contar. Seguramente, fora Jacomuzzi quem havia avisado aos jornalistas, para aparecer. Não fazia por menos, o exibicionismo desse homem atingia alturas só encontráveis em certos atores medíocres ou em certos escritores com cento e cinquenta exemplares de tiragem.

Agora surgia na telinha Pippo Ragonese, comentarista político da emissora. Queria falar, disse ele, da covarde agressão tunisina ao nosso barco, que tranquilamente pescava em nossas águas territoriais, vale dizer no sagrado solo da pátria. Solo certamente não era, porque se tratava de mar, mas pátria, sim. Um governo menos pusilânime do que o atual, dominado pela extrema esquerda, certamente reagiria com dureza a uma provocação que...

Montalbano desligou o televisor.

O nervoso que o atacara ao ver aquela ideia de jerico de Jacomuzzi não queria passar. Sentado na varandinha que dava para a praia, olhando o mar à luz da lua, Montalbano fumou três cigarros seguidos. Talvez a voz de Livia o acalmasse, e ele conseguisse se deitar e pegar no sono.

— Alô, Livia, tudo bem?

— Mais ou menos.

— Tive um dia pesado.

— Ah, foi?

Que diabo tinha Livia? Depois, lembrou-se que o telefonema matinal havia terminado de maneira infeliz.

— Liguei pra pedir desculpas pela minha grosseria. E não só por isso. Se você soubesse a falta que me faz...

Teve uma leve suspeita de estar exagerando.

— Você sente mesmo falta de mim?

— Sim, muita.

— Escuta, Salvo, sábado de manhã eu pego o avião e um pouquinho antes do almoço estou em Vigàta.

Apavorou-se: só faltava Livia.

— Mas não, amor, pra você é um transtorno...

Quando encasquetava, Livia era pior do que uma calabresa. Tinha falado sábado de manhã, e sábado de manhã chegaria. Montalbano disse a si mesmo

que, no dia seguinte, precisava ligar para o chefe de polícia. Adeus, massa ao molho de sépia!

Por volta das onze da manhã seguinte, já que no gabinete não acontecia nada, o comissário dirigiu-se preguiçosamente à Ladeira Granet. A primeira loja era uma padaria, funcionava ali já fazia seis anos. O padeiro e o ajudante haviam sabido, sim, um senhor que mantinha escritório no número 28 tinha sido assassinado, mas não o conheciam, jamais tinham visto. Não era possível, e Montalbano insistiu nas perguntas, assumindo cada vez mais um ar de tira, até dar-se conta de que Lapècora, para ir de casa até o escritório, percorria o trecho da rua oposto àquele. E, de fato, no minimercado do número 26, todos conheciam, e como!, o pobre senhor Lapècora. Conheciam inclusive a tunisina, como se chamava, Karima, bela mulher, e voaram alguns olharezinhos, alguns sorrisinhos entre o proprietário e seus empregados. Meu Deus, a mão no fogo não podiam botar, mas o senhor compreende, comissário, uma moça tão bonita, sozinha na casa com um homem como o pobre Lapècora, que aguentava tão bem a sua idade... Sim, ele tinha um sobrinho, um cara arrogante, presunçoso, que às vezes deixava o carro estacionado bem na porta do mercadinho, tanto que uma vez a senhora Micciché, arrastando seus cento e cinquenta quilos, tinha ficado entalada entre o carro e a porta da loja... Não, a placa, não. Se fosse como aquelas de antigamente, quando PA significava Palermo e MI, Milão, ainda vá lá, a história seria outra.

O terceiro e último estabelecimento da Ladeira Granet vendia eletrodomésticos. O proprietário, Angelo Zircone, como dizia a tabuleta, estava atrás do balcão, lendo o jornal. Claro que conhecia o coitado, a loja estava ali havia dez anos. Quando o senhor Lapècora passava, nos últimos anos somente às segundas, quartas e sextas, sempre cumprimentava. Uma pessoa tão boa, que coisa. Sim, via inclusive a tunisina, bela mulher. Sim, o sobrinho também, às vezes. O sobrinho e o amigo do sobrinho.

— Que amigo? — perguntou Montalbano, apanhado de surpresa.

Resultou que o senhor Zircone tinha visto esse amigo pelo menos três vezes: chegava com o sobrinho e entrava no 28 junto com ele. Uns trinta anos, alourado, meio para o gordinho. Mais, não sabia dizer. A placa do carro? Está brincando? Com essas placas que a gente não sabe se o cara é turco ou cristão? Uma BMW cinza-metálico e só, se dissesse mais alguma coisa seria inventada.

O comissário tocou a campainha do escritório. Galluzzo, atrás da porta, evidentemente estava a matutar sobre como devia agir.

— Sou eu, Montalbano.

A porta abriu-se imediatamente.

— A tunisina ainda não apareceu — informou Galluzzo.

— Nem vai aparecer. Você tinha razão, Gallù.

O agente baixou os olhos, confuso.

— Quem foi que espalhou a notícia?

— O doutor Jacomuzzi.

Para ocupar seu tempo de plantão, Galluzzo tinha-se organizado. Apoderando-se de uma pilha de velhos exemplares da *Venerdì di Repubblica*, que o senhor Lapècora guardava organizadamente numa prateleira da estante, a que estava menos cheia de pastas, espalhara-os sobre a escrivaninha, em busca de páginas que mostrassem mulheres mais ou menos nuas. Depois desistira de olhá-los e começara a fazer as palavras cruzadas de uma revista já amarelecida.

— Vou ter que ficar aqui o dia inteiro? — perguntou, tristonho.

— Acho que sim, coragem. Escuta, eu vou ali, aproveitando o banheiro de Lapècora.

Não era frequente isso de ir fora do horário, talvez a raiva que sentira na noite anterior, ao ver Jacomuzzi fazer cenas na tevê, tivesse alterado o ritmo de sua digestão.

Sentou-se no vaso, soltou o ritualístico suspiro de satisfação e, naquele exato momento, sua mente trouxe à luz alguma coisa que ele vira minutos antes e à qual não dera valor algum.

Deu um pulo e correu para a sala ao lado, segurando a meia altura, com uma das mãos, a cueca e a calça.

— Parado! — intimou a Galluzzo, que, com o susto, ficou branco como um morto e, instintivamente, botou as mãos para o alto.

Estava ali, bem junto ao cotovelo de Galluzzo: um “erre” preto, em negrito, cuidadosamente recortado de alguma página de jornal. Não, de jornal, não: de revista, o papel era cuchê.

— O que foi que aconteceu? — conseguiu articular Galluzzo.

— Pode ser tudo e pode não ser nada — respondeu o comissário, como se fosse a sibila de Cumas.

Puxou as calças para cima, afivelou o cinto, deixando a braguilha aberta, e pegou o telefone.

— Desculpe incomodar. Qual foi mesmo a data em que a senhora recebeu a primeira carta anônima?

— Treze de junho do ano passado.

Montalbano agradeceu e desligou.

— Me dá uma mãozinha, Gallù. Vamos botar na ordem todos os números desta revista e ver se estão faltando páginas.

Os dois acharam o que procuravam: o número de sete de junho era o único do qual haviam sido arrancadas duas páginas.

— Vamos continuar — disse o comissário.

No exemplar de trinta de julho faltavam duas páginas; o mesmo valia para o de primeiro de setembro.

As três cartas anônimas tinham sido montadas ali, no escritório.

— Com licença — fez Montalbano, educadamente.

Galluzzo ouviu-o cantarolar, sentado no vaso.

Capítulo V

— Chefe? Montalbano. Estou ligando para dizer que realmente lamento, mas amanhã à noite eu não vou poder jantar com o senhor.

— Lamenta porque nós não vamos nos ver ou pela massa ao molho de sépia?

— Pelas duas coisas.

— Se for por um compromisso de trabalho, eu não posso...

— Não, não é compromisso de trabalho... O fato é que vem passar um dia comigo a minha...

Noiva? Parecia coisa do século passado. Namorada? Com a idade que os dois tinham?

— Mulher? — sugeriu o chefe de polícia.

— Exatamente.

— A senhorita Livia Burlando deve querer muito bem ao senhor, para se sujeitar a uma viagem tão demorada e aborrecida.

Montalbano nunca tinha falado de Livia com o seu superior, que oficialmente devia ignorar a existência dela. Nem mesmo quando ele esteve no hospital, depois de levar um tiro, a moça e o chefe de polícia tinham-se encontrado.

— Escute — disse o chefe. — Por que o senhor não a apresenta a nós? Minha mulher gostaria muito. Venham os dois, amanhã à noite.

A comilança de sábado estava salva.

— Estou falando com o comissário? Pessoalmente?

— Sim, sou eu.

— Gostaria de lhe dizer uma coisa a respeito do homem que assassinaram ontem de manhã.

— A senhora o conhecia?

— Sim e não. Nunca nos falamos. Eu só soube como era o nome dele pelo telejornal de ontem à noite.

— A senhora considera realmente importante isso que gostaria de me dizer?

— Acho que sim.

— Pois muito bem. Passe aqui no comissariado hoje à tarde, ali pelas cinco.

— Não posso.

— Bom, então amanhã.

- Nem amanhã. Eu sou paralítica.
- Entendo. Então vou eu à sua casa, posso ir até mesmo agora.
- Estou sempre em casa.
- Qual é o endereço?
- Ladeira Granet, 23. Meu nome é Clementina Vasile Cozzo.

Enquanto fazia o trajeto até o local do encontro, Montalbano ouviu que alguém o chamava. Era o major Marniti, sentado a uma mesa do café Albanese, acompanhado de um oficial mais jovem.

— Quero lhe apresentar o tenente Piovesan, comandante da patrulha *Raio*, aquela que...

— Montalbano, prazer — fez o comissário. Mas não sentia prazer nenhum, já conseguira se livrar daquela história do pescueiro, por que continuavam a metê-lo no meio?

- Tome um café conosco.
- Realmente, eu tenho um compromisso.
- Só cinco minutinhos.
- Está bem, mas sem café.

Sentou-se.

- Fale o senhor — disse Marniti a Piovesan.
- Cá com meus botões, acho que é tudo mentira.
- O que que é mentira?

— Pra mim essa história do pescueiro não convence. Recebemos o pedido de socorro do *Santopadre* à uma da madrugada, ele deu a posição e disse que estava sendo seguido pela patrulha *Rameh*.

— Qual era a posição? — informou-se o comissário, contra a própria vontade.

- Um pouquinho fora das nossas águas territoriais.
- Aí vocês correram pra lá.
- Na verdade, quem devia ir era a patrulha *Relâmpago*, que estava mais perto deles.

— E por que a *Relâmpago* não foi?

— Porque, uma hora antes, tinha recebido um SOS de um pescueiro que estava fazendo água por um buraco no casco. Atrás da *Relâmpago* foi a *Trovão*, e assim um bom trecho do mar ficou desguarnecido.

“Raio, relâmpago, trovão: é sempre tempo ruim para a marinha”, pensou Montalbano. Mas disse apenas:

- Naturalmente, não encontraram nenhum pescueiro em dificuldade.

— Naturalmente. E também eu, quando cheguei, não encontrei sinal nem do *Santopadre* nem da *Rameh*, que naquela noite, aliás, seguramente não estava em serviço. Não sei o que dizer, mas desconfio.

— De quê? — perguntou Montalbano.

— De contrabando — respondeu Piovesan.

O comissário levantou-se e abriu os braços, encolhendo os ombros:

— Mas o que é que a gente pode fazer? O pessoal de Trapani e Mazàra avocou a si o inquérito.

Ator consumado, Montalbano.

— Comissário! Doutor Montalbano! — Alguém o chamava de novo. Será que ele tinha chance de chegar antes do anoitecer à casa da senhora, ou senhorita, Clementina? Virou-se: era Gallo, que o seguia.

— O que foi?

— Nada, não. Já que eu vi o senhor, aí chamei.

— Vai aonde?

— Galluzzo me ligou do escritório de Lapècora. Estou indo comprar uns sanduichinhos pra ir fazer companhia a ele.

O número 23 da Ladeira Granet ficava exatamente em frente ao 28, as duas casas eram idênticas.

Clementina Vasile Cozzo era uma mulher de setenta anos, muito bem-vestida. Ficava numa cadeira de rodas. O apartamento estava limpíssimo, tudo brilhava. Seguida por Montalbano, ela foi instalar-se junto a uma janela com cortinas. Fez sinal ao comissário para puxar uma cadeira e sentar-se diante dela.

— Eu sou viúva — começou —, mas o meu filho Giulio não me deixa faltar nada. Fui professora primária, mas já me aposentei. Meu filho me paga uma empregada que cuida de mim e da casa. Ela vem três vezes por dia, de manhã, ao meio-dia e à noite, quando eu vou dormir. A minha nora, que gosta de mim como se fosse filha de verdade, passa por aqui pelo menos uma vez por dia, e Giulio faz o mesmo. Tirando esta desgraça que me aconteceu há seis anos, não posso me queixar. Ouço rádio, assisto à televisão e, principalmente, leio. Viu ali?

Ela apontou duas estantes cheias de livros.

Quando a senhora, e não senhorita, agora tinha certeza, iria decidir-se a entrar no assunto?

— Fiz esta introdução toda para deixar claro que eu não sou uma bisbilhoteira, dessas que passam o tempo espiando o que os outros fazem. Mas,

de vez em quando, a gente vê as coisas, mesmo quando não quer ver.

Tocou o telefone sem fio, que ficava sobre uma prateleirinha acoplada ao braço da cadeira de rodas.

— Giulio? Sim, o comissário está aqui. Não, não estou precisando de nada. Até mais tarde.

Olhou Montalbano com um sorriso.

— Giulio era contrário a este nosso encontro. Não queria que eu me imiscuísse, me intrometesse em coisas que, segundo ele, não me interessam. Durante décadas, as pessoas de bem daqui não fizeram nada além de repetir que a máfia não era assunto delas, e sim dos mafiosos. Mas eu sempre ensinei aos meus alunos que o “não vi não sei” era o pior dos pecados mortais. E agora, que me cabe contar aquilo que vi, eu vou dar para trás?

Calou-se e suspirou. Montalbano gostava cada vez mais de dona Clementina Vasile Cozzo.

— O senhor precisa me desculpar, estou divagando. Durante quarenta anos, como professora, eu falava sem parar. Ficou o hábito. Levante-se.

Montalbano obedeceu, como bom aluno.

— Fique atrás de mim e incline-se até à altura da minha cabeça.

Quando o comissário ficou tão próximo que parecia estar cochichando no ouvido dela, dona Clementina afastou a cortina.

A impressão era a de estar bem lá dentro, no primeiro aposento do escritório de Lapècora, porque a musselina, aplicada diretamente sobre os vidros da janela, era leve demais para servir de vedação. Gallo e Galluzzo estavam comendo sanduichinhos que, na verdade, eram metades de enormes pães. Uma garrafa de vinho também pela metade, com dois copos de papel. A janela de dona Clementina ficava um pouquinho mais alta que a outra e, por um curioso efeito de perspectiva, os dois agentes e os objetos que estavam no aposento resultavam ligeiramente ampliados.

— No inverno, quando acendiam a luz, via-se melhor — comentou ela, soltando a cortina.

Montalbano voltou a sentar-se.

— Afinal, o que foi que a senhora viu?

Clementina Vasile Cozzo contou.

Terminado o relato, o comissário já ia despedir-se quando ouviu abrirem e fecharem a porta da casa.

— Chegou a empregada — disse dona Clementina.

Entrou uma mocinha de uns vinte anos, baixinha e esperta, de ar severo, que severamente observou o intruso.

— Tudo em ordem? — perguntou, desconfiada.

— Sim, tudo em ordem.

— Então eu vou pra cozinha botar a água no fogo — disse a moça. E saiu, ainda intranquila.

— Bom, minha senhora, eu lhe agradeço e.... — principiou o comissário, erguendo-se.

— Por que não fica pra jantar comigo?

Montalbano sentiu seu estômago empalidecer. Dona Clementina era uma boa pessoa, muito agradável e tudo, mas devia alimentar-se à base de semolina e batatas cozidas.

— Realmente, eu tenho tanta coisa pra...

— Pina, a empregada, é uma excelente cozinheira, pode acreditar. Hoje preparou massa à Norma, sabe qual? Aquela com berinjelas fritas e ricota salgada.

— Jesus! — fez Montalbano, voltando a sentar-se.

— E, como segundo, um guisado.

— Jesus! — repetiu Montalbano.

— Por que esse espanto todo?

— Não é uma comida um tantinho pesada para a senhora?

— E por quê? Eu tenho um estômago que uma garota de vinte anos não tem, daquelas que atravessam o dia inteiro com meia maçã e um suco de cenoura. Será que o senhor é da mesma opinião do meu filho Giulio?

— Não tenho o prazer de conhecer essa opinião.

— Ele diz que, na minha idade, não é decoroso comer essas coisas. E me considera um pouco desavergonhada. Acha que eu devia me aguentar à base de mingauzinhos. Então, o que o senhor resolve, fica?

— Fico — respondeu o comissário, decidido.

Montalbano atravessou a rua, subiu os três degrauzinhos e bateu à porta do escritório. Gallo veio abrir.

— Revezei com Galluzzo — explicou. E, a seguir: — Doutor, o senhor veio do comissariado?

— Não. Por quê?

— Fazio ligou pra cá pra saber se a gente tinha visto o senhor. Está lhe procurando, tem uma coisa importante pra lhe dizer.

O comissário correu ao telefone.

— Comissário, eu tomei a liberdade porque acho que essa notícia é coisa séria. Lembra que ontem à noite o senhor me mandou transmitir um aviso de busca daquela tal de Karima? Pois é, meia hora atrás me ligou de Montelusa o doutor Mancuso, da Imigração. Disse que, por acaso, conseguiu saber onde mora a tunisina.

— Diga.

— Ela mora em Villaseta, rua Garibaldi 70.

— Vou indo praí, e a gente segue junto.

À porta do comissariado, deteve-o um quarentão bem-vestido.

— Doutor Montalbano?

— Sou eu, mas estou sem tempo.

— Estou esperando há duas horas. Os seus auxiliares não sabiam se o senhor viria ou não. Eu sou Antonino Lapècora.

— O filho? O médico?

— Sim.

— Meus sentimentos. Pode entrar. Mas só cinco minutos.

Fazio se aproximou.

— O carro está pronto.

— A gente sai dentro de cinco minutos. Primeiro eu vou falar com este senhor.

Entraram no gabinete. O comissário convidou o médico a sentar-se e se instalou atrás da escrivaninha.

— Pode falar.

— Pois é, comissário, faz uns quinze anos que eu moro em Valledolmo, onde exerço a minha profissão. Sou pediatra. Me casei em Valledolmo. Em suma, faz tempo que, inevitavelmente, as minhas relações com os meus pais foram se distanciando. Aliás, a intimidade entre nós nunca foi mesmo muito grande. Passávamos juntos as festas religiosas, claro, e, a cada quinze dias, um telefonema. Por isso, fiquei muito surpreso quando, em primeiro de outubro do ano passado, recebi uma carta de papai. Esta aqui.

O médico meteu a mão no bolso, tirou a carta e estendeu-a ao comissário.

Querido Nino,

Sei que esta carta irá surpreendê-lo. Procurei não deixar que você soubesse nada sobre uma história na qual me vi envolvido, e que neste momento ameaça tornar-se uma coisa muito grave para mim. Agora, no entanto, percebo que não posso mais continuar assim. Preciso

absolutamente da sua ajuda. Venha logo. E não fale com sua mãe sobre estas linhas. Beijos.

PAPAI

— E o senhor fez o quê?

— Pois é, dois dias depois eu tinha que seguir para Nova York... Fiquei fora durante um mês. Na volta, telefonei a papai, perguntando se ele ainda precisava de mim, e ele disse que não. Depois nos encontramos pessoalmente, mas ele não voltou ao assunto.

— Chegou a fazer alguma ideia sobre qual seria a história perigosa que seu pai mencionou?

— Na época, pensei que se relacionasse com a firma que ele tinha pensado em reabrir, apesar da minha opinião decididamente contrária. Chegamos a brigar. Além disso, mamãe havia insinuado uma relação de papai com uma mulher que o obrigava a despesas excessivas...

— Pode parar por aqui. Então, o senhor se convenceu de que a ajuda pedida pelo seu pai consistiria principalmente num empréstimo, ou algo assim?

— Para ser sincero, sim.

— E não interveio, apesar do tom preocupado e preocupante da carta.

— Pois é, veja...

— Ganha bem, doutor?

— Não posso me queixar.

— Me satisfaça uma curiosidade: por que quis me mostrar a carta?

— Porque, depois do assassinato, a perspectiva muda. Achei que ela podia ser útil às investigações.

— Não, não é — fez Montalbano, calmamente. — Pode pegar e guardar. Tem filhos, doutor?

— Um. Calogerino, quatro anos.

— Faço votos de que o senhor nunca venha a precisar do seu filho.

— Por quê? — perguntou, desconcertado, o doutor Antonino Lapècora.

— Porque, se o bom sangue não mente, o senhor estaria fodido.

— Mas como se permite?

— Se o senhor não desaparecer daqui em dez segundos, mando prendê-lo com um pretexto qualquer.

O doutor escapuliu tão precipitadamente que derrubou a cadeira na qual estivera sentado.

Aurelio Lapècora tinha pedido desesperadamente ajuda ao filho, que havia estendido o oceano entre ele mesmo e o pai.

Até trinta anos antes, Villaseta consistia numas vinte casas, ou melhor, cabanas, dispostas, dez de cada lado, na metade da provincial Vigàta-Montelusa. Nos anos do boom econômico, porém, ao frenesi edilício (sobre o qual pareceu basear-se constitucionalmente o nosso país: “A Itália é uma República fundada no trabalho edilício”) seguiu-se o delírio viário, de modo que Villaseta se vira transformada no ponto de interseção de três estradas de trânsito veloz, uma via expressa, uma assim chamada “alça”, duas provinciais e três interprovinciais. Algumas dessas rodovias reservavam ao incauto viajante forasteiro, depois de alguns quilômetros de paisagem turística, *guardrails* oportunamente pintados de vermelho nos pontos onde haviam sido assassinados juízes, policiais civis e militares, guardas fiscais e até carcerários, a surpresa de terminarem inexplicavelmente (ou demasiado explicavelmente) contra o flanco de uma colina absolutamente desolada, a ponto de levantar a suspeita de que o lugar jamais havia sido pisado por pés humanos. Outras, ao contrário, iam acabar repentinamente à beira-mar, na praia de areia dourada e fina, sem uma casa à vista nem um navio na fímbria do horizonte, com imediata queda do desprevenido viajante na síndrome de Robinson.

Villaseta, que desde sempre obedeceu ao seu instinto primário de dispor as casas às margens de qualquer estrada, em breve tinha se tornado uma enorme aldeia, espalhada e labiríntica.

— Vá a gente agora achar essa rua Garibaldi, só quero ver! — lamentou-se Fazio, que estava ao volante.

— Qual é a parte mais periférica de Villaseta? — informou-se o comissário.

— Aquela ao lado da estrada pra Butera.

— Vamos lá.

— Como é que o senhor sabe que a rua Garibaldi fica praqueles lados?

— Vai por mim.

Montalbano sabia que não estava enganado. Por observação direta, concluía que, nos anos imediatamente anteriores ao já citado milagre econômico, a zona central de qualquer aldeia ou cidade tinha suas ruas atribuídas, por obrigação homenagem, aos pais da pátria (tipo Mazzini, Garibaldi, Cavour), aos velhos políticos (Orlando, Sonnino, Crispi) e aos clássicos (Dante, Petrarca, Carducci; Leopardi, nem tanto). Depois do boom, a toponomástica havia mudado: os pais da pátria, os velhos políticos e os clássicos tinham ido parar na periferia, enquanto, no centro, ficavam agora Pasolini, Pirandello, De Filippo, Togliatti, De Gasperi e o indefectível Kennedy (subentendido John, e não Bob, embora Montalbano, numa aldeiazinha perdida dos Nebrodi, tivesse certa vez dado de cara com uma praça “Irm. Kennedy”).

Desta vez, no entanto, o comissário acertou de um lado e errou de outro. Acertou porque, ao longo da estrada para Butera, acontecera, conforme previsto, o deslocamento centrífugo dos nomes históricos. Mas errou porque as ruas daquele, digamos assim, bairro eram encabeçadas não pelos pais da pátria, mas, vá-se saber por quê, por Verdi, Bellini, Rossini e Donizetti. Desanimado, Fazio decidiu pedir informações a um velho camponês que passava, numa carroça cheia de galhos secos. Só que o jumento resolveu não parar, e Fazio foi obrigado a acompanhá-lo, em velocidade mínima.

— Por favor, Garibaldi, a rua?

O velho pareceu não ter escutado.

— Garibaldi, a rua? — repetiu Fazio, mais alto.

O velho virou-se e olhou o forasteiro com um ar enfurecido.

— Caribardi, rua? O senhor vem dizer “rua” pra Caribardi, com esse bordel todo aconteceno puraqui? “Rua”, nada! Caribardi terá mais é que vortar correndo, pra rasgar o rabo dessa cambada de filhos de uma puta!

Capítulo VI

A rua Garibaldi, afinal localizada, confinava com o campo ressequido, incultivado, aqui e ali interrompido por alguma mancha verde de hortazinhas maltratadas. O número 70 era um casebre de taipa sem reboco. Dois cômodos: no de baixo entrava-se por uma porta um tanto baixa, com uma janelinha ao lado; ao de cima, que dispunha de uma sacadazinha, chegava-se por uma escada externa. Fazio bateu à porta e pouco depois veio abrir uma velha que envergava um camisão, a *gallabiya*, gasto mas limpo. Ao ver os dois, ela prorrompeu numa chuva de termos árabes, com frequência interrompidos por gritinhos surdos.

— Nada feito! — comentou Montalbano, irritado, desanimando repentinamente (o céu tinha ficado levemente nublado).

— Espera aí, espera aí — disse Fazio à velha, estendendo à frente as palmas das mãos, no gesto internacional que significa parar. A velha entendeu e calou-se na hora.

— Ka-ri-ma? — perguntou Fazio e, temendo não haver pronunciado corretamente o nome, rebolou, enquanto alisava uma tão volumosa quanto imaginária cabeleira. A velha riu.

— Karima! — disse, e apontou o cômodo de cima com o indicador.

Fazio à frente, Montalbano atrás e a velha, a soltar gritos incompreensíveis, fechando a fila, subiram a escada externa. Fazio bateu e ninguém respondeu. Os guinchos da velha ficaram mais fortes. Fazio bateu de novo. Resolutamente, a velha afastou o comissário ultrapassou-o, puxou Fazio para o lado, plantou-se de costas para a porta, imitou Fazio, alisando os cabelos e rebolando, fez o gesto que em mímica significa ir embora, abaixou a mão direita com a palma para o chão, ergueu-a, abriu os dedos e repetiu o gesto de ir embora.

— Ela tem um filho? — espantou-se o comissário.

— Foi embora com um filho de cinco anos, se entendi direito — confirmou Fazio.

— Quero saber mais — disse Montalbano. — Ligue pra Imigração em Montelusa e peça alguém que fale árabe. O mais rápido possível.

Fazio afastou-se, seguido pela velha, que continuava a falar com ele. O comissário sentou-se num degrau, acendeu um cigarro e entrou numa competição de imobilidade com uma lagartixa.

Buscaïno, o agente que sabia árabe, porque tinha nascido e viveu na Tunísia até os quinze anos, chegou em menos de quarenta e cinco minutos. Ao perceber que o recém-chegado falava a sua língua, a velha se decidiu a uma pronta colaboração.

— Ela diz que quer contar tudo ao tio — traduziu Buscaïno.

Depois do menino, agora também aparecia um tio?

— E quem é ele, cacete? — perguntou Montalbano, atordoadado.

— O tio, hum, bem, o tio seria o senhor, comissário — explicou o agente. — É um título de respeito. Ela diz que ontem de manhã, ali pelas nove, Karima apareceu aqui, pegou o filho e foi embora às pressas. Parecia muito nervosa, apavorada.

— Ela tem a chave do quarto de cima?

— Tem — disse o agente, depois de perguntar.

— Pegue e vamos dar uma olhada.

Enquanto subiam a escada, a velha não parou de falar, e Buscaïno traduziu velozmente. O filho de Karima tinha cinco anos; a mãe o deixava com a velha todos os dias, quando saía para trabalhar; o menino se chamava François e era filho de um francês de passagem pela Tunísia.

O quarto de Karima, de uma limpeza exemplar, tinha uma cama de casal, uma caminha para o menino, protegida por um cortinado, uma mesinha com telefone e televisão, uma mesa maior com quatro cadeiras, uma penteadeira com quatro gavetinhas, um guarda-roupa. Duas das gavetinhas estavam cheias de fotografias. A um canto havia um cubículo, fechado por uma porta de correr, de plástico, no qual tinham sido instalados o vaso sanitário, o bidê, a pia. Aqui, o perfume que o comissário tinha sentido na casa e no escritório de Lapècora, Volupté, era muito forte. Além da sacadinha, havia também uma janela que dava para os fundos, onde se via uma hortazinha bem-cuidada.

Montalbano pegou uma das fotos: uma bela mulher de seus trinta anos, pele escura, grandes olhos expressivos, dava a mão a um menino.

— Pergunte se são Karima e François.

— São — disse Buscaïno.

— Onde eles comiam? Não vejo fogão por aqui.

A velha e o agente conversaram animadamente, e depois Buscaïno contou que o menino comia sempre com a velha, e também Karima, quando estava em casa, coisa que acontecia às vezes, à noite.

Ela recebia homens em casa?

Mal escutou a tradução, a velha claramente indignou-se. Pouco faltava para Karima ser uma *ginn*, uma santa mulher, a meio caminho entre a raça humana e os anjos, jamais havia feito *haram*, coisas ilícitas, ganhava a vida suando como

doméstica, limpando a porcaria dos homens. Era boa e generosa; para as despesas do dia a dia, para olhar o menino e para manter a casa em ordem, dava muito mais do que a velha gastava, e jamais pedia o troco. O tio, a saber, Montalbano, era certamente um homem de bons sentimentos e corretas atitudes, portanto, como podia pensar semelhante coisa de Karima?

— Diga — fez o comissário, enquanto olhava as fotografias da gaveta —, que Alá é grande e misericordioso, mas, se ela estiver mentindo, seguramente Alá não vai gostar, porque ela estará enganando a justiça, e aí vai ter grandes amarguras.

Buscaino traduziu meticulosamente e a velha titubeou, como se sua corda tivesse acabado. Depois, uma sua chavezinha interior recarregou-a e ela começou a falar ininterruptamente. O tio, que era muito sábio, estava com a razão, tinha concluído certo. Várias vezes, nos últimos dois anos, viera à procura de Karima um homem jovem, chegava num automóvel grande.

— Pergunte de que cor.

O diálogo entre a velha e Buscaino foi longo e laborioso.

— Acho que entendi cinza-metálico.

— O que faziam esse rapaz e Karima?

O que fazem um homem e uma mulher, tio. A velha escutava a cama rangendo, sobre sua cabeça.

Ele dormia com Karima?

Somente uma vez, e, na manhã seguinte, levou-a até o trabalho em seu automóvel.

Mas era um homem mau. Certa noite, aconteceu uma grande confusão. Karima gritava e chorava, e depois o homem mau tinha ido embora.

Ela correu até lá e encontrou Karima aos prantos, marcas de pancadas sobre o corpo nu. François, por sorte, não tinha acordado.

Por acaso, o homem mau não teria vindo encontrar Karima na quarta-feira à noite?

Mas como era que o tio tinha adivinhado? Sim, o homem veio, mas não fez nada com Karima, apenas saiu com ela no carro.

Que horas eram?

Podiam ser dez da noite. Karima mandara François descer para o quarto da velha, avisando que ia passar a noite fora de casa. E, de fato, voltou na manhã seguinte, ali pelas nove, para depois sumir com o menino.

Estava acompanhada pelo homem mau?

Não, tinha vindo de ônibus. Mas, uns quinze minutos depois de Karima sair com o filho, o homem mau apareceu. Ao saber que ela não estava ali, saiu no carro para ir procurá-la.

Karima disse aonde pretendia ir?

Não, não tinha falado nada. A velha tinha visto mãe e filho caminhando na direção de Villaseta velha, onde passavam os ônibus intermunicipais.

Estava com alguma mala?

Sim, pequenininha.

A velha que olhasse ao redor. Faltava alguma coisa ali no quarto?

A velha escancarou o guarda-roupa — explodiu no aposento o cheiro de Volupté —, abriu umas gavetas, revistou tudo.

Por fim, disse que Karima, na maletinha, tinha levado uma calça, uma camiseta, calcinhas. Sutiã, não, ela não usava. Também havia metido junto uma muda de roupa e umas coisas do menino.

Ela que olhasse atentamente. Faltava mais alguma coisa?

Sim, o livrão que ela mantinha ao lado do telefone.

Resultou que o livro era uma espécie de agenda-diário. Seguramente, Karima o levava.

— Não pretende se ausentar por muito tempo — comentou Fazio.

— Pergunte — disse o comissário a Buscaino — se Karima passava a noite fora com frequência.

Com frequência, não, só às vezes. Mas sempre avisava.

Montalbano agradeceu a Buscaino e perguntou:

— Você pode dar uma carona a Fazio até Vigàta?

Fazio, perplexo, olhou seu superior.

— Por quê, o senhor vai fazer o quê?

— Vou ficar mais um pouquinho por aqui.

Entre as muitas fotografias que o comissário começou a examinar, havia um gordo envelope pardo com umas vinte fotos de Karima nua, em poses ora provocantes, ora decididamente obscenas: uma espécie de mostruário da mercadoria, que era, sem dúvida, de primeiríssima qualidade. Como era possível que uma mulher daquelas não tivesse conseguido arrumar um marido, um amante rico que a mantivesse, para não ser obrigada a se prostituir? Numa das fotos, Karima, em fase avançada de gravidez, olhava apaixonada o homem alto e louro ao qual estava literalmente pendurada, provavelmente o pai de François, o francês de passagem pela Tunísia. Outras mostravam Karima ainda criança, com um jovem pouco maior do que ela, pareciam-se muito, olhos idênticos, sem dúvida eram irmão e irmã. Fotos desses dois havia muitas, feitas ao longo dos anos. A última devia ser aquela em que Karima, com o filho de poucos meses nos braços estava ao lado do irmão, que usava uma espécie de uniforme e

segurava uma metralhadora. Montalbano pegou esta última fotografia e desceu a escada. A velha macerava, num pilão, carne moída à qual ia acrescentando grãos de trigo torrados. Num prato, estavam prontos para grelhar alguns espetinhos de carne, cada um envolto numa folha de parreira. Montalbano juntou as pontas dos dedos viradas para o alto, como uma flor de alcachofra, e moveu a mão para cima e para baixo. A velha entendeu a pergunta. Indicou primeiro o pilão:

— *Kubba*.

Depois pegou um espetinho.

— *Kebab*.

O comissário mostrou-lhe a foto e apontou o homem. A velha respondeu algo incompreensível. Montalbano emputeceu-se consigo mesmo, por que tivera tanta pressa em mandar Buscaino embora? Depois lembrou-se que os tunisinos tinham sido obrigados a conviver com os franceses durante anos e anos. Resolveu tentar.

— *Frère?*

Os olhos da velha se iluminaram.

— *Oui. Son frère Ahmed.*

— *Où est-il?*

— *Je ne sais pas* — fez a velha, abrindo os braços.

Depois desse diálogo de manual de conversação, Montalbano subiu de novo a escada e pegou a foto de Karima grávida, com o homem louro.

— *Son mari?*

A velha fez um gesto de desprezo.

— *Simplement le père de François. Un mauvais homme.*

Muitos homens maus havia encontrado e estava encontrando a bela Karima.

— *Je m'appelle Aisha* — disse inesperadamente a velha.

— *Mon nom est Salvo* — apresentou-se ele.

Montalbano saiu de carro, achou a confeitaria que havia visto de relance na vinda, comprou doze *cannoli* e retornou. Aisha havia posto a mesa sob uma minúscula pérgula atrás da casa, na entrada da horta. O campo estava deserto. O comissário, como primeira providência, desembulhou a bandeja; e a velha, como antipasto, comeu dois *cannoli*. A *kubba* não entusiasmou Montalbano, mas os *kebab* tinham um sabor levemente ácido que os fazia vivazes, pelo menos assim os definiu ele, segundo sua adjetivação imperfeita.

Durante a refeição, Aisha provavelmente lhe contou sua vida, mas perdera o francês e falou somente em árabe. Mesmo assim, o comissário participou

ativamente: se a velha ria, ele ria; se a velha se entristecia, ele fazia uma cara de finados.

Ao terminarem, Aisha tirou a mesa, enquanto Montalbano, em paz consigo mesmo e com o mundo, rumava um cigarrinho. Depois a velha voltou, com um ar misterioso e conspiratório. Segurava uma caixinha preta, comprida e achatada, provavelmente contivera um colar ou algo assim. Aisha abriu-a, e dentro havia uma caderneta ao portador, do Banco Popular de Montelusa.

— Karima — disse a velha, levando um dedo aos lábios, para significar que aquilo era um segredo e como tal deveria continuar.

Montalbano pegou a caderneta na caixinha e abriu-a.

Quinhentos milhões redondos.

No ano anterior — contou dona Clementina Vasile Cozzo —, aconteceu-lhe uma fase de terrível insônia, nada a resolvia, por sorte durou apenas alguns meses. Ela passava a maior parte da noite assistindo à tevê ou ouvindo rádio. Ler, não, isso não podia fazer por tantas horas, depois de um certo tempo os olhos começavam a arder. Uma vez, podiam ser umas quatro da manhã, ou talvez antes, ouviu os gritos de dois bêbados que brigavam embaixo da sua janela. Dona Clementina afastou a cortina, assim, só por curiosidade, e viu que havia luz no escritório de Lapècora. Àquela hora, o que faria ele ali? E, de fato, Lapècora não estava, não havia ninguém, a sala do escritório mostrava-se vazia. A senhora Vasile Cozzo achou que talvez tivessem esquecido a luz acesa. Na mesma hora apareceu, saindo do outro aposento, que ela sabia existir mas não conseguia ver, um rapaz que de vez em quando aparecia no escritório, inclusive quando Lapècora não estava. O rapaz, completamente nu, correu ao telefone, pegou o aparelho e começou a falar. Evidentemente, a campanha havia tocado, sem que dona Clementina ouvisse. Pouco depois, sempre saindo do outro aposento, entrou Karima. Também nua, e ficou escutando o rapaz, que discutia animadamente. Quando o telefonema terminou, o rapaz puxou Karima e os dois voltaram ao quarto, para acabar o que estavam fazendo ao serem interrompidos. Passado algum tempo, reapareceram vestidos, apagaram a luz e saíram no carrão cinza-metálico dele.

Ao longo do ano anterior, a coisa tinha se repetido umas quatro ou cinco vezes. Em geral, eles ficavam ali sem fazer nem dizer nada, se ele a puxava por um braço e a levava para dentro, era só para passar o tempo. Em certas ocasiões, ele escrevia ou lia e ela cochilava numa cadeira, a cabeça apoiada na escrivaninha, à espera do telefonema. Em outras, depois de receber o telefonema, o rapaz, por sua vez, fazia uma ou duas ligações.

Aquela mulher, Karima, às segundas, quartas e sextas limpava o escritório — mas o que havia para limpar, Deus do céu? —, e às vezes atendia ao telefone, mas nunca passava as ligações para o senhor Lapècora, mesmo quando ele estava bem ali ao lado, ouvindo-a falar, e mantendo a cabeça baixa, olhando o chão, como se não tivesse nada a ver com aquilo ou se sentisse ofendido.

Na opinião de dona Clementina Vasile Cozzo, a empregada, a faxineira, a tunisina, era uma mulher sonsa e má.

Não apenas fazia o que fazia com o rapaz moreno, mas às vezes começava a importunar o pobre Lapècora, que inevitavelmente acabava cedendo, deixando-se levar para o outro aposento. Uma vez, quando Lapècora estava sentado em frente à mesinha da máquina de escrever, lendo o jornal, ela se ajoelhou diante dele, abriu-lhe a calça e, sempre ajoelhada... A esta altura, a senhora Vasile Cozzo, ruborizada, desistira de contar.

Claro estava que Karima e o rapaz tinham a chave do escritório, ou por tê-la apanhado com Lapècora ou por mandarem fazer uma cópia. E também estava claro, embora não houvesse testemunhas atacadas de insônia, que Karima, na noite anterior ao assassinato de Lapècora, havia passado algumas horas na casa da vítima, o cheiro de Volupté o demonstrava. Será que ela também tinha as chaves da casa, ou será que o próprio Lapècora a fizera entrar, aproveitando que sua mulher tinha tomado uma boa dose de sonífero? De qualquer maneira, a coisa parecia não fazer sentido. Por que arriscar-se a ser surpreendido por dona Antonietta, quando eles podiam tranquilamente encontrar-se no escritório? Por capricho? Para temperar com o arrepio do perigo uma relação de outro modo previsível?

E, depois, havia a história das três cartas anônimas, indubitavelmente confeccionadas no escritório. Por que Karima e o rapaz moreno tinham feito isso? Para botar Lapècora numa situação crítica? Não batia. Eles nada teriam a ganhar. Pelo contrário, arriscavam-se a não mais poder utilizar o seu ponto de referência telefônico, ou fosse lá o que fosse que a empresa se tivesse tornado.

Para entender mais, era preciso aguardar o retorno de Karima, que, Fazio tinha razão, havia sumido para não ter de responder a perguntas perigosas, voltaria como quem não sabe de nada. O comissário estava certo de que Aisha manteria a palavra. Num francês improvável, ele explicou à velha que Karima se meteu na maior complicação; certamente, mais dia, menos dia, aquele homem mau e seus companheiros iriam matar não somente a moça, mas também François e até a própria Aisha. Montalbano teve a impressão de havê-la convencido e apavorado o suficiente.

Os dois combinaram que, mal Karima aparecesse, a velha telefonaria, bastava simplesmente dizer seu nome, Aisha, e mandar chamar Salvo.

Montalbano deu a ela o número do comissariado e o de casa, recomendando-lhe que os escondesse bem, assim como fazia com a caderneta do banco.

Naturalmente, todo esse discurso partia de um simples princípio: o de que Karima não fosse a assassina. O comissário, por mais que pensasse nisso, não conseguia imaginá-la empunhando uma faca.

Montalbano olhou o relógio à luz do isqueiro: quase meia-noite. Fazia mais de duas horas que ele estava sentado na varanda — no escuro, para evitar que pernilongos e borrachudos o comessem vivo —, pensando e repensando naquilo que soube por dona Clementina por Aisha.

Faltava-lhe, no entanto, um esclarecimento. Será que podia telefonar, àquela hora da noite, para a senhora Vasile Cozzo? Ela tinha explicado que todas as noites a empregada, depois de servir o jantar, trocava-lhe a roupa e deixava-a na cadeira de rodas. Mas embora estivesse pronta para ir dormir, ela não se deitava, ficava até tarde assistindo à televisão. Da cadeira de rodas para a cama e vice-versa, podia se virar sozinha.

— Dona Clementina, eu sei que estou sendo imperdoável.

— Imagine, comissário! Eu estava acordada, vendo um filme.

— É o seguinte. A senhora me disse que, às vezes, o rapaz moreno ficava lendo ou escrevendo. Ele lia o quê, escrevia o quê? Dava pra perceber?

— Ele lia jornais e cartas. E escrevia cartas. Mas não usava a máquina que está no escritório, trazia consigo uma portátil. Mais alguma coisa?

— Oi, amor, estava dormindo? Não? Mesmo? Amanhã estou aí com você, por volta de uma da tarde. Não precisa se preocupar comigo. Eu chego e, se você não estiver, espero. Afinal, tenho a chave.

Capítulo VII

Evidentemente, durante o sono, uma parte do seu cérebro tinha continuado a trabalhar no caso Lapècora, tanto é que, por volta das quatro da manhã, a uma lembrança que lhe veio, ele se levantou e começou a procurar ansiosamente na estante. A certa altura, lembrou-se que Augello havia pedido emprestado aquele livro, porque tinha assistido na tevê à adaptação para o cinema. Estava com o volume há seis meses, e ainda não se decidira a devolvê-lo.

— Alô, Mimì? Montalbano.

— Meu Deus, o que foi? O que aconteceu?

— Ainda está com você aquele romance de Le Carré chamado *O morto ao telefone*? Tenho certeza que lhe emprestei.

— Mas, porra, o que é isso agora?! São quatro da manhã!

— E daí? Estou precisando dele.

— Salvo, falo como um irmão que te quer bem, por que você não se interna pra se tratar?

— Quero agora.

— Mas eu estava dormindo! Calma, amanhã de manhã eu levo pro comissariado. Agora vou ter que vestir cueca, começar a procurar, botar a roupa...

— Caguei. Procure, ache, dirija de cueca mesmo e venha trazer.

Perambulou pela casa durante uma meia hora, fazendo coisas inúteis, tais como tentar entender a conta do telefone ou ler a etiqueta de uma garrafa de água mineral, até escutar um carro chegando rapidamente, uma pancada surda na porta e o barulho do carro arrancando. Abriu: o livro estava no chão, os faróis do carro de Augello já longe. Veio-lhe a veneta de dar um telefonema anônimo para a Arma.^[3]

“Aqui é um cidadão. Tem um louco furioso andando por aí de cueca...”

Deixou para lá e começou a folhear o romance.

O enredo era justamente como ele se lembrava. Página 15:

“Smiley, fala Maston. O senhor teve um particular com Samuel Arthur Fennan, no Foreign Office, na segunda-feira, não?”

“Sim, tive.”

“Qual foi o assunto?”

“Uma carta anônima relativa ao fato de ele pertencer ao Partido, em Oxford...”

E, na página 187, o começo das conclusões às quais Smiley chegava em seu relatório:

“Todavia, era possível que tivesse perdido o amor pelo seu trabalho, e que aquele seu convite para uma refeição comigo fosse um primeiro passo para chegar à confissão. Com esse intento, ele também poderia ter escrito a carta anônima, que podia ter sido imaginada com a intenção de entrar em contato com o Departamento.”

Seguindo a lógica de Smiley, era possível, portanto, que o próprio Lapècora tivesse escrito as cartas anônimas contra ele mesmo. Mas, se ele era o autor, por que, talvez sob algum outro pretexto, não se dirigira à polícia ou aos *carabinieri*?

Assim que formulou a pergunta, Montalbano já sorria por sua ingenuidade. Com a polícia ou com a Arma, uma carta anônima capaz de provocar uma investigação traria consequências muito mais sérias para o próprio Lapècora. Endereçando-a à sua mulher, o falecido esperava suscitar uma reação, digamos assim, doméstica, mas suficiente para tirá-lo de uma situação ou perigosa ou que lhe pesava, porque ele havia perdido o controle. Lapècora queria safar-se e essas cartas eram pedidos de ajuda, mas a mulher tomou-as pelo que aparentavam, ou seja, cartas anônimas como tantas outras, que denunciavam um cacho comum e vulgar. Ofendida, não reagiu, fechou-se num mutismo desdenhoso. Então Lapècora, desesperado, escreveu ao filho, sem entrincheirar-se no anonimato. Mas o filho, anestesiado pelo egoísmo e pelo temor de perder algumas liras, fugiu para Nova York.

Graças a Smiley, tudo combinava. Montalbano voltou a dormir.

O comendador Baldassarre Marzachì, diretor dos correios de Vigàta, era notoriamente um imbecil presunçoso. E, desta vez, não desmentiu a fama.

— Não posso atender ao seu pedido.

— Desculpe, mas por quê?

— Porque o senhor não trouxe a autorização de um magistrado.

— E por que eu deveria trazer? Qualquer funcionário seu me daria a informação que estou pedindo. É uma coisa sem importância.

— Isso diz o senhor. Se tivessem dado a informação, meus funcionários teriam cometido uma infração passível de queixa.

— Comendador, pense comigo. Eu só estou pedindo o nome do estafeta que atende à zona na qual fica a Ladeira Granet. Só isso.

— Mas eu não vou dizer, está bem? Se, por acaso, eu dissesse, o senhor faria o quê?

— Algumas perguntas ao estafeta.

— Viu?! O senhor quer violar o segredo postal.

— Mas que ideia é essa?

Um verdadeiro cretino, difícil de encontrar, nestes tempos em que os cretinos se camuflam de inteligentes. O comissário decidiu recorrer a uma encenação que aniquilaria seu adversário. Jogou de repente o corpo para trás, grudou as costas à cadeira, fingiu uma espécie de tremedeira nas mãos e nas pernas e, desesperadamente, tentou desabotoar o colarinho.

— Ai, meu Deus — grunhiu.

— Ai, meu Deus! — ecoou perfeitamente o comendador Marzachì, levantando-se e correndo para o comissário. — Sente-se mal?

— Me ajude — arquejou Montalbano.

O outro inclinou-se e tentou auxiliá-lo com o colarinho. E foi então que o comissário começou a gritar.

— Me largue! Socorro, me largue!

Simultaneamente, agarrou as mãos de Marzachì, que instintivamente tentara recuar, e segurou-as à altura do pescoço.

— Mas o que é que o senhor está fazendo? — balbuciou Marzachì, completamente perdido, sem entender o que estava acontecendo. Montalbano urrou de novo.

— Me largue! Como ousa? — esgoelou-se, sem soltar as mãos do comendador.

A porta se escancarou e apareceram dois funcionários estupefatos, um homem e uma mulher, os quais viram distintamente o seu superior tentando esganar o comissário.

— Saiam daqui! — gritou Montalbano aos dois. — Saiam! Não foi nada! Tudo em ordem!

Os funcionários retiraram-se, fechando a porta. Tranquilamente, Montalbano ajeitou o colarinho e encarou Marzachì, o qual, assim que foi solto, se encostou à parede.

— Te fodi, Marzachì. Aqueles dois viram tudo. E, visto que te odeiam, como, aliás, todos os que você chefia, estão prontos a testemunhar. Agressão a

servidor público. O que é que nós vamos fazer, hem? Quer ser denunciado ou não?

— Por que o senhor quer me arruinar?

— Porque considero você responsável.

— E pelo quê, meu Deus?

— Pelo pior. Pelas cartas que levam dois meses para ir de Vigàta até Vigàta, pelos pacotes que me chegam esburacados, com metade do conteúdo, e você vem me falar de segredo postal que aliás pode enfiar no cu, pelos livros que eu devia receber e não recebo nunca... Você é um merda que se cobre com um manto de dignidade para esconder esta cloaca. Chega?

— Chega — fez Marzachì, destruído.

— Claro que ele recebia correspondência. Não muita, mas recebia. Quem escrevia era uma empresa de fora da Itália, só essa.

— De onde?

— Não prestei atenção. Sei que o selo era estrangeiro. Mas posso dizer o nome da firma, porque no envelope tinha o nome. Aslanidis. Lembro porque o meu finado pai, que lutou na Grécia, tinha conhecido por aquelas bandas uma mulher que se chamava Galatea Aslanidis. Ele falava sempre dela.

— No envelope tinha alguma coisa impressa sobre o que essa firma vendia?

— Tinha. *Dattes*, que significa tâmaras.

— Obrigada por vir tão depressa — disse dona Antonietta Palmisano, recentíssima viúva Lapècora, assim que abriu a porta.

— Por quê? A senhora queria falar comigo?

— Queria. No comissariado não lhe disseram que eu telefonei?

— Ainda não estive lá. Passei aqui porque me deu na cabeça.

— Então é um caso de cleptomania — concluiu a viúva.

Por um segundo o comissário estranhou, até entender que ela pretendia dizer telepatia.

“Um dia desses vou apresentar essa mulher a Catarella”, pensou Montalbano, “e depois transcrevo os diálogos. Melhor que Ionesco!”

— Por que a senhora queria me ver?

Antonietta Palmisano balançou um dedinho malicioso.

— Ah, não. Primeiro é a sua vez, foi o senhor que deu a ideia.

— Eu queria que a senhora me mostrasse exatamente o que fez na manhã de quinta-feira, quando se preparava para ir visitar sua irmã.

A viúva, sem entender, abriu e fechou a boca.

— Está brincando?

— Não, não estou.

— Mas o que é que o senhor quer, é pra eu botar a camisola? — perguntou, ruborizada, dona Antonietta.

— Nem pensar.

— Bom. Vamos ver. Me levantei da cama assim que o despertador tocou. Peguei...

— Não, eu não me expliquei direito. Não é pra dizer o que fez, é pra mostrar. Vamos pra lá.

Os dois passaram ao quarto. O guarda-roupa estava escancarado, roupas femininas enchiam uma mala aberta sobre a cama. Numa das mesas de cabeceira, um despertador vermelho.

— A senhora dorme deste lado? — perguntou Montalbano.

— Durmo. É pra fazer o quê, me deitar?

— Não precisa, basta sentar na beira da cama.

A viúva obedeceu, mas perguntou de chofre:

— O que é que isso tem a ver com o assassinato de Arelio?

— Vá por mim, é importante. Cinco minutos e pronto. Me diga: seu marido também acordou com o despertador?

— Ele tinha sono leve. Qualquer barulhinho, abria o olho. Mas, agora que o senhor me fez pensar, anteontem ele não ouviu. Ou melhor, devia estar um pouquinho resfriado, nariz entupido, porque começou a roncar, isso ele não fazia quase nunca.

Péssimo ator amador, o pobre Lapècora. Mas, pelo menos desta vez, tinha convencido.

— Continue.

— Me levantei, peguei as roupas que tavam em cima daquela cadeira e fui pro banheiro.

— Vamos lá.

Embaraçada, dona Antonietta seguiu-o. Ao entrarem, ela olhou pudicamente para o chão e perguntou:

— E pra fazer tudo?

— Claro que não. Do banheiro a senhora saiu vestida, não?

— Sim, completamente, faço sempre assim.

— E depois fez o quê?

— Fui pra sala de jantar.

Agora, aprendida a lição, ela seguiu para lá, acompanhada pelo comissário.

— Peguei a bolsa que estava arrumada neste sofazinho desde a véspera, abri a porta e saí pro corredor.

— Tem certeza que fechou a porta ao sair?

— Total. Chamei o elevador...

— Pode deixar, obrigado. Que horas eram, lembra?

— Seis e vinte e cinco. Eu estava atrasada, tanto que saí correndo.

— Qual foi o imprevisto?

Dona Antonietta olhou-o, interrogativa.

— Qual foi o motivo pra senhora se atrasar? Explico melhor: se uma pessoa sabe que na manhã seguinte precisa viajar e bota o despertador, leva em conta o tempo certo para...

Dona Antonietta sorriu.

— Um calo me doendo — disse. — Passei pomada, fiz um curativo e perdi um tempo que eu não tinha calculado.

— Mais uma vez, obrigado e desculpe. Bom dia.

— Espere aí! O senhor já vai?

— Ah, é. A senhora queria me dizer alguma coisa.

— Sente-se um instantinho.

Montalbano obedeceu. Afinal, conseguira saber o que queria saber: a viúva Lapècora não tinha entrado no gabinete, onde, quase com certeza, Karima estava escondida.

— Como viu — começou ela —, estou me arrumando pra ir embora. Assim que puder fazer o enterro de Arelio, saio daqui.

— Pra onde?

— Morar com a minha irmã. Ela tem uma casa grande e tá doente, o senhor sabe. Aqui em Vigàta eu não boto mais os pés, nem depois de morta.

— Por que não vai morar com o seu filho?

— Não quero atrapalhar. E também não combino com a mulher dele, que é uma gastadeira, e meu filho vive contando os centavos. Bom, mas eu queria dizer que, quando fui ver as coisas que não quero mais pra jogar fora, achei o envelope da primeira carta anônima. Achei que tinha queimado, mas pelo jeito só destruí a carta. Como o senhor parecia muito interessado...

O endereço estava escrito à máquina.

— Posso pegar?

— Claro. Era só isso.

A viúva levantou-se, o comissário também. Ela, contudo, ainda foi até o aparador, sobre o qual havia uns papéis, pegou-os e agitou-os na direção de Montalbano.

— Veja isto aqui, comissário. Não faz nem dois dias que Arelio morreu e eu já comecei a pagar as despesas dos confortos sujos dele. Duas contas do escritório chegaram ontem pra mim, dá pra ver que no correio souberam que ele foi assassinado: luz, duzentas e vinte mil liras, e telefone, trezentas e oitenta! Mas não era ele quem telefonava, sabe? Telefonar pra quem? Era aquela puta tunisina que telefonava, não tenha dúvida, até pros parentes na Tunísia. E hoje de manhã chegou esta. Sabe lá o que aquela piranhona meteu na cabeça dele, e o idiota do meu marido escutava!

Bastante elevado, o grau de compaixão de dona Antonietta Palmisano, viúva Lapècora. O envelope não tinha selo, fora entregue em mãos. Montalbano decidiu não parecer muito curioso, mas só mesmo o necessário.

— Quando foi que trouxeram?

— Já falei, hoje de manhã. Cento e setenta e sete mil liras, uma fatura da tipografia Mulone. Por falar nisso, comissário, poderia devolver as chaves do escritório?

— Tem urgência?

— Urgência, urgência, não. Mas quero começar a mostrar a uns e outros que possam comprar. Quero vender inclusive a casa. Já calculei que só o enterro vai me custar mais de cinco milhões, entre uma coisa e outra.

Tal mãe, tal filho.

— Com o que apurar no escritório e na casa — fez Montalbano, num surto de malignidade —, a senhora vai poder pagar uns vinte enterros.

Empedocle Mulone, proprietário da tipografia, disse que sim, o pobre Lapècora havia encomendado papéis e envelopes com o timbre ligeiramente modificado em relação aos antigos. Durante vinte anos o senhor Arelio tinha sido seu cliente, tinham amizade um pelo outro.

— Qual foi a alteração?

— Export-Import em vez de Exportação-Importação. Mas eu o desaconselhei.

— A não fazer a modificação?

— Não me referia ao timbre, mas à ideia dele no sentido de retomar as atividades. Estava fora disso há quase cinco anos, e nesse meio tempo as coisas mudaram, as firmas falindo, uma hora péssima. E sabe o que ele fez, em vez de me agradecer? Ficou furioso. Disse que lia os jornais, via a televisão, e portanto sabia como andavam as coisas.

— O pacote com o material impresso, o senhor mandou pra casa ou pro escritório?

— Ele frisou que era pra mandar pro escritório, e assim fiz, num dia par da semana. Agora não me lembro do dia exato, mas, se o senhor quiser...

— Não tem importância.

— Mas a fatura eu mandei pra viúva, já que, agora, é muito difícil o senhor Lapècora conseguir aparecer no escritório, não acha?

E riu.

— Aqui o seu expresso, comissário — disse o balconista do café Albanese.

— Totò, me diga uma coisa. Lapècora vinha aqui algumas vezes com os amigos?

— Como não? Toda terça-feira. Conversavam, jogavam baralho. Sempre os mesmos.

— Diga os nomes.

— Bom: o contador Pandolfo...

— Peraí. Me traz o catálogo de telefone.

— Pra que ligar pra ele? É aquele velhinho sentado ali na mesa, tomando *granita*.^[4]

Montalbano pegou sua xícara e se aproximou do contador.

— Posso sentar?

— À vontade, comissário.

— Obrigado. Nós nos conhecemos?

— O senhor a mim, não, mas eu conheço o senhor.

— Jogava habitualmente com o finado?

— Habitualmente! Jogava só na terça. Porque, veja, segunda, quarta e...

— ... sexta ele estava no escritório — concluiu Montalbano a já costumeira ladainha.

— O que deseja saber?

— Por que Lapècora pretendia retomar a atividade comercial?

O contador pareceu sinceramente espantadíssimo.

— Retomar? Desde quando? Conosco ele não falou disso. Todo mundo sabia que ele ia ao escritório por hábito, por passatempo.

— E falou da diarista, uma tal de Karima, que ia lá pra fazer a limpeza?

Um sobressalto das pupilas, uma imperceptível hesitação, que passariam despercebidos se Montalbano, com o olhar, não o tivesse mantido sob pontaria.

— E que motivo tinha ele pra me contar coisas sobre sua faxineira?

— O senhor conhecia bem o finado Lapècora?

— E quem é que se conhece bem? Uns trinta anos atrás, eu morava em Montelusa e tinha um amigo que era uma ótima pessoa, lúcido, inteligente,

espirituoso, ágil, equilibrado. Todas as qualidades. E generosíssimo, um anjo, o que era dele era de quem precisasse. Uma noite, a irmã deixou ele tomando conta de um filho pequeno, nem seis meses. Era pra olhar o sobrinho assim umas duas horas, no máximo. Foi só a irmã sair, ele pegou uma faca, esquartejou o bebê e ensopou com um pouquinho de salsa e um denticinho de alho. Acredite, eu não estou brincando. Naquele mesmo dia eu tinha estado com ele, e ele parecia como sempre, lúcido e gentil. Voltando ao pobre Lapècora, sim, eu o conhecia o suficiente pra compreender, por exemplo, que de uns dois anos para cá ele estava muito mudado.

— Em que sentido?

— Ah, andava nervoso, não ria. Pelo contrário, vivia implicando, criando caso por qualquer bobagem. Antes, não.

— Faz ideia de qual podia ser a causa?

— Um dia eu perguntei. Questão de saúde, ele respondeu, um princípio de arteriosclerose, assim tinha dito o médico.

No escritório de Lapècora, a primeira coisa que ele fez foi sentar-se à máquina de escrever. Abriu a gaveta da mesinha: dentro havia envelopes e papéis timbrados à velha maneira, já amarelados pela idade. Botou uma folha na máquina, puxou do bolso o envelope que dona Antonietta tinha lhe dado e datilografou o endereço. Era a prova dos nove, se alguma fosse necessária. Os “r” pulavam acima da linha, os “a” ficavam abaixo e o “o” era uma bolinha preta: o endereço sobre o envelope da carta anônima havia sido escrito naquela máquina. Montalbano olhou para fora. A empregada da senhora Vasile Cozzo, encarapitada numa escadinha de armar, estava limpando os vidros. Ele escancarou a janela e chamou:

— Ei, a dona da casa está?

— Espere aí — fez a empregada, olhando-o de banda. Evidentemente, não ia com a cara do comissário.

A moça desceu da escada, desapareceu e, dali a pouco, apareceu em seu lugar a cabeça de dona Clementina, ao nível do peitoril. Não havia necessidade de levantar muito a voz, a distância não chegava a dez metros.

— Queira desculpar, mas, se bem me lembro, a senhora me disse que às vezes aquele rapaz, sabe qual...

— Sei de quem o senhor está falando.

— ... escrevia à máquina. Não foi?

— Sim, mas não com a do escritório. Com uma portátil.

— Tem certeza? Não podia ser um computador?

— Não, era uma máquina portátil.

Mas que diabo de maneira era a sua, de conduzir um inquérito? De repente, Montalbano se deu conta de que ele e dona Clementina pareciam duas comadres trocando mexericos de uma janela para outra.

Após despedir-se da senhora Vasile Cozzo, a fim de readquirir dignidade diante de si mesmo, o comissário entregou-se a uma busca meticulosa, de verdadeiro profissional, à procura do pacote enviado pela tipografia. Não o encontrou, assim como não encontrou nem folha nem envelope com o novo timbre em inglês.

Tinham sumido com tudo.

E, quanto à máquina portátil que o pseudo-sobrinho de Lapècora carregava consigo, em vez de servir-se daquela do escritório, a explicação que ele se deu pareceu-lhe plausível. O teclado da velha Olivetti não servia para o rapaz. Evidentemente, ele precisava de um alfabeto diferente.

Capítulo VIII

Montalbano saiu do escritório, pegou o carro e seguiu para Montelusa. No comando da polícia fiscal, pediu para falar com o capitão Aliotta, que era seu amigo. Logo o mandaram entrar.

— Há quanto tempo a gente não marca uma noite pra conversar? Não estou acusando só você, a mim também — fez Aliotta, abraçando-o.

— Cada um perdoa o outro, e vamos dar logo um jeito nisso.

— Tá bom. Posso ser útil em alguma coisa?

— Pode. Quem é aquele suboficial que, no ano passado, me deu informações preciosas sobre um supermercado de Vigàta? Tráfico de armas, lembra?

— Claro. Chama-se Laganà.

— Posso falar com ele?

— De que se trata?

— Ele precisaria ir a Vigàta por meio expediente, no máximo, Pelo menos assim espero. E pra examinar a documentação de uma firma cujo proprietário era aquele cidadão assassinado no elevador.

— Vou mandar chamá-lo.

O suboficial era um cinquentão robusto, cabelos à escovinha, óculos de armação de ouro. Montalbano simpatizou imediatamente com ele.

Explicou minuciosamente a Laganà o que queria e deu-lhe as chaves do escritório de Lapècora. O suboficial olhou o relógio.

— Lá pelas três da tarde eu posso descer até Vigàta, se o senhor capitão estiver de acordo.

Por escrúpulo, assim que acabou de falar com Aliotta, Montalbano pediu licença e ligou para o comissariado, onde não botava os pés desde a noite anterior.

— Doutor, o senhor é o senhor popriamente dito?

— Popriamente eu, Catarè. Algum telefonema?

— Teve, doutor. Dois pro doutor Augello, um pra...

— Catarè, caguei pros telefonemas dos outros!

— Mas se popriamente o senhor acabou de perguntar!

— Catarè, alguém me ligou popriamente pra mim mesmo?

Adequando-se à linguagem, talvez obtivesse alguma resposta sensata.

— Ligou, doutor. Uma pessoa. Mas num se entendia.
— Como assim, num se entendia?
— Eu num entendi nada. Mas devia ser da família.
— De quem?
— Sua do senhor, doutor. Chamava o nome, assim: Salvo, Salvo.
— E depois?
— Pegou a choraminger, parecia cum dor, fazia: ai, ai, xá, xá.
— Era homem ou mulher?
— Mulher velha, doutor.
Aisha! Montalbano saiu correndo, nem se despediu de Aliotta.

Sentada diante da casa, Aisha chorava, transtornada. Não, Karima e François não tinham aparecido, o motivo pelo qual ela o tinha chamado era outro. Levantou-se e mandou-o entrar. O quarto estava revirado, tinham até rasgado o colchão. Só faltava terem levado a caderneta do banco! Não, essa eles não tinham achado, foi a tranquilizadora resposta de Aisha.

No andar superior, onde morava Karima, pior ainda: alguns tijolos do piso tinham sido arrancados; um brinquedo de François, um caminhãozinho de plástico, estava em pedaços. As fotografias haviam sumido, inclusive as que exibiam a mercadoria de Karima. Ainda bem, pensou o comissário, que ele tinha levado algumas consigo. Mas deviam ter feito um barulhão. Aisha onde estava, enquanto isso? Não que tivesse fugido, explicou a velha, mas na véspera ela havia ido ver uma amiga em Montelusa. Como foi ficando tarde, resolveu dormir lá. Uma sorte: se a encontrassem em casa, seguramente a degolariam. Deviam estar com as chaves, de fato as duas portas não tinham sido arrombadas. Por certo tinham vindo só para apoderar-se das fotos de Karima; queriam fazer desaparecer até a lembrança de como era ela.

Montalbano mandou a velha arrumar suas tralhas, ele mesmo a levaria à casa da amiga de Montelusa. Aisha deveria ficar lá por alguns dias, por prudência. Melancolicamente, a velha aquiesceu. O comissário conseguiu fazê-la entender que, enquanto ela se preparava para a partida, ele daria um pulo na tabacaria mais próxima, coisa de dez minutos, no máximo.

Pouco antes da tabacaria, diante da escola elementar de Villaseta, havia um ruidoso agrupamento de mães gesticulantes e crianças choramingeres. Dois guardas comunais de Vigàta, mas escalados para Villaseta, os quais Montalbano conhecia, estavam cercados a ponto de não poderem se mexer. O comissário

passou, comprou os cigarros mas, na volta, não aguentou a curiosidade. Então abriu caminho energicamente, ensurdecido pelos gritos.

— Foram incomodar até o senhor, por causa desta bobagem? — perguntou-lhe um dos guardas, espantado.

— Não, estou aqui por acaso. O que houve?

As mães, que haviam escutado a pergunta, responderam em coro, daí resultando que o comissário não entendeu nada.

— Silêncio! — urrou ele.

As mães calaram a boca, mas as criancinhas, apavoradas, começaram a chorar mais alto.

— Comissário, é uma coisa pra se rir — disse o primeiro guarda. — Parece que, desde ontem de manhã, tem um garotinho assaltando os outros garotinhos que vão pra escola. Pega a merenda e dá no pé. Hoje mesmo já fez isso.

— Olha aqui, olha aqui — interrompeu uma das mães, mostrando a Montalbano um menino com o olho roxo. — O meu filho num quis entregar a omelete e ele bateu nele. Machucou!

O comissário se inclinou e acariciou a cabeça do garoto.

— Como é o seu nome?

— Ntonio — respondeu o menininho, orgulhoso por ter sido o escolhido.

— Você conhece esse que te furtou a omelete?

— Num senhor.

— Alguém aí reconheceu o garoto? — perguntou o comissário em voz alta. Ouviu-se um coro de não.

Montalbano voltou a inclinar-se à altura de Ntonio.

— Como foi que ele falou pra dizer que queria a merenda?

— Falou esquisito. Eu num entendi. Aí ele arrancou minha mochila e abriu. Aí eu queria puxar, aí ele me deu dois socos, garrou a omelete com o pão e fugiu.

— Continuem as investigações — ordenou Montalbano aos dois guardas, miraculosamente conseguindo ficar sério.

Na época da ocupação muçulmana da Sicília, quando Montelusa se chamava Kerkent, os árabes haviam construído, na periferia do lugar, um bairro que era só deles. Após a expulsão dos muçulmanos, em suas casas tinham ido morar os montelusanos, e o nome do bairro tinha sido sicilianizado para Rabàtu. Na segunda metade deste século foi engolido por um gigantesco deslizamento. As raras casas remanescentes ficaram esburacadas, tortas, mantinham-se em equilíbrios absurdos. Os árabes, reaparecidos desta vez em trajes de pobres,

voltaram a morar ali, instalando chapas metálicas no lugar das telhas e tapando as paredes com tabiques de papelão.

Foi para lá que Montalbano acompanhou Aisha com sua mísera trouxinha. A velha, sempre chamando-o de tio, fez questão de abraçá-lo e beijá-lo.

Eram três da tarde e Montalbano, que ainda não havia tido tempo de almoçar, sentia um aperto no estômago, de tanta fome. Dirigiu-se então à *trattoria* San Calogero e sentou-se.

— Ainda tem alguma coisa pra se comer?

— Pra vossenhoria, sempre.

E naquele exato momento, ele se lembrou de Livia. Havia esquecido por completo. Correu ao telefone, enquanto, febrilmente, buscava inventar alguma justificativa. Livia dissera que chegaria na hora do almoço. Devia estar furibunda.

— Livia, oi, amor.

— Acabei de chegar, Salvo. O avião saiu com um atraso de duas horas, não deram a menor explicação. Estava preocupado, meu amor?

— Claro que eu estava preocupado — mentiu despidoradamente Montalbano, já que o vento estava a seu favor. — Liguei pra casa de quinze em quinze minutos e ninguém atendia. Agora há pouco resolvi telefonar pro aeroporto de Punta Ràisi e disseram que o voo tinha chegado com duas horas de atraso. Só assim eu finalmente sosseguei.

— Desculpe, amor, mas não foi culpa minha. A que horas você vem?

— Livia, infelizmente não posso ir logo. Estou em plena reunião em Montelusa, vou demorar seguramente mais uma hora. Depois corro praí. Ah, escuta: hoje nós vamos jantar com o chefe de polícia.

— Mas eu não trouxe roupa!

— Vá de jeans. Dê uma olhada no forno ou na geladeira, Adelina certamente preparou alguma coisa.

— Não, que é isso, eu espero por você e a gente almoça junto.

— Eu já me virei com um sanduíche. Estou sem fome. Até daqui a pouco.

Voltou a sentar-se à mesa, onde já o esperava um bom meio quilo de trilhas fritas, bem crocantes.

Livia se enfiou na cama, um pouquinho cansada da viagem. Montalbano tirou a roupa e deitou-se ao lado dela. Beijaram-se e, a certa altura, Livia se afastou e começou a farejá-lo.

— Cheiro de fritura.

— Mas é claro. Imagina que eu fiquei uma hora interrogando um cara dentro de um boteco infame.

Fizeram amor calmamente, sabendo que dispunham de todo o tempo que quisessem. Depois sentaram-se na cama, travesseiros atrás das costas, e Montalbano contou a ela o assassinato de Lapècora. Achando que iria diverti-la, disse que havia mandado prender as Piccirillo, mãe e filha, que tanta importância davam à sua honorabilidade. Contou, inclusive, como havia mandado comprar uma garrafa de vinho para o contador Culicchia, que tinha perdido a dele quando ela rolara para junto do morto. Em vez de começar a rir, como Montalbano esperava, Livia encarou-o friamente.

— Imbecil.

— Como disse, por favor? — perguntou Montalbano, com uma elegância digna de um lorde inglês.

— Imbecil e machista. Desmoraliza aquelas duas pobres desgraçadas mas, pro contador, que não hesita em andar no elevador pra cima e pra baixo com um morto, compra uma garrafa de vinho. Agora me explique se isso não é atitude de mentecapto.

— Ora, Livia, não veja as coisas por esse lado.

Livia, no entanto, continuou a ver as coisas por aquele lado. Já eram seis da tarde quando ele conseguiu amansá-la. Para distraí-la, contou a história do menininho de Villaseta que furtava as merendas de outros menininhos.

Nem mesmo desta vez Livia riu. Pelo contrário, pareceu entristecer.

— O que houve? O que foi que eu disse? Falei besteira de novo?

— Não, eu fiquei pensando nesse pobre menininho.

— O que foi furtado?

— O outro. Deve estar realmente esfomeado e em desespero. Não falava italiano, você disse? Talvez seja filho de algum imigrante que não tem nem ar pra respirar. Ou então foi abandonado.

— Jesus! — gritou Montalbano, ofuscado pela revelação, um grito tão forte que Livia teve um sobressalto.

— O que foi que deu em você?

— Jesus — repetiu o comissário, olhos arregalados.

— Mas o que foi que eu falei? — perguntou Livia, preocupada.

Montalbano não respondeu. Pelado como estava, correu ao telefone.

— Catarella, mexa esse rabo na cadeira e me passe Fazio imediatamente. Fazio? Daqui a uma hora, no máximo, quero vocês todos, eu disse todos, no comissariado. Sem faltar ninguém, senão eu armo um barraco.

Desligou e discou outro número.

— Chefe? Aqui é Montalbano. Estou com vergonha de dizer, mas esta noite realmente não vou poder ir. Não, não se trata de Livia. É uma questão de trabalho, depois eu conto. Amanhã, pra almoçar? Ótimo. E, por favor, transmita minhas desculpas à sua senhora.

Livia estava de pé, tentando entender por que suas palavras haviam provocado uma reação tão frenética.

Como única resposta, Montalbano jogou-se na cama, puxando-a consigo. Suas intenções eram claríssimas.

— Mas você não disse que daqui a uma hora vai pro comissariado?

— Quinze minutos mais, quinze minutos menos.

No gabinete de Montalbano, que certamente não era espaçoso, embolavam-se Augello, Fazio, Tortorella, Gallo, Germanà, Galluzzo e Grasso, que tinha começado a trabalhar ali não fazia nem um mês. Catarella estava apoiado à ombreira da porta, atento à mesa telefônica. Montalbano tinha levado junto uma relutante Livia.

— Afinal, o que é que eu vou fazer?

— Você pode ser muito útil, acredite.

E não quis dizer nem uma palavrinha de explicação.

No mais completo silêncio, o comissário desenhou grosseiramente, mas com bastante precisão, uma planta do lugar, mostrando-a aos presentes.

— Isto aqui é um casebre da rua Garibaldi, em Villaseta. No momento, não tem ninguém lá. Aqui atrás é uma horta...

Continuou ilustrando cada detalhe, as casas vizinhas, os cruzamentos das ruas, as interseções das vielas. Havia decorado tudo, na tarde que tinha passado, sozinho, no quarto de Karima. Excetuando Catarella, que ficaria de guarda, todos estavam envolvidos na operação: a cada um, ele indicou o respectivo posto a ocupar. Ordenou que chegassem ao local da ação na moita: nem sirene, nem distintivo, nem mesmo viatura de polícia, não deviam fazer-se notar de maneira alguma. Se alguém quisesse ir com seu próprio cano, deveria deixá-lo a pelo menos meio quilômetro de distância da casa. Levassem o que quisessem, sanduíches, café, cerveja, porque a coisa provavelmente seria demorada, talvez eles tivessem de ficar de plantão a noite inteira, e não havia certeza de sucesso, era muito provável que a pessoa que eles deviam pegar não aparecesse por ali. A hora em que fosse acesa a iluminação da rua assinalaria o início da operação.

— Armas? — quis saber Augello.

— Armas? Que armas? — atordoou-se Montalbano, por um momento.

— Bem, não sei, como a coisa me parece séria, achei...

— Mas quem é que a gente vai pegar? — interrompeu Fazio.

— Um ladrão de merendas.

No gabinete não se escutava sequer uma respiração. A testa de Augello cobriu-se de suor.

“Faz um ano que eu digo e repito pra ele ir se consultar”, pensou o vice.

A noite estava serena, iluminada pela lua, tudo imóvel, por falta de vento. Aos olhos de Montalbano, só apresentava um defeito: parecia não querer passar, cada minuto se expandia misteriosamente, dilatava-se em outros cinco.

À chamazinha de um isqueiro, Livia havia repostado na cama o colchão desventrado. Deitou-se e aos poucos foi pegando no sono. Agora, dormia para valer.

O comissário, sentado numa cadeira ao lado da janela que dava para os fundos, podia ver distintamente a horta e o campo. Naquele lado deviam estar Fazio e Grasso, mas, por mais que forçasse a vista, ele não enxergou nem a sombra dos dois, escondidos que estavam entre as amendoeiras. Montalbano alegrou-se com o profissionalismo dos seus homens: tinham ficado empenhadíssimos, depois que ele tinha explicado que o menino talvez fosse François, o filho de Karima. Deu uma tragada no quadragésimo cigarro e, àquele brilhinho, olhou o relógio: vinte para as quatro. Decidiu esperar mais uma meia hora, depois mandaria os homens voltarem para casa. Foi então que notou um levíssimo movimento no ponto onde terminava a horta e começava o campo; ou melhor, mais que um movimento, uma momentânea falta de reflexo da luz da lua sobre a palha e os gravetos secos. Não podia ser Fazio, Grasso também não; o comissário, propositadamente, deixara aquela área desguarnecida, quase para favorecer, sugerir um acesso. O movimento, ou o que quer que fosse, repetiu-se e, desta vez, Montalbano distinguiu uma pequena forma escura que avançava lentamente. Não havia dúvida, era o menino.

Ele moveu-se rapidamente até Livia, guiado pela respiração dela.

— Acorde, está chegando.

Voltou para a janela e Livia logo se juntou a ele. Montalbano cochichou-lhe ao ouvido:

— Assim que a gente o agarrar, você desce correndo. Ele vai estar apavorado, mas com uma mulher talvez fique mais calmo. Faça carinho, beije, diga o que achar melhor.

O menino estava agora bem junto à casa, via-se distintamente que levantava a cabeça e olhava para a janela. Dali a pouco materializou-se a figura de um homem que, com dois saltos, caiu sobre ele e o agarrou. Era Fazio.

Livia voou pela escada. François esperneava e soltava um grito longo, lancinante, como de animal apanhado em armadilha. Montalbano acendeu a luz e debruçou-se na janela.

— Tragam ele aqui pra cima. Grasso, vá avisar aos outros, chame todos pra cá.

Enquanto isso, o grito do menino havia parado, transformando-se em soluços. Livia pegou-o no colo e agora falava com ele.

François estava ainda muito tenso, mas já não chorava. Com as pupilas brilhando, olhar intenso, observava as faces ao seu redor, e logo foi recuperando a calma. Estava sentado à mesa onde, até alguns dias antes, teve sua mãe do lado, e talvez fosse por isso que segurava a mão de Livia e não queria que ela saísse dali.

Mimì Augello, que se afastara, voltou com um pacote, e todos compreenderam que ele foi o único a ter aquela grande ideia. No pacote havia sanduíches de presunto, bananas, docinhos e duas latas de Coca-Cola. Depois de ganhar como prêmio uma olhadela comovida de Livia, o que naturalmente irritou Montalbano, Mimì balbuciou:

— Mandei preparar ontem à noite... Achei que, se a gente ia dar com um menino esfomeado...

Enquanto comia, François se abandonava ao cansaço e ao sono. De fato, não conseguiu terminar os doces: de repente, soltou a cabeça em cima da mesa, apagado como se um interruptor lhe tivesse desligado a energia.

— E agora, a gente leva ele pra onde? — perguntou Fazio.

— Pra nossa casa — disse Livia, decidida.

Montalbano se ligou naquele “nossa”. E, enquanto recolhia uma calça jeans e uma T-shirt para o garoto, não conseguiu estabelecer se devia se aborrecer ou se alegrar com isso.

O garotinho não abriu os olhos, nem durante a viagem até Marinella nem quando Livia o despiu, depois de preparar-lhe uma cama improvisada no sofá da sala de jantar.

— E se ele acordar e fugir enquanto a gente dorme? — perguntou o comissário.

— Não acho que vá fazer isso — tranquilizou-o Livia.

De qualquer maneira, Montalbano tomou suas precauções, fechando a janela, baixando a grade e dando duas voltas na chave da porta de entrada.

Também eles foram dormir, mas, apesar do cansaço, demoraram a pegar no sono: a presença de François, cuja respiração ouviam, deixava-os

inexplicavelmente pouco à vontade.

Por volta das nove da manhã, hora supertardia para ele, o comissário acordou, levantou-se com cuidado, para não incomodar Livia, e foi espiar François. No sofá o garoto não estava, no banheiro também não. Tinha fugido, como ele temia. Mas como diabos tinha conseguido, se a porta estava trancada a chave e a grade, ainda abaixada? Montalbano começou a procurar em todos os lugares onde François podia ter-se malocado. Nada: desaparecido. Tinha de acordar Livia e contar a ela, pedir sugestões. Estendeu a mão e, na mesma hora, viu a cabeça do menino à altura do peito da sua mulher. Os dois dormiam, abraçados.

Capítulo IX

— Comissário? Desculpe incomodar o senhor em casa. Podemos nos ver agora de manhã, pra eu lhe contar?

— Claro, eu dou um pulo em Montelusa.

— Não, vou eu até Vigàta. Podemos nos encontrar dentro de uma hora, no escritório da Ladeira Granet?

— Podemos. Obrigado, Laganà.

Montalbano foi até o banheiro, procurando fazer o mínimo possível de barulho. E, sempre para não incomodar Livia e François, vestiu as mesmas roupas da véspera, ainda mais amarrotadas pela noite de plantão. Deixou um bilhete: na geladeira havia muita comida, ele seguramente voltaria para o almoço. Mal acabou de escrevê-lo, lembrou-se que o chefe o convidara para almoçar. Com François, não era o caso. Então decidiu telefonar logo, senão corria o risco de esquecer. Sabia que o chefe passava as manhãs de domingo em família, exceto em situações extraordinárias.

— Montalbano? Não me diga que não vem almoçar!

— Pois é, chefe, infelizmente.

— Alguma coisa séria?

— Bastante. O fato é que a partir de hoje de madrugada eu me tornei, vamos dizer assim, quase pai.

— Meus parabéns! — foi o comentário do chefe. — Então a senhorita Livia... Vou contar à minha mulher, ela vai ficar contentíssima. Mas não entendo por que isso o impede de vir, do mesmo jeito. Ah, percebo: deve ser pra daqui a pouco.

Literalmente transtornado pelo equívoco em que seu superior caíra, Montalbano perdeu-se numa longa, tortuosa e balbuciante explicação, na qual mortos assassinados embolavam-se com merendas e o perfume Volupté, com a tipografia Mulone. O chefe de polícia perdeu a paciência.

— Está bem, está bem, depois o senhor me conta direito. Quando é que a senhorita Livia vai embora?

— Hoje à noite.

— Então, não teremos o prazer de conhecê-la. Paciência, fica para outra oportunidade. Escute, Montalbano, façamos o seguinte: quando o senhor achar que vai ter um tempo livre, me telefone.

Antes de sair, ele foi dar mais uma olhada em Livia e François, que ainda dormiam. E quem os soltaria daquele abraço? Preocupou-se, invadido por um obscuro pressentimento.

O comissário se espantou: no escritório de Lapècora, tudo estava como ele tinha deixado da última vez, nem um papel fora do lugar, nem um clipe que não estivesse onde ele já o havia percebido. Laganà compreendeu.

— Não era uma busca, doutor. Não havia necessidade de deixar tudo de pernas pro ar.

— O que me diz?

— Bom. A firma foi fundada por Aurelio Lapècora em 1965. Antes, ele tinha trabalhado como empregado. A firma importava frutas tropicais e tinha uma loja na rua Vittorio Emanuele Orlando, perto do porto, dotada de câmaras frigoríficas. E exportava cereais, grão-de-bico, fava, até pistache, coisas assim. Um bom volume de negócios, pelo menos até a segunda metade dos anos oitenta. Depois, entrou numa queda progressiva. Pra resumir, em janeiro de 1990 Lapècora foi obrigado a liquidar a firma, fazendo tudo legalmente. Vendeu até a loja, com um bom lucro. Todos os papéis estão devidamente arquivados, Lapècora era um homem organizado, se eu tivesse feito uma inspeção não encontraria nada pra reclamar. Quatro anos depois, sempre em janeiro, ele obteve autorização para a reabertura da firma, da qual tinha mantido a razão social. Mas não voltou a comprar um depósito ou uma loja, nada. Quer saber de uma coisa?

— Acho que já sei. De 1994 para cá, o senhor não achou nenhum vestígio de qualquer operação comercial.

— Exatamente. Se Lapècora queria vir passar algumas horas no escritório, e me refiro ao que vi no aposento ao lado, que necessidade tinha de reabrir a firma?

— Achou correspondência recente?

— Não, senhor. Tudo correspondência velha, de quatro anos atrás.

Montalbano apanhou na escrivaninha um envelope envelhecido e mostrou-o ao suboficial.

— Achou envelopes como este, mas novos, com o timbre em inglês?

— Nenhum.

— Escute, Laganà. Mês passado, uma tipografia daqui mandou entregar a Lapècora, neste escritório, um pacote de papel ofício. Se não encontrou nem a sombra dele, o senhor acha que, num período de quatro semanas, o estoque inteiro tenha acabado?

— Não creio. Nem mesmo quando as coisas iam bem ele poderia escrever tanto.

— Achou cartas de uma firma estrangeira, Aslanidis, que exporta tâmaras?

— Nada.

— Mas ele as recebia, o carteiro me disse.

— Comissário, o senhor procurou bastante, na casa de Lapècora?

— Procurei. Não achei nada que pudesse ter a ver com os novos negócios dele. E quer saber de outra coisa? Segundo uma testemunha mais que confiável, certas noites, na ausência de Lapècora, isto aqui fervia de atividade.

Montalbano prosseguiu, contando ao suboficial sobre Karima e sobre o rapaz moreno, tido por sobrinho, que telefonava, recebia telefonemas e escrevia cartas, mas só com sua máquina portátil.

— Já entendi — fez Laganà. — E o senhor, não?

— Também, mas gostaria primeiro de ouvi-lo.

— A firma era uma cobertura, uma fachada, um ponto de referência para não sei que tipo de tráfico, mas certamente não era importação de tâmaras.

— Concordo — fez o comissário. — E, quando mataram Lapècora, ou pelo menos na noite anterior, vieram aqui e sumiram com tudo.

Montalbano foi até o comissariado. Catarella estava à mesa telefônica, fazendo palavras cruzadas.

— Me esclareça uma curiosidade, Catarè. Quanto tempo você leva pra acabar?

— Ah, são difícil, doutor, muito difícil. Nesta aqui eu venho trabalhando já faz bem um mês, e num consigo.

— Alguma novidade?

— Nada pra se levar a sério, doutor. Tocaram fogo na garage de Sebastiano Lo Monaco, os bombeiro do fogo correram lá e apagaram o fogo. Cinco carro que tavam na garage ficaram torrado. Depois atiraram num que o nome próprio dele se chama Filippo Quarantino, mas erraram e pegaram a janela cuja na qual quem mora é dona Saveria Pizzuto, que tomou um susto tão grande que foi parar no hospital. Depois teve outro incêndio, sem dúvida nenhuma toloso, um incêndio de fogo. Resumindo, doutor, besteira, bobage, coisas sem importância.

— Quem está aqui?

— Ninguém, doutor. Foi tudo ver essas coisa aí.

Montalbano entrou em seu gabinete. Sobre a escrivaninha havia um pacote embrulhado em papel da confeitaria Pipitone. Abriu-o: *cannoli*, sonhos, nugás.

— Catarè!

— Às orde, doutor!

— Quem botou estes doces aqui?

— O doutor Augello. Disse assim, que comprou pro menininho pequeno desta noite.

Como se tornara pressuroso e atento à infância abandonada, o senhor Mimì Augello! Estaria contando com outra olhadela de Livia?

O telefone tocou.

— Doutor? É o juiz Lo Bianco que disse que quer lhe falar com o senhor.

— Pode passar.

Quinze dias antes, o juiz Lo Bianco enviara de presente ao comissário o primeiro tomo, setecentas páginas, da obra à qual se dedicava havia anos: *Vida e empreendimentos de Rinaldo e Antonio Lo Bianco, mestres jurados da Universidade de Agrigento, ao tempo do rei Martinho o jovem (1402-1409)*, os quais ele havia cismado terem sido seus antepassados. Montalbano tinha folheado o livro, numa noite de insônia.

— E aí, Catarè, vai me passar o juiz ou não?

— A questão do problema, doutor, é que eu num posso passar porque ele em pessoa tá pessoalmente aqui.

Praguejando, Montalbano precipitou-se, fez entrar o juiz e pediu desculpas. Estava de barra suja, o comissário, porque tinha se limitado a dar um telefonema ao magistrado, por causa do homicídio Lapècora, e depois havia literalmente esquecido a existência dele. Certamente, Lo Bianco veio para dar-lhe uma bronca.

— Só um ligeiro cumprimento, prezado comissário. Eu vinha passando por aqui, estou indo visitar minha mãe, que se encontra em casa de amigos em Durruei. Então pensei cá comigo: vamos tentar? E tive sorte, encontrei-o.

“E que droga será que ele quer de mim?”, perguntou-se Montalbano. Pelo olhar esperançoso do outro, não demorou muito a entender.

— Senhor juiz, tenho passado noites insones.

— Ah, é? Por quê?

— Pra ler o seu livro. É mais fascinante do que um romance policial e, ainda por cima, tão rico de detalhes!

Um tédio mortal: nomes e mais nomes, uma data atrás da outra. Em comparação, o horário ferroviário era mais rico em achados e cenas emocionantes.

Montalbano lembrou-se de um episódio narrado pelo juiz, a saber, quando Antonio Lo Bianco, dirigindo-se a Castrogiovanni em embaixatura, tinha caído do cavalo e quebrara uma perna. Ao insignificante acontecimento, o juiz havia dedicado vinte e duas páginas, maniacamente circunstanciadas. Para demonstrar que de fato havia lido o livro, o incauto Montalbano o citou.

E o juiz Lo Bianco o entreteve ao longo de duas horas, acrescentando outros detalhes tão inúteis quanto minuciosos. Quando, finalmente, se despediu, Montalbano estava começando a sentir dor de cabeça.

— Ah, escute, meu caro, não se esqueça de me dar notícias sobre o crime Lacapra.^[5]

Montalbano chegou a Marinella e não encontrou nem Livia nem François. Estavam à beira-mar: Livia, de maiô, e o menino, de cueca. Tinham construído um castelo de areia gigantesco. Riam, conversavam. Claro que em francês, língua que Livia conhecia tanto quanto o italiano. De resto, também o inglês. E além disso o alemão, para dizer logo tudo. O ignorante da casa era ele, que sabia mal e mal quatro palavrinhas de francês, aprendidas na escola. Montalbano pôs a mesa, na geladeira achou a *pasta ‘ncasciata* e o *rollè*^[6] do dia anterior. Botou-os para aquecer em forno brando. Despiu-se rapidamente, vestiu o calção e foi ao encontro dos dois. A primeira coisa que notou foi que eles dispunham de baldinho, pазinha, peneirinha, forminhas de peixes e de estrelas. Ele, naturalmente, não tinha em casa esses brinquedos, e Livia por certo não os havia comprado, era domingo. Na praia, afora os três, não havia viva alma.

— E estes?

— Estes o quê?

— Pazinha, baldinho...

— Augello trouxe pra nós hoje de manhã. Que bonitinho! São de um sobrinhozinho dele, que no ano passado...

Montalbano recusou-se a ouvir mais. Jogou-se na água, furioso.

Voltaram para casa e Livia percebeu a bandeja de papelão cheia de doces.

— Por que você comprou isso? Não sabe que doce pode fazer mal às crianças?

— Eu sei, quem não sabe é seu amigo Augello. Foi ele quem comprou. Agora comam, você e François.

— A propósito, telefonou sua amiga Ingrid, aquela sueca.

Ataque, parada, contra-ataque. Se aquilo não era uma esgrima, por que o “a propósito”?

Aqueles dois simpatizavam um com o outro, isso era claro. A coisa tinha se iniciado no ano anterior, quando Mimì havia ciceroneado Livia num passeio de um dia inteiro. E continuava. O que faziam quando ele não estava? Trocavam olharezinhos, sorrisinhos, elogiozinhos?

Começaram a almoçar. Livia e François de vez em quando se falavam, fechados numa invisível esfera de cumplicidade, da qual Montalbano havia ficado completamente excluído. Mas a comida estava tão gostosa que ele não conseguiu se enraivecêr como gostaria.

— Ótimo, este *brusciuluni* — disse.

Livia teve um sobressalto, o garfo no ar.

— O que foi que você disse?

— *Brusciuluni*. O *rollè*.

— Quase me assustei. Vocês têm cada palavra, aqui na Sicília...

— Na Ligúria vocês também não ficam atrás. A propósito, a que horas sai seu voo? Acho que posso te levar de carro.

— Ah, eu tinha esquecido. Cancelei a reserva e liguei pra Adriana, a minha colega, ela me substitui. Vou ficar mais alguns dias. Achei que, se eu não estiver aqui, você vai deixar François com quem?

O obscuro pressentimento da manhã, quando ele os vira dormir abraçados, começava a tomar corpo. Quem desgrudaria aqueles dois?

— Você parece chateado, irritado, sei lá.

— Eu?! Imagine, Livia!

Imediatamente depois de comer, o menino começou a piscar os olhos, morria de sono, devia estar ainda muito abalado. Livia levou-o para o quarto, tirou-lhe a roupa e deitou-o na cama.

— Ele me disse umas coisas — informou, deixando a porta semiaberta.

— Me conte.

— Uma hora lá, enquanto a gente fazia o castelo de areia, perguntou se eu achava que a mãe dele ia voltar. Respondi que não sabia nada dessa história toda, mas que certamente um dia a mãe ia aparecer pra pegá-lo. Ele fez uma careta, e eu não fiz comentários. Dali a pouco, voltou ao assunto, dizendo que não achava que essa volta fosse acontecer. E não falou mais nada sobre isso. Esse menino tem a vaga consciência de alguma coisa terrível. A certa altura, recomeçou a falar. Contou que, naquela tal manhã, a mãe tinha chegado às pressas, apavorada, dizendo que eles precisavam ir embora. Caminharam até o centro de Villaseta, a mãe tinha dito que iam pegar um ônibus intermunicipal.

— Pra onde?

— Ele não sabe. Enquanto esperavam, um carro encostou, ele conhecia esse carro, era o de um homem mau que algumas vezes tinha batido na mãe. Fahrid.

— Como foi que você disse?

— Fahrid.

— Tem certeza?

— Absoluta. Ele disse até que se escreve com um “h” entre o “a” e o “r”.

Quer dizer que o querido sobrinho do senhor Lapècora, o proprietário da BMW cinza-metálico, atendia por um nome árabe.

— Continue.

— Esse Fahrid desceu, puxou Karima pelo braço, queria obrigá-la a entrar no carro. Ela resistiu, gritou a François pra fugir, e ele saiu correndo. Fahrid não soltava Karima, o menino teve que escolher. Depois se escondeu, apavorado. Não teve coragem de voltar e procurar a mulher que ele chama de avó.

— Aisha.

— Morrendo de fome, furtou as merendas, pra sobreviver. De noite se aproximava da casa, mas via tudo escuro e tinha medo de que Fahrid estivesse ali escondido, esperando por ele. Dormiu ao relento, sentindo-se caçado. Na madrugada de ontem não aguentava mais, queria voltar pra casa de qualquer jeito. Por isso chegou tão perto.

Montalbano permaneceu calado.

— Bom, o que é que você está pensando?

— Que temos em casa um órfão.

Livia ficou pálida, sua voz tremeu.

— Por que você acha isso?

— Vou explicar a ideia que estou fazendo sobre essa história toda, inclusive com base nisso que você acabou de contar. Vamos lá. Mais ou menos uns cinco anos atrás, essa tunisina, bonita, insinuante, chega por aqui com um filho pequenininho. Procura trabalho como doméstica e facilmente acha, porque, a pedidos, concede suas graças a homens maduros. Assim conhece Lapècora. Mas, em certo momento, entra em sua vida esse Fahrid, talvez um gigolô. Pra resumir, Fahrid concebe o plano de obrigar Lapècora a reabrir sua velha firma de importação e exportação, que servirá de fachada para esconder um tráfico suspeito, não sei se de drogas ou de prostituição. Lapècora, que é substancialmente um homem honesto, fica apavorado, porque intui alguma coisa, e tenta sair dessa situação por meios um tanto ingênuos. Imagine, escreve à mulher cartas anônimas contra si mesmo. A coisa continua mas, em certo momento, não sei por quais motivos, Fahrid é obrigado a cair fora. Mas, a esta altura, tem que eliminar Lapècora. Dá um jeito de Karima passar uma noite na casa do velho, escondida no gabinete. No dia seguinte, a mulher de Lapècora

deverá ir a Fiacca, visitar uma irmã doente. E talvez Karima tenha criado nele uma expectativa de altas loucuras no leito conjugal, na ausência da mulher, sabe lá. De manhã cedo, depois que a senhora Lapècora sai, Karima abre a casa para Fahrid, que entra e mata o velho. Lapècora deve ter tentado fugir, eis por que foi achado no elevador. Só que, pelo que você acaba de me contar, Karima certamente não sabia das intenções homicidas de Fahrid. Quando vê que o cúmplice esfaqueou Lapècora, foge. Mas não consegue ir longe, Fahrid a localiza e a sequestra. Seguramente assassinou-a para ela não falar. E a contraprova é que ele voltou à casa de Karima para dar sumiço em todas as fotos: não quer que ela seja identificada.

Silenciosamente, Livia começou a chorar.

Montalbano ficou sozinho, Livia tinha ido deitar-se ao lado de François. Sem saber o que fazer, foi sentar-se na varanda. No céu desenrolava-se uma espécie de duelo entre gaivotas; na praia, um casalzinho passeava, de vez em quando trocavam um beijo, mas cansadamente, como para obedecer a um roteiro. Montalbano entrou, pegou o último romance do pobre Bufalino,^[7] aquele do fotógrafo cego, e voltou a sentar-se na varanda. Olhou a capa, a orelha e fechou-o. Não conseguia se concentrar. Sentia crescer dentro de si, lentamente, um agudo mal-estar. E, de repente, compreendeu a razão.

Pois é, aquilo era um ensaio, uma antecipação das quietas, familiares tardes dominicais que o esperavam, talvez não mais em Vigàta, mas em Boccadasse. Com um menino que, ao acordar, iria chamá-lo de papai e convidá-lo para brincar...

O surto de pânico o sufocou.

Capítulo X

Escapar imediatamente, fugir daquela casa que preparava ciladas familiares. Enquanto entrava no carro, deu-lhe vontade de sorrir pelo ataque de esquizofrenia que estava sofrendo. Sua parte racional sugeria que ele podia muito bem controlar a nova situação, a qual, de resto, só existia em sua imaginação; a parte irracional o impelia à fuga, assim mesmo, sem muitos raciocínios.

Chegou a Vigàta e seguiu para o comissariado.

— Alguma novidade?

Em vez de responder, Fazio perguntou, por sua vez:

— Como vai o menino?

— MUITÍSSIMO BEM — retrucou ele, ligeiramente aborrecido. — E então?

— Nada sério. Um desempregado entrou no supermercado e começou a quebrar as prateleiras com um pedaço de pau...

— Um desempregado? Mas o que é que você está me dizendo? Ainda existem desempregados aqui?

Fazio atrapalhou-se.

— Claro que existem, doutor, não sabia?

— Sinceramente, não. Achava que agora todo mundo tinha encontrado trabalho.

Fazio estava claramente surpreso.

— E onde o senhor quer que eles achem trabalho?

— No *pentitismo*^[8] Fazio. Esse desempregado que arrebentou as prateleiras com um pau, antes de ser desempregado é um imbecil. Você prendeu ele?

— Prendi.

— Vá lá e diga, em meu nome, pra ele se arrepender.

— E de quê?

— Ele que invente uma coisa qualquer. O importante é que se diga arrependido. Uma bobagem, não importa, você mesmo pode dar uma sugestão. Assim que se arrepender, tudo resolvido. Os caras pagam, acham-lhe uma casa de graça, botam os filhos na escola. Vá, diga.

Fazio encarou-o demoradamente, sem dizer nada. Depois falou.

— Doutor, o tempo tá bom, mas o senhor tá de lua. O que houve?

— Umas merdas cá comigo.

O proprietário da bodega onde Montalbano costumava abastecer-se de tiragostos havia arquitetado um sistema genial para burlar o obrigatório fechamento dominical: diante da porta amada, havia instalado a si mesmo e uma barraquinha superfornida.

— Tem uns amendoins que eu acabei de torrar, quentinhos, quentinhos — informou.

O comissário mandou acrescentar um pouquinho no cartucho improvisado com papel, que já continha grãos-de-bico e sementes de abóbora.

Desta vez, ele prolongou até depois do pôr do sol, bem mais que o habitual, o ruminante passeio solitário até a ponta do quebra-mar.

— Este menino é inteligentíssimo! — comentou Livia, excitada, assim que viu Montalbano entrar em casa. — Não faz nem três horas que eu expliquei a ele o jogo de damas, e olha só: já me ganhou uma partida e está ganhando esta.

O comissário ficou de pé, ao lado dos dois, observando os últimos movimentos do jogo. Livia errou clamorosamente, e François comeu-lhe as duas damas remanescentes. Conscientemente ou não, Livia queria que o garotinho ganhasse: se, no lugar de François, estivesse ele, Montalbano, nem morta ela lhe daria a satisfação da vitória. Uma vez chegara até à baixezinha de fingir um desmaio repentino, que tinha lhe permitido derrubar as pedras no chão.

— Está com fome?

— Posso esperar, se você quiser — respondeu o comissário, aderindo ao pedido implícito de retardar o jantar.

— Bem que a gente podia dar um passeiozinho.

Ela e François, naturalmente: a hipótese de que ele pudesse acompanhá-los sequer passara pelo vestíbulo do cérebro da moça.

Montalbano botou a mesa, arrumou-a com capricho e, quando terminou, foi à cozinha, para ver o que Livia havia preparado. Nada, uma desolação ártica, panelas e pratos resplandeciam, incontaminados. Envolvida com François, ela sequer pensara no jantar. Ele fez um rápido e tristonho inventário: como primeiro, podia cozinhar um pouquinho de massa ao alho e óleo; como segundo, talvez se arranjassem com sardinhas salgadas, azeitonas, *caciocavallo* e atum em lata. O pior, de qualquer maneira, aconteceria no dia seguinte, quando Adelina, ao chegar para limpar a casa e cozinhar, encontrasse Livia com um menino. As duas mulheres não se entendiam; por causa de certas observações de Livia, certa vez Adelina havia largado tudo, de uma hora para a outra, e tinha desaparecido, para só voltar ao ter certeza de que sua rival tinha ido embora e estava a centenas de quilômetros de distância.

Era a hora do noticiário e ele ligou a televisão, sintonizando a Televigàta. À sua frente compareceu a cara de cu de galinha de Pippo Ragonese, o comentarista. Montalbano já ia mudando de canal, quando as primeiras palavras de Ragonese o paralisaram.

“O que estará acontecendo no comissariado de Vigàta?”, perguntou o comentarista a si mesmo e ao universo criado, num tom diante do qual aquele usado por Torquemada em seus melhores momentos pareceria o de alguém que contasse uma piada.

Ragonese prosseguiu afirmando que, segundo seu parecer, doravante Vigàta podia considerar-se irmã gêmea da Chicago da lei seca: tiroteios, furtos, incêndios dolosos; a vida e a liberdade do honesto cidadão comum sujeitas a risco permanente. E sabiam os espectadores a que se dedicava, em meio a uma tão trágica situação o superelogiado comissário Montalbano? O ponto de interrogação foi sublinhado com tanta força que ao comissário pareceu até vê-lo surgir impresso sobre o cu de galinha. Ragonese, depois de tomar fôlego para poder expressar devidamente espanto e indignação, silabou:

“À ca-ça de um la-drão de me-ren-das!”

Não tinha ido sozinho, o senhor comissário, mas havia levado junto os seus homens, deixando no comissariado, como único responsável, um telefonista imbecil. Como era que ele, Ragonese, havia tomado conhecimento dessa situação, talvez cômica, mas seguramente trágica? Havendo necessitado falar com o vice-comissário Augello para solicitar uma informação, tinha ligado para ele e o telefonista tinha lhe dado a inaudita resposta. De início, havia pensado numa brincadeira, certamente imprópria, e tinha insistido, por fim compreendendo que não se tratava de uma tirada de humor, mas de uma inacreditável verdade. Davam-se conta, os espectadores de Vigàta, de em que mãos se encontravam?

“Mas o que foi que eu fiz de errado pra ter Catarella pendurado aos meus colhões?”, perguntou-se amargamente o comissário, enquanto trocava de canal.

Na Retelibera estavam transmitindo, de Mazàra, as imagens do enterro do marinheiro tunisino metralhado a bordo do pesqueiro *Santopadre*. Terminada a cerimônia, o locutor comentou a desventura do tunisino tragicamente morto em seu primeiro embarque, realmente chegara ao lugar há pouco tempo e quase ninguém o conhecia. Não tinha família, ou, pelo menos, não tinha tido tempo de trazê-la para Mazàra. Havia nascido fazia trinta e dois anos, em Sfax, e chamava-se Ben Dhahab. Apareceu uma foto do tunisino, e, naquele momento, entraram na sala Livia e o garoto, de volta do passeio. Ao ver aquele rosto na telinha, François sorriu e esticou o dedinho.

— *Mon oncle.*

Livia ia pedindo a Salvo que desligasse a tevê, porque aquilo a incomodava na hora da refeição; e Montalbano, por sua vez, estava para reclamar porque ela não havia preparado nada para o jantar. Mas ficaram os dois de boca aberta, os indicadores apontados um para a outra, enquanto um terceiro indicador, o do menino, continuava apontando a tela. Parecia ter passado o anjo, aquele que diz “amém” e todo mundo fica do jeito em que está. O comissário voltou a si e, duvidando do seu escasso francês, buscou confirmação.

— O que foi que ele disse?

— Ele disse: meu tio — respondeu Livia, branca, branca.

Desaparecida a imagem, François tinha ido sentar-se em seu lugar à mesa, impaciente para começar e nem um pouco impressionado por ter visto seu tio na tevê.

— Pergunte se esse que ele viu é seu tio tio.

— Mas que pergunta cretina é essa?

— Não é cretina. Eu também fui chamado de tio e não sou.

François explicou que aquele homem era seu tio tio, irmão da sua mãe.

— Ele tem que sair comigo já, já — fez Montalbano.

— Pra onde?

— Pro comissariado. Quero que ele veja uma foto.

— Nem pensar, ninguém vai roubar essa foto. Primeiro François tem que comer. E eu também vou junto, você é capaz de perder o menino pelo caminho.

A massa ficou supercozida, praticamente incomível.

De guarda encontrava-se Catarella, o qual, ao ver comparecer àquela hora a familiazinha completa e ao notar a cara do seu superior, alarmou-se.

— Doutor, tá tudo calmo, uma tranquilidade só.

— Mas não na Chechênia.

Montalbano tirou da gaveta as fotografias que havia escolhido entre as de Karima, pegou uma e mostrou-a ao menino. Este, sem dizer nada, levou-a aos lábios e beijou a imagem da mãe.

Livia conteve a custo um soluço. Dispensável perguntar, tão evidente era a semelhança entre o homem aparecido na tevê e aquele, de uniforme, da foto com Karima. Mas o comissário perguntou mesmo assim.

— *Ton oncle*, é este?

— *Oui*.

— *Comment s'appelle-t-il?*

E congratulou-se por seu francês de turista da Torre Eiffel ou do Moulin Rouge.

— Ahmed — disse o garoto.

— *Seulement* Ahmed?

— Oh, *non*. Ahmed Moussa.

— *Et ta mère? Comment s'appelle?*

— Karima Moussa — fez François, dando de ombros e sorrindo pela obviedade da pergunta.

Montalbano desafogou sua raiva em cima de Livia, que não esperava a violência do ataque.

— Mas que merda! Você fica dia e noite com o menino, brinca, ensina damas, e não pergunta o sobrenome! Bastava perguntar, não? E aquele outro babaca do Mimì! O grande investigador! Traz baldinho, pazinha, forminhas, docinhos e, em vez de falar com o menino, só fala com você!

Livia não reagiu e Montalbano imediatamente caiu em si, envergonhando-se pela explosão.

— Desculpe, Livia, eu tou nervoso.

— Dá pra perceber.

— Pergunte se ele já viu pessoalmente esse tio, inclusive recentemente.

Livia falou com François e depois explicou que, recentemente, não, mas que, quando François tinha três anos, a mãe o tinha levado à Tunísia e lá ele encontrara o tio com outros homens. Mas tinha uma recordação confusa, só se lembrava de alguma coisa porque a mãe havia comentado.

Portanto, concluiu Montalbano, dois anos antes acontecera uma espécie de conferência de cúpula durante a qual se decidira, de algum modo, o destino do pobre Lapècora.

— Escute, leve François ao cinema, faça hora pra pegar a última sessão e depois volte pra cá. Eu preciso trabalhar.

— Alô, Buscaino? Montalbano. Acabei de saber o nome completo daquela tunisina que mora em Villaseta, lembra?

— Claro. Karima.

— Ela se chama Karima Moussa. Será que você podia levantar algumas informações aí na Imigração?

— Tá brincando, comissário?

— Não, não estou brincando. Por quê?

— Mas como?! Com a sua experiência, o senhor vem me perguntar uma coisa dessas?

— Explique-se melhor.

— Veja bem, comissário, nem mesmo se o senhor me disser o nome do pai e da mãe, o dos avós paternos e maternos, local e data de nascimento.

— Escuro total?

— E como poderia ser diferente? Em Roma podem fazer todas as leis que quiserem, mas, aqui, tunisinos, marroquinos, líbios, cabo-verdianos, cingaleses, nigerianos, ruandeses, albaneses, sérvios e croatas entram e saem como lhes der na telha. Isto aqui é o Coliseu, não tem porta pra fechar. O fato da gente ter conseguido naquele dia descobrir o endereço dessa Karima foi uma coisa miraculosa, não é pra todo dia.

— Mas tente assim mesmo.

— Montalbano? Que história é essa de que o senhor teria saído à caça de um ladrão de merendas? Um maníaco?

— Mas não, nada disso, chefe, tratava-se de um menino que, com fome, tinha começado a roubar as merendas de outros meninos. Só isso.

— Como, só isso? Eu sei muito bem que o senhor às vezes, digamos assim, sai pela tangente, mas desta vez, francamente, me parece que...

— Chefe, eu lhe garanto que isso não vai se repetir. Era absolutamente necessário capturá-lo.

— Você o prendeu?

— Sim.

— E fez o quê com ele?

— Levei pra minha casa, Livia está tomando conta.

— Montalbano, enlouqueceu? Devolva imediatamente essa criança aos pais!

— Ele não tem, talvez seja órfão.

— Como, talvez? Investigue, santo Deus!

— Estou investigando, mas François...

— Ai, meu Deus, quem é?

— O menino, é esse o nome.

— Não é italiano?

— Não, é tunisino.

— Escute, Montalbano, por enquanto, esqueça, eu estou atordoado. Mas, amanhã de manhã, me procure em Montelusa e me explique tudo.

— Não posso, vou estar fora de Vigàta. O senhor me acredite, é importantíssimo, não é que eu queira me esquivar.

— Então nós nos vemos à tarde. Veja lá, não falte. O senhor tem que me fornecer uma linha de defesa, o deputado federal Pennacchio...

— Aquele acusado de associação delituosa de cunho mafioso?

— Esse. Está preparando uma interpelação ao Ministro. Quer pedir a sua cabeça.

E como: tinha sido justamente ele, Montalbano, quem havia desencadeado as investigações contra o deputado.

— Nicolò? Montalbano. Preciso lhe pedir um favor.

— Grande novidade! Diga.

— Você ainda vai demorar muito aí na Retelibera?

— Transmito o noticiário da meia-noite e depois vou pra casa.

— São dez agora. Se eu for aí dentro de meia hora, levando uma foto, dá tempo de mostrá-la nesse último noticiário?

— Claro, estou esperando.

De cara, havia farejado que a história do pescueiro *Santopadre* não era boa coisa e tinha feito tudo para se manter fora. Mas, agora, o caso o havia puxado pelos cabelos e esfregado sua cara bem no meio, à força, como quando a gente quer ensinar um gato a não fazer xixi em certos lugares. Bastaria que Livia e François tivessem voltado um pouquinho mais tarde, o menino não veria a imagem do tio, o jantar se desenrolaria em paz, e tudo ficaria da melhor maneira. Montalbano amaldiçoou o seu irrevogável sangue de tira. Outro, em seu lugar, teria dito:

“Ah, é? O garoto reconheceu o tio? Olha só, que coisa curiosa!”

E teria levado à boca a primeira garfada. Mas ele, não, ele não conseguia, tinha de sair por aí batendo com os cornos. O instinto da caça, assim o havia chamado Hammett, que entendia dessas coisas.

— Cadê a foto? — perguntou Zito, assim que o viu.

Era a de Karima com o filho.

— É pra enquadrar inteira? Algum detalhe?

— Enquadre assim mesmo, como está.

Nicolò Zito saiu, dali a pouco voltou, sem a foto, e sentou-se confortavelmente.

— Me conte tudo. E, principalmente, me explique essa história do ladrão de merendas, que Pippo Ragonese considera uma bobagem, mas eu, não.

— Nicolò, estou sem tempo, acredite.

— Não, não acredito. Uma pergunta: o menino que roubava merendas é aquele da foto que você trouxe?

Perigosamente inteligente, esse Nicolò. Melhor secundá-lo.

— É, é ele.

— E a mãe, quem é?

— Uma que certamente está envolvida naquele homicídio de uns dias atrás, o do elevador. E pode parar com as perguntas. Prometo: assim que eu mesmo entender alguma coisa, você será o primeiro a saber.

— Pelo menos dá pra dizer com que tipo de texto eu apresento a foto?

— Ah, pois é. Fale como quem está contando uma história dolorosa e patética.

— Virou diretor de novela, agora?

— Diga que foi procurado por uma velha tunisina, em lágrimas, suplicando pra você mostrar a foto na tevê. Há três dias a velha não tem notícias nem da mulher nem do menino. Chamam-se Karima e François. Quem quer que os tenha visto et cetera, anonimato garantido et cetera, telefonar pro comissariado et cetera.

— Enfia esses et cetera — fez Nicolò Zito.

Em casa, Livia foi logo dormir, levando junto o garoto, mas Montalbano ficou sentado, esperando o telejornal da meia-noite. Nicolò fez o seu dever, exibiu a foto durante o maior tempo que pôde. Quando o noticiário terminou, o comissário chamou-o, para agradecer.

— Pode me fazer mais um favor?

— Estou quase lhe cobrando assinatura. O que é?

— Dá pra retransmitir a matéria amanhã, no jornal das treze? Acho que, neste de agora, pouca gente viu.

— Tudo bem.

Montalbano foi até o quarto, desgrudou François do abraço de Livia, pegou-o no colo, levou-o para a sala de jantar e instalou-o no sofá que Livia já havia preparado. Tomou um banho e deitou-se. Livia, mesmo dormindo, sentiu-o ao lado e colou-se nele, de costas, com todo o corpo. Sempre tinha gostado de fazer isso, naquela meia vigília, naquela gostosa terra de ninguém entre o país do sono e a cidade da consciência. Mas, desta vez, assim que Montalbano começou a lhe fazer carinho, afastou-se rapidamente.

— Não. François pode acordar.

Por um instante, Montalbano ficou petrificado: ainda não havia calculado este outro aspecto das alegrias de uma família.

Levantou-se, tinha perdido o sono. Enquanto voltavam para Marinella, tinha pensado em fazer uma coisa. Agora, lembrou-se.

— Valente? Montalbano. Desculpe incomodar você em casa, a esta hora. Preciso te ver com a máxima urgência. Se eu for te encontrar em Mazàra amanhã

de manhã, ali pelas dez, tá bom pra você?

— Claro. Dá pra adiantar...

— É uma história intrincada, confusa. Estou indo em frente à base de suposições. Também tem a ver com aquele tunisino metralhado.

— Ben Dhahab.

— Pois é. Só pra começar, ele se chamava Ahmed Moussa.

— Não fode.

— Isto mesmo.

Capítulo XI

— Não é certo que exista uma ligação — observou o subchefe de polícia Valente, ao fim do encontro com Montalbano.

— Bom, se essa é a sua opinião, pra mim é um grande favor. Cada um fica na sua: você investiga por que o tunisino usava um nome falso, eu procuro os motivos do assassinato de Lapècora e do desaparecimento de Karima. Se, por acaso, nos cruzarmos no caminho, fingimos não nos conhecer e nem nos cumprimentamos. Combinado?

— Ih! Como você se invoca rápido!

O comissário Angelo Tomasino, uns trinta anos, cara de caixa de banco, daqueles que contam quinhentas mil liras uma a uma, dez vezes seguidas, antes de entregá-las a você, meteu o bedelho em apoio ao seu chefe:

— E também não é certo, sabe?

— O que que não é certo?

— Que Ben Dhahab seja um nome falso. Ele podia perfeitamente se chamar Ben Ahmed Dhahab Moussa. Vá a gente entender alguma coisa, com esses nomes árabes.

— Pra mim, chega — fez Montalbano, levantando-se.

O sangue lhe subira à cabeça. Valente, que o conhecia de muito tempo, percebeu.

— O que é que nós devemos fazer, em sua opinião? — perguntou simplesmente.

O comissário sentou-se de novo.

— Por exemplo, saber quem conhecia ele aqui em Mazàra. Como conseguiu o embarque no pesqueiro. Se estava com os documentos em ordem. Fazer uma perquirição no lugar onde ele morava. São coisas que eu preciso lhe dizer?

— Não — fez Valente. — Mas eu queria ouvir você falar.

O subchefe pegou uma folha de papel sobre a escrivaninha e estendeu-a a Montalbano. Era um mandado de busca na residência de Ben Dhahab, com um monte de selos e assinaturas.

— Acordei o juiz às sete da manhã de hoje — sorriu Valente. — Quer ir dar uma voltinha comigo?

Dona Ernestina Pipià, viúva Locicero, fez questão de esclarecer que não era locadora de quartos por profissão. Tinha um cantinho, deixado pelo falecido, um quartinho térreo que uns tempos atrás tinha sido loja de rapa-queixo, como é que se diz, salão de barbear. Se diz assim, mas salão é que num era, aliás os senhores dali a pouco iam ver, e tamém pra quê que precisava aquele coiso, aquilo ali, o mandado de periquirição? Era só se aprisentar e dizer: dona Pipià assim e assim, e ela num ia criar pobrema. Pobrema cria é quem tem alguma coisa pra malocar, esconder, mas ela, em Mazàra todo mundo era tistimunha, todo mundo que num fosse corno nem filha da puta, ela sempre tinha levado e continuava levano uma vida transparente que nem o ar. Como era o pobre do tunisino? Escutassem bem, os senhores, ela nunca que nunquinha ia alugar quarto prum africano, nem praqueles negros como o inca nem pros que de pele era ver um mazarense. Nem pensar, africano lhe dava gastura. Por que a Ben Dhahab tinha alugado? Distinto, meus senhores, um verdadeiro homem de fina educação, como a gente num encontra mais nem mesmo um mazarense. Simssenhör, falava taliano, ou pelo menos se expricava o suficiente. Tinha mostrado o passaporte...

— Um instante — disse Montalbano.

— Um momento — fez simultaneamente Valente.

Sim senhor, passaporte. Certo. Escrito do jeito que os árabes escreve, e tamém tinha umas palavra numa língua esquisita. Ingres? Francês? Ah, num sei. A fotografia correspondia. E se os senhores queriam mesmo saber, ela tinha feito contrato de aluguel, como manda a lei.

— Quando foi que ele chegou, exatamente? — perguntou Valente.

— Faz dez dia, justinho.

E em dez dias tivera tempo de se ambientar, encontrar trabalho e fazer-se assassinar.

— Ele disse quanto tempo pretendia ficar? — quis saber Montalbano.

— Mais uns dez dia. Mas...

— Mas?

— Pois é, quis pagar um mês adiantado.

— E a senhora quanto pediu?

— Eu fui logo pedino novecentas mil. Mas, sabe como é, árabe fica choramingano, eu tava disposta a baixar, num sei, seiscentas, quinhentas mil... Só que ele num me deixou acabar, foi meteno a mão no borso, puxou um bolo gordo que nem barriga de garrafa, tirou o elástico e me contou nove nota de cem mil.

— A gente quer a chave, e a senhora explique onde é o quartinho — cortou Montalbano. A finura e a distinção do tunisino, aos olhos da viúva Pipià, tinham-se concentrado naquele bolo de notas, gordo como uma barriga de garrafa.

- Eu me arrumo num instantinho e vou com os senhores.
- Não, a senhora fica aqui. A gente vem devolver a chave.

Uma cama de metal enferrujada, uma mesa capenga, um guarda-roupa com uma folha de compensado no lugar do espelho, três cadeiras de palha. Havia um cubículo com privada e pia, uma toalha de mão imunda; na prateleira, aparelho de barbear, creme em spray, um pente. Voltaram ao único aposento. Sobre uma cadeira, uma maleta de lona azul; abriram-na, estava vazia.

No guarda-roupa, uma calça nova, um paletó escuro, muito limpo, duas camisas, quatro pares de meias, quatro cuecas, seis lenços, duas camisetas: tudo recém-comprado, não inaugurado. Num canto do guarda-roupa, um par de sandálias em boas condições; na parte oposta, um saco plástico cheio de roupa suja. Viraram o conteúdo no chão: nada de anormal. Ficaram uma boa hora procurando por todos os lugares. Quando já haviam perdido a esperança, Valente teve sorte. Não escondida, mas certamente caída acidentalmente e presa à cabeceira de ferro da cama, uma passagem aérea Roma-Palermo usada dez dias antes e em nome de Mr. Dhahab. Ou seja, Ahmed havia desembarcado em Palermo às dez da manhã e duas horas depois, no máximo, tinha chegado a Mazàra. A quem teria recorrido para achar um quarto de aluguel?

- De Montelusa, te mandaram os objetos pessoais, junto com o cadáver?
- Claro — respondeu Valente. — Dez mil liras.
- O passaporte?
- Não.
- E aquele dinheiro todo que ele tinha?
- Se deixou aqui, quem já deve ter pensado nisso é a senhora Pipìa, a da vida transparente como o ar.
- Nem a chave de casa estava no bolso?
- Nem a chave. Como é que diz a letra daquela música? Só dez mil liras e mais nada.

Convocado por Valente, o professor Rahman, um professor primário quarentão que parecia um siciliano da gema e que desempenhava funções oficiosas de ligação entre o seu povo e as autoridades de Mazàra, chegou em menos de dez minutos.

Montalbano o conhecera no ano anterior, quando havia estado empenhadíssimo na investigação do caso que depois se tornou conhecido como o do “cão de terracota”.

— Estava dando aula? — perguntou Valente.

Num inusitado rompante de bom senso, sem envolver as autoridades educacionais da província, um diretor de colégio de Mazàra havia liberado salas para criar uma escola destinada às crianças tunisinas.

— Sim, mas arranjei um substituto. Algum problema?

— Talvez o senhor possa nos dar alguns esclarecimentos.

— Sobre o quê?

— É melhor dizer sobre quem. Ben Dhahab.

Valente e Montalbano haviam decidido só cantar metade da missa ao professor, e depois, dependendo da reação dele, soltar ou não o restante.

Ao escutar aquele nome, Rahman não fez nada para esconder seu embaraço.

— Podem perguntar.

Cabia a Valente levar adiante a partida, Montalbano era só um convidado.

— O senhor conhecia ele?

— Apresentou-se a mim uns dez dias atrás. Sabia o meu nome e o que eu represento. Sabe como é, mais ou menos em janeiro último o jornal de Túnis publicou um artigo sobre a nossa escola.

— O que foi que ele lhe disse?

— Que era jornalista.

Valente e Montalbano trocaram uma rapidíssima olhadela.

— Queria fazer uma reportagem sobre a vida dos nossos compatriotas em Mazàra. Mas pretendia se apresentar a todos como alguém à procura de trabalho. Também desejava embarcar. Eu o apresentei ao meu colega El Madani, e este encaminhou Ben Dhahab à senhora Pipia, que lhe alugou um quarto.

— O senhor voltou a vê-lo?

— Sim, algumas vezes nos encontramos por acaso. Até mesmo numa festa. Ele estava, como direi, perfeitamente integrado.

— Foi o senhor quem arrumou o embarque para ele?

— Não. Nem El Madani.

— Quem pagou o enterro?

— Fomos nós. Criamos uma espécie de fundo para qualquer eventualidade.

— Quem forneceu à televisão a foto e todas as informações relativas a Ben Dhahab?

— Eu. Na festa de que falei, apareceu um fotógrafo. Ben Dhahab protestou, disse que não queria sair em fotos. Mas o rapaz já havia batido uma. Então, quando aquele jornalista da televisão me procurou, eu recuperei a foto e a repassei, além das poucas informações que obtive de Ben Dhahab.

Rahman enxugou o suor. Seu embaraço tinha aumentado. E Valente, que era um bom tira, deixou-o cozinhar um pouquinho no próprio molho.

— Mas descobri uma coisa estranha — decidiu-se Rahman.

Montalbano e Valente não davam nem a impressão de tê-lo ouvido: pareciam mergulhados em outros pensamentos, mas estavam superatentos. Comportavam-se como os gatos, que, quando mantêm os olhos fechados e aparentam dormir, na verdade estão é contando as estrelas.

— Eu ontem telefonei ao jornal de Túnis, para comunicar a desgraça e me orientar sobre o que fazer com os despojos. Mas, assim que disse ao diretor que Ben Dhahab tinha morrido, ele começou a rir. Respondeu que isso era uma brincadeira boba, Ben Dhahab estava na sala ao lado, no telefone. E desligou.

— Não poderia ser um caso de homonímia? — provocou Valente.

— De maneira alguma! O rapaz foi claríssimo, ao me procurar! Frisou que havia sido enviado pelo jornal. Portanto, mentiu.

— Sabe se ele tinha parentes na Sicília? — interveio Montalbano, pela primeira vez.

— Não sei, não falamos disso. Se ele tivesse algum em Mazàra, não recorreria a mim.

Valente e Montalbano se consultaram, sempre com o olhar, e Montalbano, sem abrir a boca, cedeu ao amigo o privilégio de disparar a fuzilaria.

— O nome Ahmed Moussa diz ao senhor alguma coisa?

Não foi uma fuzilaria, mas um verdadeiro canhoneio. Rahman pulou da cadeira, caiu sentado, amoleceu.

— O que... o que... tem a ver... Ahmed Moussa? — balbuciou, sem fôlego.

— Desculpe a ignorância — prosseguiu Valente, implacável. — Mas quem é esse homem que tanto o apavora?

— Um terrorista. Um que... um assassino. Um homem feroz. Mas o que... o que ele tem a ver com isso?

— Temos razões para afirmar que Ben Dhahab, na verdade, era Ahmed Moussa.

— Estou me sentindo mal — disse o professor Rahman, num fio de voz.

Pelas transtornadas palavras do destruído Rahman, ficaram sabendo que Ahmed Moussa, cujo verdadeiro nome era mais sussurrado que dito e cujo rosto era praticamente desconhecido, fazia algum tempo constituía um pequeno grupo paramilitar de desesperados. Três anos antes, apresentara-se à ribalta com um cartão de visitas inequívoco: tinha feito subir pelos ares uma salinha cinematográfica onde estavam projetando desenhos animados franceses. Entre as crianças da plateia, as mais sortudas eram as que haviam morrido: dezenas e dezenas tinham ficado cegas, manetas ou aleijadas de algum modo, para toda a

vida. O nacionalismo do pequeno grupo, pelo menos quanto aos propósitos, era quase abstrato em seu absolutismo. Moussa e os seus eram vistos com suspeita até mesmo pelos radicais mais intransigentes. Possuíam uma quantidade de dinheiro praticamente ilimitada, que ninguém sabia de onde vinha. Sobre a cabeça de Ahmed Moussa pairava uma polpuda recompensa prometida pelo governo. Isso era tudo o que o professor Rahman sabia, e a ideia de haver de algum modo auxiliado o terrorista o tinha deixado tão perturbado que ele tremia e oscilava como se sujeito a um violento ataque de malária.

— Mas o senhor foi enganado — tentou consolá-lo Montalbano.

— Se teme pelas consequências — acrescentou Valente —, nós podemos testemunhar quanto à sua absoluta boa-fé.

Rahman balançou a cabeça. Explicou que não se tratava de medo, mas de horror. Horror pelo fato de que sua vida, por menos que fosse, tivesse cruzado com a de um gélido assassino de crianças, de criaturas inocentes.

Confortaram-no como podiam e liberaram-no pedindo que não comentasse aquela conversa com ninguém, nem mesmo com seu colega e amigo El Madani. Se ainda precisassem dele, chamariam.

— Mesmo à noite, não façam cumprimento — disse o professor, para quem agora se tornava difícil falar italiano.

Antes de começarem a raciocinar sobre tudo aquilo que souberam, mandaram trazer um café e o tomaram lentamente, em silêncio.

— Está claro que esse cara não embarcou pra ganhar experiência — fez Valente.

— Nem pra ser assassinado.

— Vamos ver como é que o comandante do pesqueiro nos conta a coisa.

— Você pretende convocar ele aqui?

— Por que não?

— Ele ia acabar repetindo o que já disse a Augello. Talvez seja melhor, primeiro, tentar saber o que estão pensando por aí. Uma palavrinha aqui, outra ali, é capaz da gente ficar sabendo mais.

— Vou encarregar Tomasino.

Montalbano torceu a boca. Não simpatizava com o vice de Valente, mas isso não era uma boa razão, e muito menos uma razão para se dizer.

— Não acha uma boa ideia?

— Eu? Quem tem que achar boa ideia é você. Os homens são seus, você os conhece melhor do que eu.

— Ora, Montalbano, não se faça de bobo.

— Bom. Acho que ele é inadequado. Imagina se alguém vai fazer confidências a um indivíduo que lhe aparece com aquela, cara de cobrador.

— Tem razão. Então eu encarrego Tripodi, que é um garoto esperto, atrevido, e o pai é pescador.

— A questão é saber exatamente o que aconteceu na noite em que o pesqueiro topou com a patrulha. Do jeito que está contado, tem alguma coisa que não bate.

— Como assim?

— Por enquanto, vamos deixar pra lá como foi que ele embarcou, concorda? Ahmed parte com uma intenção definida, que nós não conhecemos. Então eu me pergunto: será que ele revelou essa intenção ao comandante e à tripulação? E teria feito isso antes de zarpar ou já navegando? Em minha opinião, ainda que eu não saiba exatamente quando, a intenção foi revelada, e todos concordaram. Se não, inverteriam a rota e mandariam que ele desembarcasse.

— Ele pode ter ameaçado o pessoal com alguma arma.

— Se fosse esse o caso, o comandante e a tripulação teriam contado, ao chegarem a Vigàta ou a Mazàra. Não tinham nada a perder.

— Verdade.

— Continuando. Excluindo-se que a intenção de Ahmed fosse a de ser metralhado ao largo de seu país natal, eu só consigo pensar em duas hipóteses. A primeira seria desembarcar no meio da noite em um ponto isolado da costa, para retornar clandestinamente à sua terra. A segunda seria um encontro em alto-mar, uma conversa especial, que só podia acontecer pessoalmente.

— Eu me inclino mais para essa segunda.

— Eu também. E deve ter acontecido algum imprevisto.

— A interceptação.

— Isso. E, aqui, enveredamos ainda mais pelas hipóteses. Suponhamos que a patrulha tunisina não saiba que Ahmed está a bordo do pesqueiro. Cruza com uma embarcação que está pescando em suas águas territoriais, dá a ordem de parar, a embarcação foge e a patrulha dispara uma rajada que acaba matando, de modo totalmente incidental, justamente Ahmed Moussa. Isso, pelo menos, foi o que nos contaram.

Desta vez, foi Valente quem torceu a boca.

— Não está convencido?

— Parece a reconstituição que o senador Warren fez do assassinato do presidente Kennedy.

— E digo mais. Suponhamos que Ahmed, no lugar do homem que deveria encontrar, tenha topado com um outro, que manda bala.

— Ou então era de fato o homem com quem ele ia se encontrar, mas tiveram uma divergência, uma discussão, e a coisa acaba mal, o homem atira nele.

— Com a metralhadora de bordo? — duvidou Montalbano.

E, imediatamente, deu-se conta do que havia dito. Sem sequer pedir licença a Valente, praguejando, agarrou o telefone e mandou chamar Jacomuzzi em Montelusa. Enquanto esperava a ligação, perguntou a Valente:

— Nos relatórios que lhe mandaram, estava especificado de que calibre eram os projéteis?

— Falavam genericamente de ferimentos com arma de fogo.

— Alô? Quem fala? — perguntou Jacomuzzi.

— Escuta, Baudo...

— Mas que Baudo? Eu sou Jacomuzzi.

— Mas queria ser Pippo Baudo.^[9] Pode me dizer com que porra assassinaram aquele tunisino do pesqueiro?

— Arma de fogo.

— Que estranho! Pensei que ele tinha sido sufocado com um travesseiro.

— Suas gracinhas me dão vontade de vomitar.

— Me diga exatamente qual era a arma.

— Uma pistola-metralhadora, provavelmente uma Skorpion. Eu não escrevi no relatório?

— Não. Tem certeza que não foi a metralhadora de bordo?

— Claro que tenho certeza. A arma em dotação na lancha de patrulha é capaz de derrubar um avião, sabia?

— É mesmo?! Continuo estarrecido com a sua exatidão científica, Jacomù.

— E como é que eu vou falar com um ignorante como você?

Depois que Montalbano desligou o telefone, ficaram um pouquinho em silêncio. Quando Valente abriu a boca, expressou o pensamento que, nessa mesma hora, também estava passando pela cabeça do comissário.

— Será que era de fato uma patrulha militar tunisina?

Como estava ficando tarde, Valente convidou o colega para jantar em sua casa. Montalbano, que já havia sofrido a experiência da terrificante culinária da mulher do subchefe, recusou, dizendo que precisava voltar imediatamente a Vigàta.

Entrou no carro mas, depois de alguns quilômetros, viu uma *trattoria* bem à beira-mar. Estacionou, desceu e sentou-se à mesa. Não se arrependeu.

Capítulo XII

Fazia horas que ele não via Livia e sentiu um certo remorso, quem sabe ela não estaria preocupada com ele. Enquanto esperava que lhe trouxessem um anisete digestivo (a porção dupla de perca já começava a pesar-lhe no estômago), decidiu telefonar.

— Tudo bem aí?

— Você acordou a gente com o telefone.

Nem um pouco preocupada com ele.

— Estavam dormindo?

— Sim, demos um mergulho demorado, a água estava morninha.

Deitavam e rolavam, sem ele.

— Você comeu? — perguntou Livia, por pura cortesia.

— Um sanduíche. Estou no meio do caminho, no máximo daqui a uma hora chego a Vigàta.

— Você vem pra casa?

— Não, pro comissariado, a gente se vê de noite.

Era certamente a sua imaginação, mas pareceu-lhe escutar quase um suspiro de alívio do outro lado do fio.

Acabou levando mais de uma hora para voltar a Vigàta. Bem na entrada da cidade, a cinco minutos do comissariado, o carro decidiu entrar em greve repentina. Não houve jeito de fazê-lo funcionar. Montalbano desceu, abriu o capô, deu uma olhada no motor. Era um gesto puramente simbólico, uma espécie de ritual exorcístico, visto que ele não entendia absolutamente nada daquilo. Se lhe tivessem dito que o motor funcionava a corda ou a elástico torcido como certos brinquedos, talvez acreditasse. Passou uma viatura dos *carabinieri* com dois a bordo, prosseguiu, depois parou e voltou de marcha a ré, por escrúpulo. Eram um soldado raso e um *carabiniere*, este ao volante. O comissário jamais os tinha visto, e eles tampouco o conheciam.

— Precisa de ajuda? — perguntou cortesmente o soldado.

— Obrigado. Não entendi por que o carro enguiçou de repente.

Eles encostaram a viatura na beira da estrada e desceram. O ônibus vespertino Vigàta-Fiacca parou a pequena distância, um casal de velhos

embarcou.

— No motor parece que não tem nada — diagnosticou o *carabiniere*. E, com um sorriso, acrescentou: — Vamos dar uma espiada na gasolina?

Não havia uma gota sequer, nem a peso de ouro.

— A gente faz o seguinte, senhor...

— Martinez. Contador Martinez — fez Montalbano.

Jamais se deveria saber que o comissário Montalbano tinha sido socorrido pela Arma.

— A gente faz o seguinte, senhor Martinez: espere aqui. Nós vamos até o posto mais próximo e trazemos gasolina que dê pra chegar a Vigàta.

— Vocês são realmente muito gentis.

Eles saíram, Montalbano entrou no carro, acendeu um cigarro e, de repente, ouviu às suas costas uma buzina estridente.

Era o ônibus Fiacca-Vigàta, pedindo passagem. Montalbano desceu e, gesticulando, explicou que o automóvel estava enguiçado. O motorista fez a gentileza de desviar e, ultrapassado o carro do comissário, parou no mesmo ponto onde o casal havia embarcado no veículo que viera em sentido contrário. Desceram quatro pessoas.

Montalbano ficou olhando fixamente o ônibus, enquanto este arrancava em direção a Vigàta. Depois viu os *carabinieri* voltando.

Quando chegou ao comissariado, já eram quatro da tarde. Augello não estava, Fazio disse que desde aquela manhã havia perdido a pista dele, que tinha aparecido em torno das nove e depois tinha sumido. Montalbano enfureceu-se.

— Aqui todo mundo faz o que lhe dá na telha! Quem for esperto se dá bem! Vai ver que Ragonese tem mesmo razão!

Novidades, nenhuma. Ah, a viúva Lapècora tinha telefonado para avisar ao comissário que o enterro do marido ia ser na quarta-feira de manhã. E também o agrimensor Finocchiaro estava esperando por ele desde as duas.

— Você conhece ele?

— De vista. É um aposentado, um senhor idoso.

— O que é que ele quer?

— Não quis dizer. Mas parece um pouquinho nervoso.

— Mande entrar.

Fazio tinha razão, o agrimensor estava muito perturbado. O comissário mandou-o sentar-se.

— Posso pedir um pouco d'água? — disse o agrimensor, e via-se que estava com a garganta seca.

Bebida a água, informou chamar-se Giuseppe Finocchiaro, sessenta e cinco anos, solteirão, agrimensor aposentado, residente à rua Marconi 38. Nenhuma passagem pela polícia, sequer uma multa de trânsito.

Calou-se, tomou o dedinho d'água que restava no copo.

— Hoje no jornal das treze mostraram uma fotografia. Uma mulher e um menino. Sabe que diziam pra procurar o senhor, se alguém os reconhecesse?

— Sim.

Sim e pronto. Uma sílaba a mais, naquele momento, podia provocar uma dúvida, uma mudança de ideia.

— A mulher eu conheço, chama-se Karima. O menino, nunca vi, nem sabia que ela tinha um filho.

— Por que o senhor a conhece?

— Porque ela vem limpar a minha casa, uma vez por semana.

— Em que dia?

— Na terça de manhã. Fica quatro horas.

— Uma curiosidade: quanto o senhor pagava?

— Cinquenta mil. Mas...

— Mas?

— Chegava a duzentos mil quando ela fazia um extra.

— Uma boquete?

A calculada brutalidade da pergunta fez o agrimensor empalidecer e depois enrubescer.

— É.

— Me explique uma coisa. Ela ia à sua casa quatro vezes por mês. Quantas vezes fazia trabalho extra?

— Uma. No máximo, duas.

— Como o senhor a conheceu?

— Quem me indicou foi um amigo, aposentado como eu. O professor Mandrino, que mora com a filha.

— Então, com o professor Mandrino, nada de extra?

— A mesma coisa. A filha ensina, de manhã não fica em casa.

— Qual era o dia do professor?

— Sábado.

— Bem, se o senhor não tiver mais nada pra informar, pode ir.

— Obrigado pela compreensão.

Finocchiaro levantou-se, hesitante, e olhou o comissário.

— Amanhã é terça.

— E daí?

— O senhor acha que ela vem?

Montalbano não teve coragem de desiludi-lo.
— Pode ser. E, se vier, o senhor me avise.

Daquela hora em diante, avançou a procissão. Precedido pela mãe ululante, apareceu Ntonio, o menino que Montalbano tinha visto em Villaseta, aquele que havia apanhado porque não queria entregar a merenda. Na foto mostrada na televisão, Ntonio tinha reconhecido o ladrão, não havia dúvida, era ele. A mãe de Ntonio, soltando gritos de ensurdecer e rogando pragas e maldições, adiantou suas exigências ao estarecido comissário: trinta anos de cadeia para o ladrão e masmorra para a mãe; caso a justiça terrena não estivesse de acordo, suas exigências à justiça divina eram tuberculose galopante para ela e doença longa e extenuante para ele.

O filho, porém, nem um pouco assustado pela crise histérica da mãe fazia sinal de não com a cabeça.

— Você também quer que ele morra na cadeia? — perguntou o comissário.

— Eu, não — respondeu Ntonio, decidido. — Agora que eu vi ele calmo, achei até simpático.

O extra do professor Paolo Guido Mandrino, setenta anos, docente de história e geografia aposentado, consistia em ser vítima de um banhozinho. Numa das quatro manhãs de sábado em que Karima vinha, o professor se fazia encontrar pelado embaixo dos lençóis. À intimação de Karima para ir tomar banho, Paolo Guido fingia-se decididamente relutante.

Karima então arrancava os lençóis, obrigava o professor a deitar-se de barriga para baixo e lhe dava palmadas no traseiro. Finalmente posto dentro da banheira, ele era cuidadosamente ensaboado e depois enxaguado por Karima. Só isso. Custo do extra, cento e cinquenta mil liras; custo dos serviços de limpeza, cinquenta mil.

— Montalbano? Eu tinha combinado que nos encontrássemos hoje, mas não será possível. Tenho uma reunião com o governador.

— Então diga quando, chefe.

— Bom, não há urgência. Afinal, depois das declarações do doutor Augello na tevê...

— Mimì?! — gritou Montalbano, e pareceu-lhe estar cantando *La Bohème*.

— Sim. Não sabia?

— Não. Eu estava em Mazàra.

— Ele apareceu no telejornal das treze. Fez um desmentido enxuto e firme. Garantiu que Ragonese entendeu mal. Não se tratava de um ladrão de merendas, mas de encomendas. Um tipo perigoso, um toxicômano, que ameaçava com a seringa quem o flagrasse. Augello exigiu um pedido de desculpas a todo o comissariado. Eficacíssimo. Sendo assim, acho que o deputado Pennacchio vai sossegar.

— Nós já nos conhecemos — disse o contador Vittorio Pandolfo, entrando no gabinete.

— Já — fez Montalbano. — Pode falar.

Nada receptivo, e não por teatro: se o contador vinha falar de Karima, isso significava que havia mentido, ao negar conhecê-la.

— Vim porque apareceu na televisão...

— A foto de Karima, aquela sobre quem o senhor não sabia nada. Por que não me falou?

— Comissário, são coisas delicadas, às vezes a pessoa fica sem graça, com vergonha. O senhor sabe, na minha idade...

— O senhor é o cliente da quinta de manhã?

— Sim.

— Quanto paga pela faxina?

— Cinquenta mil.

— E pelo extra?

— Cento e cinquenta mil.

Tarifa fixa. Só que, com Pandolfo, o extra acontecia duas vezes por mês. Desta vez, quem tomava banho era Karima. Depois o contador a instalava na cama, nua, e cheirava-a longamente. De vez em quando, uma lambidinha.

— Uma curiosidade, contador. Os companheiros habituais de jogo eram o senhor, Lapècora, Mandrino e Finocchiaro?

— Sim.

— E quem falou primeiro de Karima?

— O pobre Lapècora.

— Qual era a situação financeira dele?

— Muito boa. Tinha quase um bilhão em bônus ordinários do Tesouro. Além disso, era proprietário da casa e do escritório.

Os três clientes das tardes dos dias ímpares moravam em Villaseta. Todos homens de certa idade, viúvos ou solteirões. A tarifa, igual à praticada em Vigàta. O extra de Martino Zaccaria, negociante de frutas e verduras, consistia em fazer-se beijar a planta dos pés; com Luigi Pignataro, diretor de ginásio inativo, Karima brincava de cabra-cega. O diretor tirava-lhe a roupa, punha-lhe uma venda e se escondia. Karima devia procurá-lo e encontrá-lo. À pergunta de Montalbano sobre em que consistia seu extra, Calogero Pipitone perito agrônomo, olhou-o espantado:

— Em que deveria consistir, comissário? Ela embaixo e eu em cima.
Montalbano teve vontade de abraçá-lo.

Já que, segunda, quarta e sexta, Karima trabalhava em tempo integral com Lapècora, não havia outros clientes. Estranhamente, Karima descansava no domingo e não na sexta: evidentemente, adaptara-se aos costumes locais. Veio-lhe a curiosidade de saber quanto ela ganhava por mês. Mas, como não lidava bem com números, abriu a porta do gabinete e perguntou em voz alta:

— Alguém aí tem uma calculadora?

— Eu, doutor.

Catarella entrou e puxou orgulhosamente do bolso uma calculadora pouco maior que um cartão de visitas.

— O que é que você calcula nela, Catarè?

— Os dia — foi a enigmática resposta.

— Daqui a pouco pode vir buscar.

— Doutor, eu tenho que avisar que essa máquina trabalha no estrumbico.

— O que é isso?

Catarella equivocou-se, achou que o seu superior não tinha entendido a palavra. Chegou à porta e perguntou aos colegas:

— Come que se diz estrumbico em taliano?

— Empurrão — traduziu alguém.

— E como é que eu empurro a calculadora?

— Do jeito que se faz com os relógio quando num caminha.

Então, calculando Lapècora à parte, Karima ganhava como doméstica um milhão e duzentas mil liras por mês. A esse total acrescentava-se mais um milhão e duzentas de extras. No mínimo, no mínimo, pelo serviço em tempo integral, Lapècora devia pagar outro milhão. Ou seja, três milhões e quatrocentas mil liras mensais, sem taxas. Quarenta e quatro milhões e duzentas mil por ano.

Ao que ele sabia, Karima operava no setor há pelo menos quatro anos, o que dava cento e setenta e seis milhões e oitocentas mil liras.

E os outros trezentos e vinte e três milhões que estavam na conta, de onde tinham vindo?

A calculadora funcionou muito bem, sem precisar ser estrumbicada.

Das outras salas do comissariado chegou-lhe um crepitar de aplausos. O que estaria acontecendo? Montalbano abriu a porta e descobriu que o festejado era Mimì Augello. A baba subiu-lhe à boca.

— Parem com isso! Palhaços!

Todos olharam para ele, surpresos e intimidados. Somente Fazio tentou explicar a situação.

— O senhor talvez não saiba, mas o doutor Augello...

— Eu já soube! O próprio chefe de polícia me telefonou pra pedir uma prestação de contas. O senhor Augello, por sua iniciativa, sem nenhuma autorização minha, e isso eu frisei ao chefe, se apresenta na televisão contando uma série de lorotas!

— Mas, me permita... — arriscou Augello.

— Não permito nada! Você falou uma montanha de besteiras, de falsidades!

— Fiz isso pra defender a todos nós, que...

— Ninguém se defende mentindo com alguém que disse a verdade!

E voltou de rompante à sua sala, batendo a porta. Montalbano, o homem de férrea retidão moral, aquele que se enfureceu mortalmente ao ver Augello regalar-se entre os aplausos.

— Licença? — pediu Fazio, abrindo a porta e introduzindo cautelosamente a cabeça. — O padre Jannuzzo está aí, quer falar com o senhor.

— Mande entrar.

O padre Alfio Jannuzzo, que nunca usava batina, era muito conhecido em Vigàta por suas iniciativas de caridade. Alto e forte, tinha uns quarenta anos.

— Eu ando de bicicleta — começou o reverendo.

— E eu, não — disse Montalbano, aterrorizado ante a ideia de que o padre quisesse fazê-lo participar de alguma corrida beneficente.

— Eu vi a foto daquela mulher na televisão.

As duas coisas pareciam não ter nexos entre si, e o comissário embarçou. Será que Karima trabalhava também no domingo, e o cliente era justamente o padre Jannuzzo?

— Na quinta-feira passada, ali pelas nove da manhã, uns quinze minutos a mais ou a menos, eu estava perto de Villaseta, pois vinha descendo de bicicleta de Montelusa para Vigàta. Na estrada, em sentido oposto, havia um carro parado.

— Lembra-se qual era?

— Claro. Uma BMW cinza-metálico.

Montalbano aguçou os ouvidos.

— Dentro, havia um homem e uma mulher. Achei que estavam se beijando. Mas, quando cheguei bem à altura deles, a mulher se soltou do abraço com certa violência, olhou na minha direção e abriu a boca, como se fosse me dizer alguma coisa. Mas o homem puxou-a com força e abraçou-a novamente. Aquilo não me convenceu.

— Por quê?

— Não era um arrufo, uma briguinha de namorados. O olhar da mulher, quando ela se voltou para mim, era de medo, de pavor. Tive a impressão de que ela queria me pedir ajuda.

— E o senhor fez o quê?

— Nada, porque o carro arrancou na mesma hora. Hoje, vi a foto na televisão: a mulher era aquela do carro. E isso eu posso jurar, sou bom fisionomista, não esqueço uma cara mesmo que só a veja por um segundo.

Fahrid, pseudo-sobrinho de Lapècora, e Karima.

— Eu lhe agradeço, padre...

O outro ergueu uma mão, interrompendo-o.

— Ainda não acabei. Anotei a placa. O que eu havia visto, conforme falei, não me convenceu.

— Está aí com o senhor?

— Claro.

O padre puxou do bolso uma página quadriculada de caderno, dobrada em quatro, e estendeu-a ao comissário.

— Está escrito aqui.

Montalbano pegou-a entre dois dedos, com delicadeza, como se faz com as asas de uma borboleta.

AM 237 GW.

Nos filmes americanos, bastava o policial dizer o número da placa e, menos de dez minutos depois, recebia o nome do proprietário quantos filhos tinha este, a cor dos cabelos e o número exato dos pentelhos do cu.

Na Itália, contudo, as coisas eram diferentes. Uma vez, tinham-no feito esperar vinte e oito dias, ao longo dos quais o proprietário do veículo (assim

estava escrito) havia sido encabrestado e queimado. Quando a resposta chegou, não adiantava mais nada. Agora, a única saída era recorrer ao chefe de polícia. Talvez, àquela hora, a reunião com o governador já tivesse acabado.

— Aqui é Montalbano, chefe.

— Acabei de voltar ao gabinete. Diga.

— Estou telefonando por causa daquela mulher sequestrada...

— Que mulher sequestrada?

— Karima, quem mais podia ser?

— E quem é?

Assustado, Montalbano se deu conta de que aquilo era uma conversa de surdos: ainda não havia contado nada ao chefe sobre toda a história.

— Puxa, chefe, eu me sinto realmente mortificado...

— Esqueça. O que deseja?

— Preciso levantar o mais rápido possível, a partir de uma placa, o nome e o endereço do proprietário de um carro.

— Me diga qual é a placa.

— AM 237 GW.

— Amanhã eu lhe digo alguma coisa.

Capítulo XIII

— Botei na cozinha pra você. A mesa da sala está ocupada. Nós já jantamos.

Não era cegueta, via muitíssimo bem que a mesa fora ocupada por um quebra-cabeça gigantesco, que representava a Estátua da Liberdade praticamente em tamanho natural.

— Sabe, Salvo, só precisamos de duas horas pra montar.

Apesar do sujeito oculto, percebia-se claramente que se estava falando de François, ex-ladrão de merendas e atualmente gênio da família.

— Você que deu de presente a ele?

Livia evitou responder.

— Pode dar um pulo comigo na praia?

— Agora ou depois que você jantar?

— Agora.

A luz de um pedacinho de lua clareava um pouquinho. Caminharam em silêncio. Diante de um montinho de areia, Livia suspirou, entristecida.

— Se você soubesse que castelo ele fez! Fantástico! Parecia Gaudì.

— Ele vai ter tempo pra fazer outro.

Mas, por ser tira e por sentir ciúme, Montalbano estava decidido a não amolecer.

— Em que loja você achou aquele quebra-cabeça?

— Não fui eu que comprei. Hoje à tarde Mimì passou por um instantinho só. O quebra-cabeça é de um sobrinho dele que...

Montalbano virou as costas para Livia, meteu as mãos nos bolsos e afastou-se, enquanto via dezenas de sobrinhos de Mimì Augello em lágrimas, sistematicamente despojados de seus brinquedos pelo tio.

— Ora, Salvo, não seja cretino! — disse Livia, aproximando-se.

Tentou dar o braço a Montalbano, que se esquivou.

— Vá tomar no cu — disse calmamente Livia, e voltou para casa.

E agora, o que fazer? Livia fugira da briga e ele tinha de se desafogar sozinho. Passeou nervosamente à beira d'água, ensopando os sapatos e fumando dez cigarros.

“Mas como eu sou babaca!”, pensou, a certa altura. “É claro que Mimì gosta de Livia e que Livia simpatiza com Mimì. Mas, tirando isso, eu estou dando folga a Mimì. E evidente que ele se diverte em me sacanear. Me faz uma guerra

de pequenas sabotagens, como eu faço contra ele. Preciso pensar na contraofensiva.”

Voltou para casa. Livia estava na frente da televisão, com o volume baixíssimo para não acordar François, que dormia na cama de casal.

— Desculpe, de verdade — disse Montalbano, de passagem para a cozinha.

No forno encontrou uma torta de trilhas com batatas, com um cheiro tentador. Sentou-se e deu a primeira garfada: uma delícia. Livia chegou por trás dele, acariciou-lhe os cabelos.

— Gostou?

— Ótima. Diga a Adelina...

— Adelina veio hoje de manhã, me viu, disse “num quero dar pobrema”, virou as costas e foi embora.

— Tá me dizendo que quem fez esta torta foi você?

— Foi.

Por um segundo, mas só por um segundo, a torta desceu-lhe mal, por causa de um pensamento que lhe passou pela cabeça: ela cozinhou para se fazer perdoar pela história de Mimì. Depois, a gostosura do prato venceu a partida.

Antes de sentar-se ao lado de Montalbano para assistir à televisão, Livia se deteve para considerar, admirada, o quebra-cabeça. Agora que Salvo estava aliviado, podia falar livremente.

— Foi impressionante a rapidez com que ele montou isto aqui. Eu ou você teríamos levado mais tempo.

— Ou ficaríamos de saco cheio antes.

— Pois é, e François também diz que acha os quebra-cabeças chatos porque são obrigatórios. Cada pedacinho, diz ele, vem cortado de um certo jeito pra se encaixar num outro. E seria mais bonito um quebra-cabeça que permitisse outras soluções!

— Ele disse isso?!

— Sim. E se explicou melhor, porque eu fui perguntando.

— Ou seja?

— Acho que entendi o que ele pretendia dizer. Ele já conhecia a Estátua da Liberdade, e então, quando montou a cabeça, por exemplo, já sabia como prosseguir e era forçado a continuar, porque o construtor do brinquedo já cortou os pedaços de um certo jeito, e portanto queria que o jogador acompanhasse o seu desenho. Fui clara até aqui?

— Bastante.

— Seria bonito, disse ele, se o jogador tivesse condições de criar seu próprio quebra-cabeça alternativo, embora com as mesmas peças. Não lhe parece um raciocínio extraordinário, para um menino tão pequeno?

— Eles hoje são precoces — comentou Montalbano, xingando-se internamente pela banalidade da observação. Nunca falava sobre crianças, tinha de agarrar-se às frases feitas.

Nicolò Zito resumiu o comunicado do governo tunisino relativo ao incidente com o pescueiro. Feitas as oportunas investigações, ao governo tunisino só restava repelir o protesto do governo italiano, o qual não impedia seus pescueiros de invadir as águas territoriais tunisinas. Na noite daquele episódio, uma lancha de patrulha militar tunisina avistara um pescueiro a poucas milhas de Sfax. Intimara-o a fazer alto, mas o pescueiro fugira. Da metralhadora de bordo, então, fora disparada uma rajada de advertência, que desafortunadamente atingira e matara um marinheiro tunisino, Ben Dhahab, a cuja família o governo de Túnis já fizera chegar um substancioso auxílio. Que o desgraçado incidente servisse de aviso.

— Você conseguiu saber alguma coisa sobre a mãe de François?

— Sim. Tenho uma pista. Mas não espere nada de bom — respondeu o comissário.

— Se... se Karima não reaparecer... que destino... o que vai ser de François?

— Sinceramente, não sei.

— Eu vou me deitar — fez Livia, levantando-se de repente.

Montalbano segurou a mão dela e levou-a aos lábios.

— Não se afeioe demais a ele.

Delicadamente, o comissário soltou François do abraço de Livia e instalou-o, dormindo, no sofá já preparado. Quando foi para a cama, Livia grudou-se a ele, de costas, e não se furtou aos carinhos: pelo contrário.

— E se o garoto acordar? — perguntou Montalbano, que, por melhor que fosse, não deixava de ser maldoso.

— Se ele acordar, eu consolo — fez Livia, arquejante.

Eram sete da manhã. Saiu devagarinho da cama e fechou-se no banheiro. Como sempre fazia, em primeiro lugar olhou-se no espelho e torceu a boca. Sua cara não lhe agradava, então por que ficar olhando para ela?

Ao escutar um grito agudíssimo de Livia, precipitou-se e abriu a porta: Livia estava na sala de jantar, diante do sofá vazio.

— Fugiu! — disse ela, trêmula.

Com um salto, o comissário alcançou a varanda. E viu-o, um pontinho à beira-mar, movendo-se na direção de Vigàta. De cueca mesmo, como estava, lançou-se à perseguição. François não corria, apenas caminhava, decidido. Quando ouviu às suas costas os passos de alguém, parou sem sequer se voltar. Montalbano, já sem fôlego, acocorou-se na frente dele, mas não perguntou nada.

O garotinho não chorava: os olhos, parados, fixavam algum ponto para além de Montalbano.

— *Je veux maman* — disse.

Montalbano viu Livia aproximar-se correndo, havia enfiado de qualquer jeito uma camisa dele. Deteve-a com um gesto, acenando-lhe que voltasse para casa. Livia obedeceu. O comissário segurou o garoto pela mão e os dois começaram a caminhar devagarinho. Durante uns quinze minutos, não falaram uma palavra. Chegados a um barco puxado para o seco, Montalbano sentou-se na areia, François instalou-se ao seu lado e o comissário passou-lhe um braço sobre os ombros.

— Eu perdi minha mãe quando era menorzinho que você — principiou.

E começaram a falar, o comissário em siciliano e François em árabe, compreendendo-se perfeitamente.

Montalbano confidenciou ao menino coisas que jamais dissera a ninguém, nem mesmo a Livia.

O pranto desconsolado de certas noites, com a cabeça embaixo do travesseiro para que seu pai não escutasse; o desespero matutino quando se dava conta de que não existia mais sua mãe na cozinha, preparando-lhe a primeira refeição ou, alguns anos depois, a merenda para a escola. E é uma falta que nunca é preenchida, você a carrega consigo até a hora da morte. O menino perguntou se Montalbano tinha o poder de fazer a mãe dele voltar. Não, respondeu Montalbano, esse poder ninguém tinha. Ele precisava se resignar. Mas você tinha seu pai, observou François, que era de fato inteligente, e não por exagero de Livia. Pois é, eu tinha meu pai. E agora, perguntou o garotinho, ele estava inevitavelmente destinado a ir parar num daqueles lugares onde botam as crianças que não têm pai nem mãe?

— Isso, não. Eu prometo — disse o comissário. E estendeu-lhe a mão. François apertou-a, olhando-o nos olhos.

Quando saiu do banheiro, já pronto para dirigir-se ao trabalho, viu que François havia desmontado o quebra-cabeça e, com uma tesoura, recortava os pedaços de outro jeito. Ingenuamente, tentava não seguir o desenho obrigatório. E, de repente, Montalbano balançou, como se atingido por uma descarga elétrica.

— Jesus! — disse ele, baixinho.

Livia olhou-o, viu que ele tremia, olhos arregalados, e alarmou-se.

— Meu Deus, Salvo, o que foi?

Como única resposta, o comissário agarrou o menino, levantou-o até o alto, olhou-o de cima a baixo, baixou-o de novo e deu-lhe um beijo.

— François, você é um gênio! — disse.

Ao entrar no comissariado, quase tropeçou em Mimì Augello, que estava saindo.

— Ah, Mimì, obrigado pelo quebra-cabeça.

Augello se deteve e olhou para ele, de boca aberta.

— Fazio, corre aqui!

— Pode mandar, doutor.

Montalbano explicou minuciosamente o que ele devia fazer.

— Galluzzo, venha cá.

— Às ordens.

Montalbano explicou minuciosamente o que ele devia fazer.

— Licença?

Era Tortorella, que entrou empurrando a porta com o pé, visto que as mãos estavam ocupadas em carregar uma pilha de uns oitenta centímetros de papéis variados.

— O que é?

— O doutor Didio está reclamando.

Didio, responsável pela parte administrativa da chefatura de Montelusa, era cognominado “O flagelo de Deus” ou “A ira de Deus”, por sua obstinação.

— Reclamando de quê?

— Do seu atraso, doutor. As coisas que o senhor precisa assinar. — E Tortorella botou em cima da escrivaninha os oitenta centímetros de papéis.

— Só mesmo com santa paciência.

Depois de uma hora, quando a mão do comissário já lhe doía de tanto botar o jamegão, Fazio chegou.

— Doutor, o senhor estava certo. Assim que sai da cidade, o ônibus Vigàta-Fiacca faz uma parada na localidade de Cannatello. Cinco minutos depois, passa

o ônibus que vem no sentido contrário, Fiacca-Vigàta, e também para em Cannatello.

— Então, teoricamente, uma pessoa pode pegar em Vigàta o ônibus pra Fiacca, descer em Cannatello e, cinco minutos depois, pegar o Fiacca-Vigàta e voltar.

— Isso, doutor.

— Obrigado, Fazio. Você fez um bom serviço.

— Espere, doutor. Eu chamei aqui o cobrador do ônibus de hoje de manhã, o Fiacca-Vigàta. O nome dele é Lopipàro. Mando entrar?

— Claro!

Lopipàro, um cinquentão comprido, magricela e mal-humorado, foi logo esclarecendo que não era cobrador, mas motorista com funções de cobrador, já que os bilhetes eram vendidos em tabacarias, e a única coisa que ele fazia era destacá-los a bordo.

— Senhor Lopipàro, o que for dito nesta sala deverá ficar entre nós três.

O motorista-cobrador levou uma das mãos à altura do coração, em sinal de juramento solene.

— Sou um túmulo — disse.

— Senhor Lopipàro...

— Lopipàro.

— Senhor Lopipàro, conhece a viúva Lapècora, aquela cujo marido foi assassinado?

— E como não? Ela parece assinante do trajeto. Pelo menos três vezes por semana é um pra lá e pra cá, ela vai visitar em Fiacca uma irmã que tá doente, e na viagem fala disso o tempo todo.

— Devo pedir que o senhor faça um esforço de memória.

— Se o senhor manda eu me esforçar, eu me esforço.

— Na quinta-feira da semana passada, viu a senhora Lapècora?

— Não precisa esforço. Claro que vi. Ela até criou um caso.

— O senhor brigou com ela?

— Pois então? A senhora Lapècora, todo mundo sabe, é um tantinho unha de fome. Bom, na quinta de manhã ela pegou o ônibus das seis e meia pra Fiacca. Mas, quando chegou em Cannatello, desembarcou, dizendo ao meu colega Cannizzaro, o motorista, que precisava voltar, tinha esquecido uma coisa pra levar pra irmã. Cannizzaro, que me contou isso na noite do mesmo dia, abriu a porta pra ela descer. Daí a cinco minutos passei eu, na direção de Vigàta parei em Cannatello e ela pegou o meu ônibus.

— E por que brigaram?

— Porque ela não queria me entregar o bilhete pro trecho Cannatello-Vigàta. Dizia que não podia desperdiçar, perder dois bilhetes por causa de um esquecimento. Só que eu pra cada pessoa a bordo tenho que receber o bilhete. Não podia fechar um olho, como a senhora Lapècora queria.

— Santo Deus — comentou Montalbano. — Mas me diga uma coisa. Suponhamos que, em meia hora, ela tenha tempo de pegar o que esqueceu em casa. Como é que faz pra chegar a Fiacca ainda pela manhã?

— Pega o ônibus que faz Montelusa-Trapani e que passa por Vigàta às sete e meia em ponto. Ou seja, ela chega a Fiacca só uma hora mais tarde.

— Genial — comentou Fazio, depois que Lopipàro saiu. — Mas como foi que o senhor chegou a essa conclusão?

— Quem me fez entender foi o garotinho, François, montando um quebra-cabeça.

— Mas por que ela fez isso? Ciúme da empregada tunisina?

— Não. A senhora Lapècora é unha de fome, como disse o motorista. Tinha medo de que o marido, por causa daquela mulher, gastasse tudo o que possuía. E também houve um fato que desencadeou tudo.

— Qual?

— Depois eu conto. Você sabe como diz Catarella, não? A “avaria” é um vício feio. Pense bem: por avareza, ela chamou sobre si mesma a atenção de Lopipàro, quando deveria estar fazendo todos os esforços pra passar despercebida.

— Primeiro, levei bem uma meia hora pra achar onde ela estava hospedada, e depois perdi outra meia hora pra convencer a velha, que não acreditava, apavorada. Só se acalmou quando eu consegui que ela saísse pra ver a viatura com a insígnia da polícia. Aí ela fez uma trouxinha e entrou no carro. Nem conto o choro do menino, quando viu a velha chegando de surpresa! Deram o maior abraço. Até a mulher do senhor ficou emocionada.

— Obrigado, Gallù.

— Quando é que eu passo em sua casa pra levar ela de volta pra Montelusa?

— Não se preocupe, eu cuido disso.

A familiazinha crescia implacavelmente. Agora, em Marinella estava também a avó, Aisha.

O telefone tocou demoradamente, mas ninguém atendeu, a viúva Lapècora não estava, talvez tivesse saído para as compras. Mas também podia haver uma outra explicação. Ele discou o número da casa dos Cosentino. Atendeu a simpática e bigoduda mulher do segurança, falando baixinho.

— Seu marido está dormindo?

— Está, comissário. Quer que acorde ele?

— Não precisa. Lembranças pra ele. Escute, minha senhora: liguei para a viúva Lapècora, mas não atende. Sabe se, por acaso...

— Ela agora não está, comissário. Foi ver a irmã em Fiacca. Foi logo hoje, porque amanhã às dez é o enterro do pobre...

— Obrigado, senhora.

Montalbano desligou. Talvez a providência a tomar fosse menos complexa.

— Fazio!

— Mande, doutor.

— Estas chaves são as do escritório de Lapècora, Ladeira Granet 28. Vá lá e pegue um chaveiro que está no compartimento do meio da escrivaninha. Tem um cartãozinho pendurado onde está escrito: casa. Deve ser um jogo de reserva, que ele tinha no escritório. Vá até a casa da senhora Lapècora e abra com essas chaves.

— Só um momentinho. E se a viúva estiver lá?

— Não tem perigo, ela está fora da cidade.

— É pra fazer o quê?

— Na sala de jantar tem uma cristaleira com pratos, xícaras, bandejas, coisas assim. Pegue o que lhe der na telha, mas uma coisa que a viúva não possa negar que seja dela, o ideal seria uma xícara de café de um jogo completo, e traga pra cá. Não esqueça de guardar novamente as chaves no mesmo lugar, no escritório.

— E se a viúva, quando voltar, descobrir que está faltando uma xicrinha?

— Pra isso podemos cagar solenemente. Depois, faça mais uma coisa. Ligue pra Jacomuzzi e diga que eu quero ainda hoje a faca com a qual mataram Lapècora. Se ele não tiver ninguém pra trazer, você dá um pulinho lá.

— Montalbano? Valente. Você poderia estar aqui em Mazàra ali pelas quatro da tarde de hoje?

— Se eu sair agora, sim. Por quê?

— Pra uma conversa com o comandante do pesqueiro. Eu gostaria que você estivesse presente.

— Te agradeço por isso. O seu agente conseguiu saber alguma coisa?

— Conseguiu, e, segundo me disse, não precisou de muita habilidade. Os pescadores falam do assunto livremente.

— E o que eles dizem?

— Eu conto quando você estiver aqui.

— Não, conte agora, assim eu vou pensando durante a viagem.

— Bom, estamos convencidos de que a tripulação sabia pouco ou nada sobre a coisa. Todos sustentam que o pescador estava só um pouquinho fora das nossas águas territoriais. Que era uma noite muito escura, e que no radar aparecia distintamente uma embarcação na rota deles.

— E por que continuaram?

— Porque ninguém da tripulação achou que pudesse se tratar de uma patrulha tunisina, ou o que quer que fosse. Repito, eles estavam em águas internacionais.

— E depois?

— Depois, inesperadamente, veio o sinal de alto. Nosso pescador, ou pelo menos a tripulação, não sei o comandante, pensou num controle da polícia fiscal. Pararam e ouviram falar árabe. A essa altura, o tunisino embarcado foi até a popa e acendeu um cigarro. E os outros atiraram nele. Só então foi que o pescador fugiu.

— E depois?

— Depois o quê, Montalbano? Quanto tempo você quer ficar no telefone?

Capítulo XIV

Contrariamente à maioria dos homens do mar, Angelo Prestia, comandante e proprietário do pesqueiro *Santopadre*, era um homem gordo e suarento. Mas suava por sua própria natureza, e não pelas perguntas que lhe fazia Valente, o qual, sob esse aspecto, parecia não só tranquilo, mas até um tantinho enfadado.

— Eu não entendo por que deu nós senhores a vontade de recomeçar essa história, agora já são águas passadas.

— Precisamos esclarecer alguns detalhezinhos, depois o senhor pode ir — disse Valente, tranquilizando-o.

— Então vamos lá, meu Deus!

— O senhor declarou o tempo todo que a patrulha tunisina agiu ilegalmente, já que o seu pesqueiro se encontrava em águas internacionais. Confirma?

— Claro que confirmo. Sem falar que não vejo por que os senhores se interessam por questões da alçada da Capitania.

— Depois o senhor vai ver.

— Mas eu não tenho nada pra ver, me desculpe! O governo tunisino fez um comunicado, sim ou não? Nesse comunicado, diz que eles é que mataram o tunisino, sim ou não? Então, por que recomeçar?

— Tem uma contradição — observou Valente.

— Qual?

— O senhor, por exemplo, afirma que a agressão ocorreu em águas internacionais, enquanto eles dizem que vocês tinham passado do limite. Não lhe parece contraditório, sim ou não?, pra falar do seu jeito?

— Não, senhor, não tem contradição. Tem erro.

— De quem?

— Deles. Dá pra ver que erraram na hora de calcular o ponto, a posição.

Montalbano e Valente trocaram um olhar velocíssimo. Era o sinal para a segunda parte do interrogatório, que haviam combinado de antemão.

— O senhor tem antecedentes penais?

— Não.

— Mas já foi preso.

— Mas como gostam de histórias velhas! Fui preso, sim, senhor, porque um veadozinho, um corno, quis me prejudicar e me denunciou. Mas o juiz entendeu que esse filho da puta havia dito falsidades e me liberou.

— De que o acusavam?

— Contrabando.

— De cigarros ou de droga?

— Dessa aí.

— E sua tripulação da época também acabou nas grades, verdade?

— Sim, senhor, mas saíram todos, inocentes como eu.

— Quem era o juiz que sentenciou a falta de indícios?

— Não me lembro.

— Chamava-se Antonio Bellofiore?

— Ah, é, acho que sim.

— Sabia que no ano passado ele foi parar na cadeia, porque dava um jeitinho nos processos?

— Não, não sabia. Eu passo mais tempo no mar do que em terra.

Outra olhadela rapidíssima, e a bola passou a Montalbano.

— Vamos deixar pra lá essas histórias velhas — iniciou o comissário. — O senhor faz parte de uma cooperativa?

— A Copemaz.

— O que significa?

— Cooperativa dos Pescadores Mazarenses.

— Os marinheiros tunisinos que vão embarcar, o senhor escolhe da sua cabeça ou a cooperativa indica?

— A cooperativa indica — respondeu Prestià e começou a suar mais que o habitual.

— Sabemos que a cooperativa tinha indicado um certo nome, mas o senhor escolheu Ben Dhahab.

— Vejam bem, eu não conhecia esse Dhahab, nem de vista. Quando ele se apresentou a bordo, cinco minutos antes de zarparmos, achei que fosse o indicado pela cooperativa.

— Ou seja, Assan Tarif?

— Acho que o nome era esse.

— Muito bem. E por que a cooperativa não lhe pediu explicações?

O comandante Prestià sorriu, mas seu rosto se retorceu e estava banhado de suor.

— Mas essas coisas acontecem todo dia! Eles trocam entre si, o essencial é que ninguém reclame.

— E por que Assan Tarif não reclamou? Afinal, ele perdeu um dia de trabalho.

— O senhor vem perguntar pra mim? Pergunte a ele.

— Já perguntei — disse Montalbano, tranquilo.

Valente olhou-o, espantado: essa parte não tinha sido combinada.

— E o que foi que ele contou? — perguntou Prestià, quase em desafio.

— Que Ben Dhahab o procurou, perguntou se era ele quem estava na lista pra embarcar no *Santopadre* e, ao ouvir a confirmação, mandou que ele sumisse por três dias e lhe pagou uma semana de trabalho.

— Disso aí eu não sei nada.

— Me deixe terminar. Sendo assim, não foi por precisar trabalhar que Dhahab embarcou. Dinheiro ele tinha. Portanto, o motivo do embarque era outro.

Valente acompanhava com extrema atenção aquele verde, a armadilha que Montalbano estava construindo. A conversa de que o fictício Tarif havia recebido dinheiro de Dhahab tinha sido clara mente inventada, agora era preciso descobrir onde ele pretendia chegar.

— O senhor sabe quem era Ben Dhahab?

— Um tunisino que procurava trabalho.

— Não, meu caro, era um dos nomes barra-pesada do tráfico de drogas.

Enquanto Prestià ficava branco, Valente compreendeu que agora era a sua vez. Riu por dentro, satisfeito: Montalbano e ele formavam uma dupla irresistível, tipo Totò e Peppino.

— Sua situação está se complicando, senhor Prestià — começou Valente, compassivo e quase paternal.

— Mas por quê?!

— Não lhe parece claro? Um traficante de drogas do calibre de Ben Dhahab embarca a todo custo no seu pesqueiro. E o senhor tem o antecedente que tem. Duas perguntas. Primeira: quanto dá um mais um? Segunda: o que foi que deu errado naquela noite?

— Os senhores querem acabar comigo! Querem me arruinar!

— Não, o senhor é quem está fazendo isso, com suas próprias mãos.

— Ah, não! Ah, não! Até esse ponto, não! — fez Prestià, nervosíssimo. — Tinham me garantido que...

Interrompeu-se, enxugou o suor.

— O que foi que lhe garantiram? — perguntaram ao mesmo tempo Montalbano e Valente.

— ... que eu não ia ter chateações, ninguém ia me encher o saco.

— Quem?

O comandante Prestià meteu a mão no bolso, tirou a carteira, puxou um cartão de visitas e jogou-o sobre a escrivaninha de Valente.

Liquidado Prestià, Valente discou o número que estava no cartão. Era o do governo de Trapani.

— Alô? Aqui é o subchefe de polícia Valente, de Mazàra. Queria falar com o comendador Mario Spadaccia, chefe de gabinete.

— Um momento, por favor.

— Bom dia, doutor Valente. Aqui é Spadaccia.

— Comendador, preciso incomodá-lo por uma questão relativa ao assassinato do tunisino no pesqueiro...

— Mas já não se esclareceu tudo? O governo de Túnis...

— Sim, eu sei, comendador, mas...

— Por que telefonar para mim?

— Porque o comandante do pesqueiro...

— Ele disse o meu nome?

— Ele nos deu o seu cartão de visitas. Guardava-o como uma espécie de... de garantia.

— E é, de fato.

— Como assim?

— Vou explicar. Veja bem, algum tempo atrás, Sua Excelência...

“Mas esse título já não foi abolido há meio século?”, perguntou-se Montalbano, que escutava na extensão.

— ... Sua Excelência o governador recebeu uma solicitação. Tratava-se de dar o máximo apoio a um jornalista tunisino que pretendia fazer uma delicada pesquisa entre seus conterrâneos, pelo que, ademais, também desejava embarcar. Sua Excelência me encarregou de cuidar disso. Sugeriram-me o nome do comandante Prestià como o de uma pessoa totalmente confiável. Mas Prestià ficou meio temeroso de se complicar com o escritório de colocações. Por isso, dei a ele o meu cartão de visitas. Foi isso.

— Comendador, fico-lhe muitíssimo agradecido por tão exaustiva explicação — fez Valente. E desligou.

Ficaram em silêncio, olhando um para o outro.

— Ou é um idiota ou está nos fazendo de idiotas — disse Montalbano.

— Esta história começa a me cheirar mal, a feder — fez Valente, pensativo.

— A mim também — disse Montalbano.

Estavam pensando no próximo movimento a fazer, quando o telefone tocou.

— Eu tinha dito que não estava pra ninguém! — reclamou Valente. Escutou um pouco e depois passou o fone a Montalbano.

Antes de sair para Mazàra, o comissário tinha dito ao seu pessoal onde poderia ser encontrado, em caso de necessidade.

— Alô? Montalbano. Quem é? Ah, é o senhor, chefe?

— Sim, sou eu. Onde foi que o senhor se meteu?

Parecia irritado.

— Estou com o meu colega, o subchefe Valente.

— Ele não é seu colega. Valente é subchefe e o senhor, não.

Montalbano começou a preocupar-se.

— O que aconteceu, chefe?

— Não, sou eu que lhe pergunto que merda está acontecendo!

Merda? O chefe dizia merda?

— Não entendi.

— Em que bosta o senhor foi remexer?

Bosta? O chefe dizia bosta? Seria o princípio do Apocalipse? Soariam dali a pouco as trombetas do Juízo Final?

— Mas o que foi que eu fiz?

— Me deu o número de uma placa, lembra-se?

— Sim. AM 237 GW.

— Isso. Ontem mesmo eu encarreguei do assunto um amigo de Roma, para ganharmos tempo, como o senhor pediu. Pois bem, ele me telefonou muito aborrecido. Tinham respondido que, se quisesse saber o nome do proprietário do carro, ele precisava apresentar uma solicitação por escrito, especificando detalhadamente os motivos da própria investigação.

— Não há problema, chefe. Amanhã eu lhe conto tudo e o senhor, na solicitação, pode...

— Montalbano, ou o senhor não entendeu ou não quer entender. Esse número é blindado.

— E o que significa isso?

— Significa que esse carro pertence ao serviço secreto. Acha pouco?

Mais do que um simples mau cheiro, aquele que eles haviam sentido. Agora, o ar estava ficando empestado.

Enquanto contava a Valente sobre o assassinato de Lapècora, sobre o rapto de Karima, sobre Fahrid e seu automóvel, que na verdade era do serviço secreto, Montalbano teve um pensamento que o preocupou. Ligou então para o chefe de polícia, em Montelusa.

— Queira desculpar, mas, quando falou com o seu amigo de Roma sobre a placa, o senhor disse do que se tratava?

— E como podia? Eu não sei nada a respeito do que o senhor anda fazendo.
O comissário puxou um suspiro de alívio.

— Eu só disse que se relacionava com uma investigação que o senhor, Montalbano, está conduzindo — continuou o chefe.

O comissário engoliu o suspiro de alívio.

— Alô, Galluzzo? Montalbano. Estou ligando de Mazàra. Acho que vou voltar tarde. Então, ao contrário do que eu tinha dito, você vá imediatamente a Marinella, à minha casa, pegue a velha tunisina e deixe ela de volta em Montelusa. Entendeu? Não perca um minuto.

— Alô? Livia, preste atenção e faça o que eu vou dizer, não discuta. Estou em Mazàra, e acho que o nosso telefone ainda não foi grampeado.

— Ai, meu Deus, que história é essa?

— Eu disse pra você não discutir, falar, fazer perguntas. Apenas me ouça. Daqui a pouco Galluzzo chega aí. Vai pegar a velha e levar pra Montelusa. Não encompride as despedidas, diga a François que eles vão se rever logo. Assim que Galluzzo sair, telefone pro comissariado e chame Mimì Augello. Ache ele de qualquer jeito, onde estiver. Diga que precisa dele imediatamente.

— Mas, e se ele estiver ocupado?

— Por você, ele manda tudo se foder e vai correndo. Enquanto isso, você vai arrumando uma maletinha com as poucas coisas de François...

— Mas o que...

— Calada, entendeu? Calada. Explique a Mimì que, por ordem minha, o menino deve desaparecer da face da terra, evaporar. E ser escondido num lugar onde possa ficar bem. Não pergunte pra onde ele pretende levar François. Fui claro? Você não deve saber onde o menino foi parar. E não chore, que me chateia. Escute bem. Depois que Mimì sair com o garoto, deixe passar uma hora e chame Fazio. Diga, chorando, coisa que você não vai precisar fingir, porque já começou, que o menino desapareceu, talvez tenha fugido pra ir atrás da velha, em suma, peça ajuda pra procurar. Enquanto isso, eu já terei chegado. Última coisa: telefone pra Punta Ràisi e faça uma reserva pra Gênova. Um voo ali pelo meio-dia, assim eu arrumo alguém pra te levar. Até mais tarde.

Desligou e cruzou com o olhar perturbado de Valente.

— Acha que eles poderiam chegar a esse ponto?

— Até pior.

— Agora ficou claro pra você? — perguntou Montalbano.

— Acho que estou começando a entender — respondeu Valente.

— Explico melhor — fez o comissário. — Em linhas gerais, a coisa pode ter acontecido da seguinte maneira. Pra realizar seus objetivos, Ahmed Moussa faz um homem dele, Fahrid, organizar uma base operativa. Fahrid obtém a ajuda, não sei até que ponto voluntária, da irmã de Ahmed, Karima, que já vive na ilha há alguns anos. Chantageando um senhor de Vigàta, que se chamava Lapècora, usam como fachada uma velha firma de importação e exportação que ele tinha. Está me acompanhando?

— Perfeitamente.

— Ahmed, que precisa ir a um encontro importante, armas ou apoio político para o seu movimento, vem à Itália com a cobertura de alguém do nosso serviço secreto. O encontro vai acontecer no mar, mas, muito provavelmente, é uma cilada. Ahmed não desconfiava nem de longe que o nosso serviço estivesse fazendo jogo duplo, de combinação com o pessoal de Túnis que queria liquidá-lo. Além disso, estou convencido de que também Fahrid concordava em descartar Ahmed. A irmã, não creio.

— Por que você teme tanto pelo menino?

— Porque é testemunha. Assim como reconheceu o tio na televisão, poderia reconhecer Fahrid. E este já matou Karima, tenho certeza. Matou a moça depois de sequestrá-la num carro que, como vimos, pertence ao nosso serviço.

— E nós, o que vamos fazer?

— Você, por enquanto, fica quieto, Valente. E eu providencio imediatamente uma ação diversionista.

— Boa sorte.

— Pra você também, amigo.

A noite já caía, quando Montalbano chegou ao comissariado. Fazio esperava por ele.

— Acharam François?

— O senhor passou em casa antes de vir pra cá? — perguntou Fazio, em vez de responder.

— Não. Vim diretamente de Mazàra.

— Doutor, vamos pra sua sala um pouquinho?

Entraram, e Fazio fechou a porta.

— Doutor, eu sou policial. Certamente não tão bom quanto o senhor, mas policial. Como foi que o senhor soube que o menino fugiu?

— Fazio, o que é isso agora? Livia me chamou em Mazàra, e eu disse pra ela recorrer a você.

— Pois é, doutor, mas é que a senhorita me explicou que estava pedindo a minha ajuda porque não sabia onde o senhor estava.

— Entrego os pontos — fez Montalbano.

— E também a senhorita chorava sinceramente, isto sim. Não porque o menino tinha fugido, mas por algum outro motivo, que eu não sei. Aí entendi o que o senhor queria de mim, e fiz.

— E o que eu queria de você?

— Que eu fizesse estardalhaço, confusão, barulho. Rodei por todas as casas vizinhas, perguntei a todo mundo que encontrava. Por acaso viram um menininho assim e assado? Ninguém tinha visto, mas todo mundo ficou sabendo que ele tinha fugido. Não era isso que o senhor queria?

Montalbano se emocionou. Aquela era a amizade siciliana, a verdadeira, que se baseia no não dito, no intuído: a um amigo, não é preciso pedir, ele automaticamente compreende e, conseqüentemente, age de acordo.

— E agora, eu faço o quê?

— Continue a fazer estardalhaço. Telefone à Arma, a todos o comandos da província, aos comissariados, aos hospitais, a quem você achar melhor. Isso, de modo semioficial, só telefonemas, nada escrito. Descreva o menino, mostre preocupação.

— Doutor, podemos ter certeza de que não acabem achando ele?

— Fica tranquilo, Fazio. Ele está em boas mãos.

Montalbano pegou um papel timbrado e escreveu à máquina:

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES — LICENCIAMENTO VEÍCULOS
CIVIS

MOTIVO DELICADA INVESTIGAÇÃO CONCERNENTE RAPTO ET
PROVÁVEL HOMICÍDIO MULHER ATENDE NOME KARIMA
MOUSSA VG NECESSITO SABER NOME PROPRIETÁRIO
AUTOMÓVEL PLACA AM 237 GW PT PEÇO GENTILEZA
RESPONDER RAPIDAMENTE PT COMISSÁRIO SALVO
MONTALBANO

Sabe-se lá por quê, a cada vez que devia enviar um fax, ele o redigia como se fosse um telegrama. Releu o texto. Tinha até escrito o nome da mulher, para tornar a isca mais apetitosa. Seguramente, eles seriam obrigados a aparecer.

— Gallo!
— Pode mandar, doutor.
— Procure aí o número do fax do licenciamento de veículos, em Roma, e mande isto aqui imediatamente. Galluzzo!
— Às ordens.
— E aí?
— Levei a velha de volta pra Montelusa. Tudo resolvido.
— Escuta, Gallù. Avise ao seu cunhado que amanhã de manhã, depois do enterro de Lapècora, ele apareça por estas bandas. Com cinegrafista.
— Obrigado, de coração, doutor.
— Fazio!
— Pode falar.
— Esqueci completamente. Você foi à casa da viúva Lapècora?
— Claro. Peguei uma xicrinha de um jogo de doze. Está lá dentro. O senhor quer ver?
— E pra quê? Amanhã, digo o que você faz com ela. Guarde num envelope de celofane. Ah, escuta, Jacomuzzi mandou a faca?
— Mandou.

Não tinha coragem de sair do comissariado, em casa esperava-o a parte difícil, a dor de Livia. A propósito, já que Livia ia partir... Discou o número de Adelina.

— Adeli? Montalbano. Escuta, amanhã de manhã a senhorita vai embora. Tenho que me restabelecer. Sabe de uma coisa? Eu não comi nada.
Precisava se alimentar, não?

Capítulo XV

Livia estava sentada no banco da varanda, absolutamente imóvel, e parecia observar o mar. Não chorava, mas os olhos inchados e vermelhos diziam que ela tinha derramado todas as lágrimas de que dispunha. O comissário sentou-se junto, pegou-lhe a mão e apertou-a. Pareceu-lhe estar segurando uma coisa morta, quase sentiu repugnância. Soltou-a e acendeu um cigarro. Queria deixar Livia o mais fora possível daquela história, mas foi ela quem fez uma pergunta direta, via-se que havia pensado no assunto.

— Querem fazer mal a ele?

— Mal, propriamente, não creio. Mas dar um sumiço, por algum tempo, isto, sim.

— E como?

— Sei lá, talvez internando num orfanato, sob nome falso.

— Por quê?

— Porque ele conheceu pessoas que não devia ter conhecido.

Sempre olhando fixamente o mar, Livia refletiu sobre essas últimas palavras de Montalbano.

— Não entendo — disse.

— O quê?

— Se essas pessoas que François viu são tunisinos, talvez clandestinos, vocês, como policiais, não poderiam...

— Não são só tunisinos.

Lentamente, como se fizesse um esforço, Livia se virou para encará-lo.

— Não?

— Não. E não digo uma palavra à mais.

— Eu quero o garoto.

— Quem?

— François. Eu quero.

— Mas Livia...

— Cala a boca. Eu quero o garoto. Ninguém vai poder me arrancar esse menino assim, muito menos você. Nestas últimas horas eu pensei muito, sabe? Quantos anos você tem, Salvo?

Apanhado de surpresa, o comissário teve um instantinho de incerteza.

— Acho que quarenta e quatro.

— Quarenta e quatro e dez meses. Daqui a dois, você faz quarenta e cinco. Eu tenho trinta e três completos. Percebe?

— Não. Perceber o quê?

— Estamos juntos há seis anos. De vez em quando, falamos em casamento, depois não voltamos ao assunto. Nenhum dos dois, de comum acordo, embora tácito, toma uma decisão. Estamos bem, assim como estamos, e nossa preguiça, nosso egoísmo sempre levam a melhor.

— Preguiça? Egoísmo? Mas que palavras você resolveu adotar! Existem dificuldades objetivas que...

— ... que você pode enfiar no cu — concluiu brutalmente Livia.

Montalbano calou-se, desconcertado. Em seis anos, somente uma ou duas vezes ele ouvira Livia falar de um jeito vulgar, e sempre tinha sido em situações preocupantes, de extrema tensão.

— Desculpe — disse Livia, devagar. — Mas às vezes eu não suporto a sua hipocrisia, tão camuflada. Seu cinismo é mais verdadeiro.

Montalbano continuou a engolir aquilo, em silêncio.

— Não me desvie do que eu quero lhe dizer. Você é hábil, é o seu ofício. Eu lhe pergunto: quando você acha que a gente vai poder se casar? Responda claramente.

— Se dependesse só de mim...

Livia levantou-se de um pulo.

— Chega! Vou dormir, tomei dois comprimidos de tranquilizante, meu avião sai de Palermo ao meio-dia. Antes, porém, vou concluir. Se algum dia nós nos casarmos, será quando você tiver cinquenta anos e eu, trinta e oito. Velhos demais pra ter filhos, diremos. E não teremos percebido que alguém, Deus ou quem faz as vezes dele, já nos tinha enviado esse filho, na hora certa.

Ela virou as costas e se afastou. Montalbano continuou na varanda, olhando o mar, mas sem conseguir vê-lo com foco.

Uma hora antes da meia-noite, assegurou-se de que Livia dormia profundamente, tirou o telefone da tomada, juntou todas as moedinhas que conseguiu achar, apagou as luzes e saiu. De carro, foi até a cabine telefônica que havia no estacionamento do bar de Marinella.

— Nicolò? Montalbano. Duas coisas. Amanhã de manhã, ali pelo meio-dia, mande alguém com cinegrafista às proximidades do comissariado. Teremos novidades.

— Obrigado. E que mais?

— Você tem uma câmera pequeninha, que não faça barulho? Quanto menor, melhor.

— Quer deixar pra posteridade um documentário sobre suas proezas na cama?

— Você sabe usar essa câmera?

— Claro.

— Então me traga.

— Quando?

— Assim que acabar o jornal da meia-noite. Não toque a campainha, Livia está dormindo.

— Falo com o governador de Trapani? Queira me desculpar a hora tardia. Aqui é Corrado Menichelli, do *Corriere della Sera*. Estou ligando de Milão. Tivemos informação sobre um fato de gravidade excepcional, mas, antes de publicá-lo, já que se relaciona diretamente com o senhor, queríamos uma confirmação da sua parte.

— Gravidade excepcional? O que é?

— É verdade que o senhor teria sofrido pressões para auxiliar um jornalista tunisino, de passagem por Mazàra? Antes de responder e no seu próprio interesse, peço-lhe que pense um pouquinho.

— Mas eu não tenho que pensar em nada! — explodiu o governador. — Do que é que o senhor está falando?

— Não se lembra? É de fato muito estranho, porque a coisa aconteceu no máximo uns vinte dias atrás.

— Essa coisa de que o senhor fala não aconteceu nunca! Eu não recebi nenhuma pressão! Não sei nada a respeito de jornalistas tunisinos!

— Governador, mas nós temos provas de que...

— O senhor não pode ter provas de um fato jamais ocorrido! Me passe imediatamente o seu editor!

Montalbano desligou. O governador de Trapani tinha sido sincero; mas seu chefe de gabinete, não.

— Valente? Montalbano. Me fingi de repórter do *Corriere della Sera* e falei com o governador de Trapani. Ele não sabe de nada. Quem jogou essa partida foi o nosso amigo, o comendador Spadaccia.

— De onde você está falando?

— Sossegue. De uma cabine telefônica. Agora lhe digo o que devemos fazer, desde que você concorde.

Para dizer, gastou todas as moedinhas, menos uma.

— Mimì? Montalbano. Estava dormindo?

— Não, dançando. Que pergunta mais cretina!

— Tá com raiva de mim?

— Claro! Depois do papel que você me obrigou a fazer!

— Eu? Que papel?

— Me mandar pegar o menino. Livia me olhou com ódio, eu não conseguia tirar o garoto dos braços dela. Me deu uma coisa aqui, bem na boca do estômago.

— Pra onde você levou François?

— Pra casa da minha irmã em Calapiàno.

— É um lugar seguro?

— Seguríssimo. Ela e o marido têm uma casa enorme, a cinco quilômetros da aldeia, uma fazenda isolada. Minha irmã tem dois filhos, um é da mesma idade de François, ele vai ficar muito bem. Levei duas horas e meia pra ir e duas horas e meia pra voltar.

— Está cansado?

— Exausto. Amanhã de manhã eu não vou ao comissariado.

— Tudo bem, você não vai ao comissariado, mas às nove, no máximo, deve vir à minha casa, em Marinella.

— Pra fazer o quê?

— Pegar Livia e levar ao aeroporto de Palermo.

— Sem problema.

— Engraçado como seu cansaço passou, hem, Mimì?

Agora Livia dormia um sono agitado, volta e meia gemia. Montalbano fechou a porta do quarto, sentou-se numa poltrona e ligou a televisão, deixando o volume bem baixinho. Na Televigàta, o cunhado de Galluzzo dizia que o Ministério do Exterior de Túnis tinha divulgado um comunicado relativo a algumas notícias equivocadas sobre o infeliz incidente do marinheiro tunisino, morto num pesqueiro italiano que havia saído das águas territoriais. O comunicado desmentia os boatos fantasiosos segundo os quais o marinheiro não era realmente marinheiro, mas um jornalista bastante conhecido, Ben Dhahab. Tratava-se, evidentemente, de um caso de homonímia, visto que o jornalista Ben

Dhahab estava vivo e continuava a fazer o seu trabalho. Somente na cidade de Túnis, prosseguia o comunicado, contavam-se pelo menos uns vinte Ben Dhahab. Montalbano desligou a televisão. As águas, pelo visto, tinham-se mexido, e já havia quem começasse a botar mãos à obra, a erguer paliçadas, a lançar cortinas de fumaça.

O comissário escutou o motor de um carro chegando e parando no larguinho à frente da casa. Correu para abrir: era Nicolò.

— Vim assim que foi possível — disse o jornalista, entrando.

— Eu lhe agradeço.

— Livia está dormindo? — perguntou Nicolò, olhando ao redor.

— Sim. Amanhã de manhã, volta pra Gênova.

— Lamento muito não poder falar com ela.

— Você trouxe a minicâmera?

O jornalista tirou da pasta um objeto do tamanho de quatro maços de cigarros, arrumados dois a dois.

— Olha aqui, pode pegar. Eu vou embora pra dormir.

— Ah, não. Primeiro você tem que esconder isso aí num lugar em que não dê pra ver.

— Como é que eu posso, se Livia está no quarto?

— Nicolò, você cismou com essa história de que eu quero me filmar trepando. A câmera é pra botar nesta sala onde estamos.

— O que é que você quer gravar?

— Uma conversa minha com um homem que vai estar sentado exatamente aí onde você está.

Nicolò Zito olhou à sua frente e sorriu.

— Aquela prateleira ali, cheia de livros, parece feita pra isso.

Pegou uma cadeira, encostou-a à estante e subiu. Ajeitou alguns livros, encaixou a minicâmera entre eles, desceu, sentou-se no lugar onde estava e olhou para cima.

— Daqui não dá pra ver — disse, satisfeito. — Venha conferir você também, sente aqui.

O comissário conferiu.

— Parece ótimo.

— Fique aí — disse Nicolò.

Voltou a subir na cadeira, mexeu lá em cima e desceu.

— O que é que ela está fazendo? — perguntou Montalbano.

— Filmando você.

— É mesmo? Não faz o menor barulho.

— Não lhe disse que era uma maravilha?

Nicolò repetiu toda a movimentação de subir na cadeira e descer. Mas, desta vez, segurava a minicâmera, e mostrou-a a Montalbano.

— Preste atenção, Salvo, funciona assim: apertando esta tecla, você rebobina a fita. Agora ponha a câmara à altura do olho e aperte esta outra tecla. Experimente.

Montalbano obedeceu e viu a si mesmo pequenininho, sentado, ouviu uma vozinha de micróbio, a sua, perguntando: “O que é que ela está fazendo?”, e depois a de Nicolò, respondendo: “Filmando você”.

— Magnífico — fez o comissário. — Mas tem uma coisa. Só se pode ver deste jeito?

— Claro que não — respondeu Nicolò, tirando da pasta um cassete de tamanho normal, mas diferente por dentro. — Veja como é que eu faço. Tiro da câmara a fita, que, como você vê, é tão pequenininha quanto a de uma secretária eletrônica, e meto neste cassete aqui, que é especial e pode ser usado em seu vídeo.

— Bom, mas pra gravar, como é que eu faço?

— Aperte este outro botão.

Ao ver a cara mais confusa do que convencida do comissário, Nicolò ficou na dúvida.

— Será que você vai saber usar?

— Ora! — respondeu Montalbano, ofendido.

— Então, por que essa cara?

— Porque eu não posso subir na cadeira na frente da pessoa que eu vou gravar, a pessoa vai desconfiar.

— Experimente se você consegue apertar o botão ficando na pontinha dos pés.

Montalbano conseguia.

— Então, é simples. Você deixa um livro em cima da mesa antes da pessoa chegar, depois bota ele no lugar, como quem não quer nada, e nessa hora aperta a tecla.

Livia, querida,

Infelizmente não posso esperar você acordar, tenho que ir ver o chefe em Montelusa. Combinei com Mimì que ele te acompanha a Palermo. Procure ficar bem tranquila e serena. De noite eu te ligo. Um beijo.

SALVO

Um caixeiro-viajante de ínfima categoria seguramente se expressaria melhor, de um jeito mais afetuoso. Montalbano reescreveu o bilhete e, estranhamente, ele saiu idêntico ao primeiro. Não havia nada a fazer: não era verdade que ele precisava ir ver o chefe, queria apenas escapulir da cena de despedida. Portanto, aquilo era tapeação, mentira mesmo, e ele jamais conseguia dizer alguma às pessoas que estimava. Com as mentirinhas do dia a dia, no entanto, sabia se arranjar. E como!

No comissariado encontrou Fazio, agitado, à sua espera.

— Doutor, faz meia hora que eu tento ligar pro senhor em casa, mas o senhor deve ter desligado o telefone.

— O que foi?

— Telefonou um cara que, por acaso, descobriu o cadáver de uma velha. Em Villaseta, na rua Garibaldi. Na mesma casa onde a gente cercou o menininho. Por isso eu estava procurando o senhor.

Montalbano sentiu uma espécie de descarga elétrica.

— Tortorella e Galluzzo já foram pra lá. Galluzzo ligou agora mesmo, mandou dizer que é a mesma velha que ele foi levar à sua casa.

Aisha.

O tapa na cara que Montalbano se deu não foi tão forte que lhe arrancasse dentes, mas fez um lábio sangrar.

— O que foi, doutor? — disse Fazio, sem entender.

Claro que Aisha era uma testemunha, tanto quanto François; mas ele só tivera olhos e atenções para o menino. Era um imbecil, isso que ele era. Fazio estendeu-lhe um lenço.

— Pro senhor se enxugar.

Aisha era uma trouxinha retorcida, aos pés da escada que levava ao quarto de Karima.

— Aparentemente, ela caiu e quebrou o pescoço — disse o doutor Pasquano, que havia sido chamado por Tortorella. — Mas, depois da autópsia, talvez eu possa dizer mais alguma coisa. Pra fazer voar uma velha assim, basta soprar.

— E Galluzzo, cadê? — perguntou Montalbano a Tortorella.

— Foi a Montelusa pra falar com uma tunisina que hospedava a morta. Quer perguntar por que a velha veio aqui, se alguém chamou.

Enquanto a ambulância ia embora, o comissário entrou na casa de Aisha, levantou uma pedra do fogão, pegou a caderneta ao portador, soprou em cima

para limpá-la e meteu-a no bolso.

— Doutor!

Era Galluzzo. Não, ninguém tinha chamado Aisha para ir até ali. Ela cismara que precisava retornar à sua casa, levantara-se cedinho, pegara o ônibus e não faltara ao encontro com a morte.

De volta a Vigàta, antes de ir para o comissariado Montalbano passou pelo escritório do tabelião Cosentino, com quem simpatizava.

— Pode falar, doutor.

O comissário puxou a caderneta ao portador e estendeu-a ao tabelião. Este abriu-a, olhou e perguntou:

— E então?

Montalbano enveredou por uma explicação complicadíssima, ao tabelião só queria cantar a metade da missa.

— Creio ter entendido — resumiu o tabelião Cosentino — que esse dinheiro pertence a uma mulher que o senhor supõe morta, e cujo herdeiro seria o filho menor.

— Exato.

— O senhor gostaria que esse dinheiro ficasse de algum modo bloqueado, e que o menino entrasse na posse dele ao alcançar a maioridade.

— Exato.

— Desculpe, mas por que não guarda a caderneta e, quando chegar o momento, o senhor mesmo entrega a ele?

— E quem garante que eu ainda estarei vivo daqui a quinze anos?

— É verdade — fez o tabelião, prosseguindo: — Façamos o seguinte: o senhor guarda, eu estudo o assunto e, dentro de uma semana, conversaremos. Talvez fosse bom fazer esse dinheiro render.

— O senhor providencia isso — disse Montalbano, levantando-se.

— Pegue de volta a caderneta.

— Guarde com o senhor. Eu sou capaz de perder.

— Espere que eu vou lhe fazer um recibo.

— Ora, por favor, não precisa.

— Mais uma coisa.

— Diga, tabelião.

— Veja bem, é indispensável ter certeza da morte da mãe.

Do comissariado, Montalbano ligou para casa. Livia estava saindo. Falou com ele um tanto friamente, pelo menos assim lhe pareceu Montalbano não sabia o que dizer.

— Mimì chegou?

— Chegou. Está me esperando no carro.

— Boa viagem. Te ligo hoje à noite.

Tinha de continuar, não podia deixar-se levar por Livia.

— Fazio!

— Pode mandar.

— Vá até a igreja, o funeral de Lapècora já deve ter começado. Leve Gallo junto. No cemitério, enquanto estiverem dando pêsames à viúva, você se aproxima e diz com a cara mais firme que puder: “Senhora, vamos até o comissariado.” Se ela começar a fazer escândalo, se tiver um fricote, não faça cerimônia, meta ela no carro à força. Ah, outra coisa: também deve estar lá o filho de Lapècora. No caso dele querer defender a mãe, algeme.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES — DIREÇÃO GERAL
LICENCIAMENTO VEÍCULOS CIVIS

MOTIVO DELICADÍSSIMA INVESTIGAÇÃO CONCERNENTE
HOMICÍDIO DUAS MULHERES NOMES KARIMA ET AISHA VG
NECESSITO ABSOLUTAMENTE SABER GENERALIDADES ET
ENDEREÇO PROPRIETÁRIO VEÍCULO PLACA AM 237 GW PT
SOLICITO RESPONDER DEVIDA URGÊNCIA PT SALVO
MONTALBANO VG COMISSARIADO VIGÀTA VG PROVÍNCIA
MONTELUSA

No serviço de licenciamento, antes de repassar o fax a quem de dever, segundo as ordens recebidas, iriam rir à sua custa, considerando-o um ingênuo ou um cretino pelo jeito como havia redigido a solicitação. Mas quem de dever, ao contrário, tendo percebido o alçapão, o desafio escondido na mensagem, seria obrigado à contraofensiva. Exatamente como Montalbano desejava.

Capítulo XVI

A sala de Montalbano se localizava do lado oposto à entrada do comissariado, e mesmo assim ele escutou o vozerio desencadeado pela chegada do carro de Fazio com a viúva Lapècora dentro. Os repórteres e cinegrafistas eram quatro gatos pingados, mas a eles deviam ter-se acrescentado dezenas de desocupados e curiosos.

— Por que prenderam a senhora?

— Olhe pra cá, dona!

— Saiam da frente! Saiam da frente!

Depois houve uma relativa calma, e bateram à sua porta. Era Fazio.

— Como foi?

— Ela quase não resistiu. Só ficou nervosa quando viu os jornalistas.

— E o filho?

— Tinha um homem ao lado dela, no cemitério, recebendo pêsames de todo mundo. Achei que era o filho. Mas, quando eu disse à viúva pra ela vir com a gente, ele virou as costas e se afastou. Portanto, não podia ser o filho.

— Pelo contrário, era, sim, Fazio. Muito sensível pra assistir à prisão da mãe. E apavorado com a ideia de ter que pagar as despesas legais. Mande a viúva entrar.

— Como uma ladra! Como uma ladra, é assim que tão me tratando! — explodiu ela, assim que viu o comissário.

Montalbano fez uma cara amarrada.

— Vocês trataram mal esta senhora?!

Como se seguisse um roteiro, Fazio fingiu embaraço.

— Bem, já que era uma detenção...

— E quem falou em detenção? Sente-se, dona Antonietta, e queira desculpar este desagradável equívoco. Vou retê-la somente uns poucos minutos, o tempo necessário para registrar algumas respostas suas. Depois a senhora volta pra casa, e pronto.

Fazio foi sentar-se à máquina de escrever. Montalbano instalou-se na escrivaninha. A viúva parecia ter-se acalmado um pouquinho, mas o comissário via os nervos dela saltitarem sob a pele, como pulgas num cão vadio.

— Se eu estiver errado, me corrija, por favor. Segundo me disse, e certamente se lembra, na manhã do assassinato do seu marido a senhora se

levantou, foi até o banheiro, vestiu-se, pegou a bolsa na sala de jantar e saiu. Certo?

— Certíssimo.

— Não notou nada de anormal em casa?

— E o que era que eu devia notar?

— Por exemplo, que a porta do gabinete estava fechada, contrariamente ao habitual.

Um tiro no escuro, mas direto ao alvo. De vermelha que estava, a cara da viúva ficou pálida. Mas a voz continuava firme.

— Acho que estava aberta, meu marido nunca fechava.

— Eh, não. Quando a senhora chegou de Fiacca, entramos juntos na casa, e a porta estava fechada. Quem abriu fui eu.

— Fechada ou aberta, que importância tem isso?

— Tem razão, é um detalhe bobo.

A viúva não conseguiu segurar um longo suspiro.

— Na manhã em que mataram seu marido, a senhora tinha ido a Fiacca, para visitar sua irmã doente. Certo?

— Foi o que eu fiz.

— Mas esqueceu uma coisa. Por isso, no cruzamento de Cannatello, desceu do ônibus, esperou o que vinha em sentido contrário e retornou a Vigàta. A senhora havia esquecido o quê?

A viúva sorriu, certamente estava preparada para aquela pergunta.

— Naquela manhã eu não descii em Cannatello.

— Mas eu tenho o depoimento dos dois motoristas.

— Eles têm razão. Só que isso não aconteceu naquela manhã, mas duas manhãs antes. Os motoristas erraram o dia.

Era esperta e ágil. Agora, seria preciso lançar mão da ratoeira.

Montalbano abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou a faca de cozinha, no saquinho de celofane.

— Isto aqui é a faca com a qual seu marido foi assassinado. Um golpe só, pelas costas.

A viúva não mudou de expressão, não tugi nem mugiu.

— A senhora já tinha visto isto aqui?

— Facas dessa aí a gente vê muitas.

Lentamente, o comissário meteu de novo a mão na gaveta e puxou outro envelope de celofane, com uma xicarazinha dentro.

— E esta, reconhece?

— Foram vocês que pegaram? Virei a casa de pernas pro ar, procurando!

— Então, é sua. A senhora a reconhece oficialmente.

— Claro. E o que esta xícara está fazendo aqui?

— Vai servir pra botar a senhora na cadeia.

Entre todas as reações possíveis, a viúva escolheu uma que de algum modo suscitou a admiração do comissário. De fato, ela virou a cabeça para Fazio e perguntou, delicadamente, quase como se estivesse ali em visita de cortesia.

— Ele é doido?

Fazio, com toda a sinceridade, gostaria de responder que, em sua opinião, o comissário era maluco de nascença. Mas não disse nada, ficou olhando para a janela.

— Agora eu lhe conto como foram as coisas — fez Montalbano. — Assim: naquela manhã, o despertador toca, a senhora se levanta e vai para o banheiro. Necessariamente, tem que passar pela porta do gabinete e vê que ela está fechada. Na hora, não dá muita importância, mas depois pensa melhor. E, quando sai do banheiro, abre aquela porta. Mas não creio que tenha entrado. Fica um instantinho na soleira, fecha, vai até a cozinha, passa a mão numa faca, guarda na bolsa, sai, toma o ônibus, desce em Cannatello, pega o que vem para Vigàta, volta à sua casa, abre a porta, vê o seu marido pronto para sair, discute com ele, seu marido abre a porta do elevador, que está no andar, porque a senhora acabou de voltar, a senhora vai atrás esfaqueia seu marido, ele dá uma meia-volta, cai, a senhora aciona o elevador, chega ao térreo e sai pelo portão. E ninguém a vê. Sua grande sorte foi essa.

— E por que eu faria isso? — perguntou ela, calmamente. E acrescentou, com uma ironia inacreditável, para o lugar e o momento: — Só porque o meu marido tinha fechado a porta do gabinete?

Sentado como estava, Montalbano inclinou-se a meio, cumprimentando-a com admiração.

— Não, minha senhora, pelo que estava atrás daquela porta fechada.

— E o que era?

— Karima. A amante do seu marido.

— Mas se o senhor mesmo acabou de dizer que eu não entrei!

— Não foi preciso, porque logo senti uma lufada de perfume, o mesmo que Karima usava abundantemente. Chama-se Volupté. É forte, persistente. Provavelmente a senhora já havia sentido esse perfume algumas vezes, impregnado nas roupas do seu marido. Horas mais tarde, quando eu entrei, depois que a senhora voltou, ele ainda pairava no gabinete, embora um pouco mais suave.

A viúva Lapècora ficou em silêncio, recapitulando as palavras do comissário. Depois, perguntou:

— Me esclarece uma coisa?

— Tudo o que a senhora quiser.

— Em sua opinião, por que eu não entrei no gabinete e não matei em primeiro lugar aquela mulher?

— Porque tem um cérebro preciso como um relógio suíço e veloz como um computador. Karima, ao ver abrirem a porta, teria ficado de orelha em pé, pronta para reagir. A senhora seria desarmada pelo seu marido, alertado pelos gritos e ajudado por Karima. Mas, fingindo não ter visto nada, dali a pouco poderia flagrar os dois.

— E como explica, raciocinando pela sua cabeça, que só o meu marido tenha sido assassinado?

— Quando a senhora voltou, Karima já não estava lá.

— Desculpe, mas, se o senhor não estava presente, quem lhe contou essa história?

— Suas impressões digitais, na xícara e na faca.

— Na faca, não! — pulou ela.

— Por que na faca, não?

A viúva mordida o lábio.

— A xícara é minha, a faca, não.

— A faca também é sua, tem uma impressão digital sua. Claríssima.

— Mas não pode ser!

Fazio não tirava os olhos do seu superior. Sabia que na faca não havia impressão nenhuma, esse era o momento mais delicado da ratoeira.

— A senhora tem certeza de que não há nenhuma impressão digital porque esfaqueou o seu marido ainda usando as luvas que havia calçado, quando se aprontou toda para sair. Só que a impressão levantada não é daquela manhã, mas do dia anterior, quando, depois de usar a faca para limpar peixe, a senhora lavou-a e guardou-a na gaveta da cozinha. De fato, a impressão não está no cabo, mas na lâmina, justamente no ponto onde termina o cabo. E agora acompanhe Fazio, vamos tirar suas impressões digitais e comparar.

— Ele era um corno — soltou a viúva Lapècora —, e merecia a morte que teve. Levou aquela puta pra minha casa, pra se embolar com ela o dia inteiro na minha cama, enquanto eu estava fora.

— Está me dizendo que agiu por ciúme?

— E tem outro motivo?

— A senhora já não tinha recebido três cartas anônimas? Podia flagrar os dois no escritório da Ladeira Granet.

— Eu não faço essas coisas. O sangue me subiu à cabeça quando eu vi que ele tinha levado a puta pra minha casa.

— Eu acho que o sangue lhe subiu à cabeça alguns dias antes.

— Quando?

— Quando a senhora descobriu que seu marido havia retirado da conta bancária uma alta quantia.

Também desta vez, o comissário estava blefando. E deu certo.

— Duzentos milhões — disse a viúva, furiosa e desesperada. — Duzentos milhões praquela putona!

Eis de onde vinha uma parte do dinheiro na caderneta ao portador.

— Se eu não desse um basta, ele era capaz de queimar o escritório, a casa e o depósito!

— Vamos assinar o seu depoimento? Mas antes me diga uma coisa: o que foi que o seu marido lhe disse, quando viu a senhora de volta?

— Ele disse: “Não me encha o saco, eu preciso ir ao escritório”. Quem sabe teve uma discussão com a piranha, ela foi embora e ele estava correndo atrás.

— Chefe? Montalbano. É pra comunicar que acabei de conseguir que a viúva Lapècora confessasse o assassinato do marido.

— Meus parabéns. Por que ela fez isso?

— Interesse, que pretende camuflar alegando ciúme. Preciso lhe pedir um favor. Posso fazer uma rápida coletiva à imprensa?

Não houve resposta.

— Chefe? Perguntei se posso...

— Eu ouvi muito bem, Montalbano. Mas o espanto me tirou a fala. O senhor quer dar uma coletiva? Não posso acreditar!

— Pois é.

— Tudo bem, pode fazer. Mas depois me explique o que há por trás.

— O senhor afirma que há muito tempo a viúva Lapècora sabia da relação entre o marido e Karima? — perguntou o cunhado de Galluzzo, nos trajes de repórter da Televigàta.

— Sim. Através de pelo menos três cartas anônimas que o marido havia mandado.

Ninguém entendeu nada.

— O senhor está dizendo que foi o próprio Lapècora quem se denunciou? — perguntou outro repórter, atordoado.

— Sim. Porque Karima havia começado a chantageá-lo. Ele contava com uma reação da mulher, que o livrasse da situação em que estava metido. Mas a mulher não interveio. Nem o filho.

— E por que ele não recorreu à lei?

— Porque não queria provocar escândalo. Ao passo que, com a ajuda da mulher, esperava que a coisa ficasse no âmbito, como direi, familiar.

— E onde anda agora essa Karima?

— Não sabemos. Fugiu com o filho, um menino. Aliás, uma amiga dela, preocupada com o sumiço dos dois, até pediu que a Retelibera transmitisse uma foto deles. Mas, até agora, ninguém se apresentou.

Os repórteres agradeceram e foram embora. Montalbano sorriu, satisfeito. O primeiro quebra-cabeça havia sido perfeitamente resolvido, dentro do esquema determinado. Fahrid, Ahmed e a própria Aisha tinham ficado de fora. Com a imprensa, usando-a bem, o desenho do quebra-cabeça resultaria bem diferente.

Adiantado para o encontro com Valente, resolveu estacionar à frente do restaurante onde já estivera da outra vez. Traçou um *sauté di vongole* com farinha de rosca, uma porção abundante de *spaghetti in bianco con le vongole* e um rodovalho ao forno, com orégano e limão caramelado. Completou com uma forminha de chocolate amargo ao molho de laranja. Por fim levantou-se, foi à cozinha e, comovido, apertou a mão do cozinheiro, sem dizer uma palavra. No carro, dirigindo-se ao gabinete de Valente, cantou a bandeiras despregadas. “*No balanço do twist, no balanço do twist...*”

Valente acomodou Montalbano numa sala ao lado da sua.

— É uma coisa que já fizemos outras vezes — disse. — Deixamos a porta semiaberta e você, com este espelhinho, vai dando um jeito de ver o que acontece no meu gabinete, se não for suficiente escutar.

— Olho vivo, Valente, que é uma questão de segundos.

— Deixe comigo.

O comendador Spadaccia entrou no gabinete de Valente e logo se viu que estava nervoso.

— Queira desculpar, doutor Valente, mas não estou entendendo. O senhor podia muito bem ir à sede do governo, e me pouparia tempo. Tenho muito o que fazer, sabia?

— Me perdoe, comendador — fez Valente, com asquerosa humildade. — Tem toda a razão. Mas vamos resolver logo isso, em menos de cinco minutos. Um simples esclarecimento.

— Pergunte.

— Da outra vez, o senhor me disse que o governador tinha sido, de algum modo, solicitado...

O comendador ergueu uma mão imperiosa, Valente calou-se de imediato.

— Se eu falei assim, me enganei. Sua Excelência não está ao par. Ademais, tratava-se de uma merdinha, dessas que acontecem às centenas por dia. De Roma, do Ministério, telefonaram para mim, eles não incomodam Sua Excelência por titicas dessa natureza.

Estava claro que o governador, depois de receber o telefonema do suposto jornalista do *Corriere*, pedira explicações ao seu chefe de gabinete. E devia ter sido um colóquio bem animadinho, cujo eco persistia nos termos fortes que o comendador estava adotando.

— Continue — solicitou Spadaccia.

Valente abriu os braços, uma auréola pairou sobre sua cabeça.

— Acabei — disse.

Intrigado, Spadaccia olhou ao redor, como para assegurar-se da realidade que o circundava.

— Está dizendo que não tem mais nada para me perguntar?

— Exatamente.

O tapa que Spadaccia deu na escrivaninha foi tão violento que até Montalbano estremeceu, na sala ao lado.

— Isto é uma sacanagem da qual o senhor ainda vai me prestar contas!

E levantou-se, esquentadíssimo. Montalbano, com os nervos tensos, correu à janela. Viu o comendador sair disparado pelo portão e dirigir-se ao seu carro, cujo motorista estava descendo para abrir-lhe a porta. Nesse exato momento, de uma viatura policial recém-chegada, saiu Angelo Prestià, repentinamente agarrado pelo braço por um agente. Spadaccia e o comandante do pesqueiro encontraram-se quase cara a cara. Não se disseram nada, cada um prosseguiu em seu caminho.

O relincho de alegria que vez por outra Montalbano soltava, quando as coisas saíam do seu agrado, aterrorizou Valente, o qual se precipitou para a sala ao lado.

— O que deu em você?

— Conseguimos! — disse Montalbano.

“Sente-se aqui”, ouviram um agente dizer. Prestià havia sido introduzido no gabinete.

Valente e Montalbano não se moveram; cada um acendeu um cigarro, e fumaram sem trocar uma palavra. Enquanto isso o capitão do *Santopadre* cozinhava em fogo baixo.

Entraram com uma cara de quem traz nuvens negras, amargas notícias. Valente foi sentar-se atrás da sua escrivaninha, Montalbano pegou uma cadeira e instalou-se ao lado dele.

— Quando é que acaba esta pentelhação? — atacou o comandante.

E não entendeu que, com essa atitude agressiva, revelava a Valente e Montalbano o pensamento que estava em sua cabeça: ou seja, ele tinha se convencido de que o comendador Spadaccia tinha ido até ali para atestar a verdade de suas palavras. Sentia-se tranquilo, portanto podia mostrar-se indignado.

Em cima da escrivaninha via-se uma pasta volumosa, sobre a qual haviam escrito, em letras garrafais, o nome de Angelo Prestià; volumosa porque cheia de velhas circulares, mas isso o comandante ignorava. Valente abriu-a e pegou o cartão de visita de Spadaccia.

— Isto foi você quem nos deu, confirma?

A passagem do “senhor” da outra vez para o policialesco “você” inquietou Prestià.

— Claro que confirmo. O comendador me deu, dizendo que, se eu tivesse alguma chateação depois da viagem com o tunisino, podia recorrer a ele. E foi o que eu fiz.

— Grande erro — fez Montalbano, como quem não quer nada.

— Mas se foi ele quem disse!

— Claro que ele disse, mas você, em vez de recorrer a ele assim que sentiu cheiro de queimado, nos entregou o cartão de visita. E assim meteu aquele cavalheiro numa encrenca.

— Encrenca? Que encrenca?

— Estar envolvido num homicídio premeditado não lhe parece uma belíssima de uma encrenca?

Prestià emudeceu.

— O meu colega Montalbano — interveio Valente — está lhe explicando o porquê das coisas terem ficado como ficaram.

— E como foi que ficaram as coisas?

— Ficaram que, se você tivesse recorrido diretamente a Spadaccia, sem nos entregar o cartão de visita, ele procuraria dar um jeito, na surdina, por baixo do pano. Mas você, ao nos dar o cartão, botou as autoridades no meio. Então, só restou a Spadaccia um caminho: negar tudo.

— O quê?!

— Sim, senhor. Spadaccia jamais viu a sua cara nem sabe seu nome. Deixou aqui uma declaração que já está incluída nos autos.

— Que filho da puta! — fez Prestià, e perguntou: — E como é que ele explica o cartão de visita comigo?

Montalbano soltou uma gargalhada.

— Até nisso ele lhe fez barba, cabelo e bigode — disse. — Trouxe a fotocópia de uma queixa registrada uns dez dias atrás na chefatura de Trapani: roubaram a carteira dele, e dentro, entre outras coisas, havia cartões de visita, uns quatro ou cinco, ele não lembra exatamente quantos.

— Jogou você aos tubarões — disse Valente.

— E a água é bem fundinha — acrescentou Montalbano.

— Até quando você vai conseguir boiar? — reforçou Valente.

O suor desenhou largas manchas sob as axilas de Prestià. O gabinete foi invadido por um desagradável cheiro de almíscar e alho, que Montalbano definiu como de cor verde-podre. Prestià botou a cabeça entre as mãos e murmurou:

— Me federam.

Continuou um tempinho naquela posição e depois se resolveu:

— Posso falar com o advogado?

— Advogado?! — fez Valente, espantadíssimo.

— Pra que você quer advogado? — perguntou Montalbano, por sua vez.

— Achei que...

— O que foi que você achou?

— Que nós íamos prender você?

A dupla funcionava à perfeição.

— Não vão me prender?

— Mas nem pensar.

— Pode ir, se quiser.

Prestià levou cinco minutos para conseguir descolar a bunda da cadeira e, literalmente, dar no pé.

— E agora, o que acontece? — perguntou Valente, que sabia ter desencadeado uma confusão.

— Acontece que Prestià vai encher o saco de Spadaccia. E o próximo movimento caberá a eles.

Valente fez uma cara preocupada.

— O que foi?

— Não sei... não estou convencido... Tenho medo de que calem a boca de Prestià. E a responsabilidade seria nossa.

— Agora, Prestià está muito em primeiro plano. Sumir com ele seria como assinar toda a operação. Não, eu tenho certeza que vão calar a boca dele, mas de

outro jeito, pagando muitíssimo bem.

— Dá pra me explicar uma coisa?

— Claro.

— Por que você está se metendo tanto nesta história?

— E você, por que se mete junto comigo?

— A primeira razão é que eu sou tira como você, a segunda é que me divirto.

— E eu respondo: minha primeira razão coincide com a sua. A segunda é: faço isso com o objetivo de lucro.

— E o que você quer ganhar?

— O meu ganho eu já sei, está bem claro na minha cabeça. Mas quer apostar que você também vai lucrar alguma coisa?

Decidido a não ceder à tentação, Montalbano passou disparado, a cento e vinte por hora, diante do restaurante no qual tinha se empanturrado no almoço. Depois de meio quilômetro, porém, a decisão evaporou-se de repente e ele freou, provocando uma buzinação furiosa do carro que vinha atrás. Na ultrapassagem, o homem que estava ao volante olhou-o enraivecido e lhe acenou com o sinal de corno. Depois de fazer um retorno em “u”, proibidíssimo naquele trecho, Montalbano foi diretamente à cozinha e perguntou ao cozinheiro, sem sequer cumprimentá-lo:

— E salmonete, como é que o senhor prepara?

Capítulo XVII

Na manhã seguinte, as oito em ponto, o comissário apresentou-se ao chefe de polícia, que desde as sete, como era seu hábito, já se encontrava no gabinete, em meio às reclamações choramingantes das mulheres da limpeza, que assim se viam impedidas de fazer o trabalho.

Montalbano relatou a confissão da viúva Lapècora e contou que o infeliz assassinado, quase como se quisesse evitar o trágico fim, tinha escrito anonimamente à mulher e claramente ao filho, mas os dois não deram a mínima. Não falou nem de Fahrid nem de Moussa, ou seja, do quebra-cabeça maior. Não queria que o chefe, já no fim da carreira, viesse a precisar se envolver num enredo que fedia mais do que cocô.

Até aí, saiu-se bem, sem precisar mentir, limitando-se a omitir certas coisas, contando meia verdade.

— Mas por que dar uma coletiva à imprensa, logo o senhor, que geralmente foge delas como da peste?

Tendo previsto essa pergunta, o comissário estava preparado para a resposta, a qual, pelo menos em parte, envolvia não uma mentira, mas outra omissão.

— Essa Karima era um tipo singular de prostituta. Não andava só com Lapècora, mas com outras pessoas. Todos homens de idade avançada, aposentados, comerciantes, professores. Circunscrevendo o episódio, eu procurei evitar que espalhassem fofocas, insinuações, sobre uns coitados que, no fundo, não estavam fazendo mal a ninguém.

Estava convencido de que a explicação era plausível. E, de fato o chefe fez só um comentário:

— Sua moral é bem estranha, Montalbano.

E depois, perguntou:

— Mas essa Karima desapareceu mesmo?

— Tudo indica que sim. Quando soube do assassinato do amante, fugiu com o filho, temendo ser envolvida no crime.

— Então — fez o chefe —, o que era aquela história do carro?

— Qual?

— Ora, Montalbano, o carro que afinal pertence ao serviço secreto, como soubemos depois. Essa gente é perigosa, sabia?

Montalbano riu. Havia ensaiado a risada na véspera, diante do espelho, e tinha insistido até achar que funcionava. Agora, no entanto, contrariamente à sua expectativa, ela soava falsa, muito estudada. Mas, se queria manter fora de toda a história o seu superior, um cavalheiro, não havia jeito: precisava contar uma mentirinha.

— Por que o senhor está rindo? — perguntou o chefe, surpreso.

— De tão embaraçado, acredite. A pessoa que me deu a placa me telefonou no dia seguinte para dizer que estava enganada. As letras eram aquelas mesmas, mas o número não era 237, e sim 837. Estou chateado, me desculpe.

O chefe de polícia olhou-o nos olhos, por um tempo que ao comissário pareceu eterno. Depois, falou, em voz baixa:

— Se o senhor quer que eu engula essa, eu engulo. Mas cuidado, Montalbano. Essa gente não é de brincadeira. Eles são capazes de tudo, e depois, quando a coisa foi grossa mesmo, atribuem a culpa aos seus colegas clandestinos. Que não existem. Os clandestinos são sempre eles, por natureza e constituição.

Montalbano não soube o que dizer. O chefe mudou de assunto.

— Hoje à noite o senhor vai jantar comigo. Não admito desculpas. Comeremos o que houver. Preciso de qualquer maneira dizer-lhe duas coisas. Não as digo aqui, no meu gabinete, porque ganhariam um sabor burocrático que não me agrada.

O dia estava bonito, não passava uma nuvem sequer, e no entanto Montalbano teve a impressão de que uma sombra tinha atravessado na frente do sol, esfriando repentinamente a temperatura da sala.

Na escrivaninha do gabinete havia uma carta endereçada ele. Como sempre fazia, tentou descobrir a origem pelo carimbo de postagem, mas não conseguiu, estava indecifrável. Abriu o envelope e leu.

Doutor Montalbano,

O senhor não me conhecesse pessoalmente e eu não conheço o senhor do mesmo jeito. Eu me chamo Arcangelo Prestifilippo e sou o sócio do seu pai na popriedade vinícola que agradeceno a Deus vai muito bem e rendeno. O seu pai não fala nunca do senhor mais eu descobri que na casa dele tem todos os jornais escreveria sobre o senhor e também quando ele ver o senhor alguma vez na televisão comessa a chorar mais não deicha a gente ver.

Presado doutor o meu corassão me dói porque a notissia que vou k dar nestas linhas não é boa. Desde quando dona Giulia a segunda mulher do seu

pai subiu para o Céu quatro anos atrais o meu sócio e meu amigo nunca mais foi o mesmo. Depois no ano passado comessou a se sentir mal, ficava sem fôlego bastava subir uma escada e a cabeça rodano. Não queria ir ao médico não teve jeito. Então eu aproveitaria que aqui na terrinha apareceu o meu filho que trabalha em Milão e é médico bom. Levei ele na casa do seu pai. O meu filho examinou e falou grosso, queria que o seu pai se enternasse. Tanto disse e tanto fez que conseguiu deichar o seu pai no ospital antes de voltar para Milão. Depois de dez dias que eu ia toda noite visitar o médico me disse que eles tinham feito os ezames todos e que o seu pai estava com aquela doenssa orrivel nos pumões. E comessou o entra e sai do seu pai no ospital que estavam fazeno o tratamento que ele perdeu todos os cabelos mas melhora que é bom nenhuma. Ele me proibiu com todas as letras de le contar isso, disse que não queria o senhor preocupado. Mas ontem de noite eu tive uma conversa com o médico e ele me disse que o seu pai esta nas últimas, restando no mássimo um mês, um dia mais um dia menos. E eu apesar da proibissão abissoluta do seu pai achei que precisava contar para o senhor como estão as coisas. O seu pai esta enternado na clínica Porticelli, o numero do telefone é 341234. Tem telefone no quarto. Mas tal vez seja melhor o senhor vim visitar ele pessoalmente fingino que não sabe nada da doenssa. O meu numero de telefone o senhor tem, sendo o mesmo da popriedade vinícola que eu trabalho todo santo dia.

Saudassões e lamento muito.

ARCANGELO PRESTIFILIPPO

Um leve tremor nas mãos quase o impediu de repor a carta no envelope e de guardá-la no bolso. Veio-lhe um profundo cansaço, que o obrigou a reclinar-se, olhos fechados, no encosto da cadeira. Respirar ficou difícil, a sala parecia não ter ar. Montalbano levantou-se a custo e entrou na sala de Augello.

— O que foi? — perguntou Mimì, ao ver a cara dele.

— Nada. Escuta, eu tenho uma coisa pra fazer, ou melhor, preciso ficar um pouco em paz, e sozinho.

— Posso ajudar?

— Pode. Cuide de tudo. Amanhã a gente se vê. Não deixe ninguém me procurar em casa.

Saiu, passou pela bodega de tira-gostos, comprou um cartucho consistente e iniciou sua caminhada pelo quebra-mar. Mil pensamentos vinham à sua mente, mas ele não conseguia se concentrar em nenhum. Chegado ao farol, não se

deteve. Bem ali embaixo havia um grande rochedo, coberto por uma gosma verde, escorregadia. Arriscando-se a cada passo a cair no mar, conseguiu alcançá-lo e sentou-se, cartucho na mão. Mas não o abriu, sentia uma espécie de vaga subir de alguma parte do corpo até o peito e dali chegar à garganta, formando um nó que o sufocava, deixava-o sem fôlego. Sentia necessidade de chorar, mas o choro não vinha. Depois, na confusão dos pensamentos que lhe cruzavam o cérebro, vieram algumas palavras mais nítidas, até chegarem a compor um verso:

“Pai, que morres um pouco todo dia...”

O que era? Um poema? E de quem? Quando o havia lido? Ele repetiu o verso, baixinho:

“Pai, que morres um pouco todo dia...”

E, finalmente, da garganta até àquele momento fechada, trancada, brotou o grito, ou melhor, mais que um grito, um alto lamento de animal ferido, ao qual, imediatas, seguiram-se as lágrimas, incontrolláveis e liberadoras.

Quando, no ano anterior, foi alvejado num confronto armado e ficou internado no hospital, Livia contou que o pai dele telefonava diariamente. O velho tinha vindo visitá-lo somente uma vez, quando ele já convalescia. Portanto, já devia estar doente. A Montalbano, parecera ligeiramente mais magro, e só. Aliás, estava até mais elegante do que o habitual, sempre gostou de vestir-se bem. Naquela ocasião, perguntara ao filho se precisava de alguma coisa: “Eu posso”, dissera.

Quando teria acontecido o silencioso distanciamento entre ele e o seu pai? O velho, e isto Montalbano não podia negar, sempre foi solícito e afetuoso. Tinha feito tudo para que a morte da mãe pesasse o menos possível ao menino. Durante a adolescência, nas vezes — poucas, felizmente — em que ele havia caído doente, o pai não tinha ido trabalhar para não o deixar sozinho. Então, o que não tinha funcionado? Talvez tivesse ocorrido entre os dois uma quase total falta de comunicação, eles não conseguiam nunca encontrar as palavras certas para expressar reciprocamente os próprios sentimentos. Muitas vezes, ainda bem jovem, Montalbano pensara: “Meu pai é um homem fechado”. E, provavelmente — mas só agora, sentado em cima de um rochedo, entendia —, o pai havia pensado a mesma coisa sobre ele. Mas mostrara uma grande delicadeza de sentimentos: para se casar de novo, havia esperado que o filho se formasse e ganhasse o concurso. Porém, quando o pai tinha trazido a nova mulher para casa,

Montalbano havia ficado irracionalmente ofendido. Entre os dois ergueu-se uma parede: de vidro, é certo, mas sempre parede. E, assim, os encontros haviam-se reduzido progressivamente a uma ou duas vezes por ano. Em geral, o pai chegava com algumas caixas de vinhos produzidos em sua propriedade, não ficava nem um dia inteiro e ia embora. Montalbano achava o vinho ótimo e, orgulhosamente, oferecia-o aos amigos, dizendo que era da produção do seu pai. Mas a ele, ao pai mesmo, algum dia tinha dito que o vinho era ótimo? Escarafunchou a memória: nunca. Do mesmo modo, o pai guardava os jornais que falavam dele, ou se emocionava quando o via na tevê; mas, pelo sucesso de alguma investigação, jamais lhe deu os parabéns pessoalmente.

Montalbano ficou no rochedo durante mais de duas horas e, quando se levantou para voltar, havia tomado uma decisão. Não iria visitar o pai. Vendo-o, este certamente compreenderia a gravidade da doença, seria pior. Além disso, ele não sabia até que ponto o velho gostaria de sua presença. Para completar, Montalbano sentia pavor e horror de moribundos. Não tinha certeza de poder suportar o horror e o pavor de ver seu pai morrendo: na hora decisiva, acabaria fugindo.

Chegou a Marinella sentindo ainda um cansaço áspero e pesado. Despiu-se, vestiu o calção e entrou no mar. Nadou até começar a sentir câimbras. Voltou para casa e deu-se conta de que não estava em condições de ir jantar com o chefe de polícia.

— Alô? Aqui é Montalbano. Lamento, mas...

— Não vai poder vir?

— Não, estou sem graça.

— Trabalho?

Por que não falar a verdade?

— Não, chefe. Recebi uma carta sobre o meu pai. Me informaram que ele está morrendo.

Durante alguns segundos, o chefe não disse nada, e o comissário escutou distintamente quando ele deu um longo suspiro.

— Escute, Montalbano, se o senhor quiser ir visitá-lo, inclusive por um certo tempo, pode ir, não se preocupe, eu acharei um modo de substituí-lo temporariamente.

— Não, eu não vou. Agradeço.

Também desta vez o chefe não falou, certamente impressionado pelas palavras do comissário; mas, como era uma pessoa de educação à antiga, não voltou ao assunto.

— Montalbano, estou constrangido.

— Por favor, não fique assim comigo.

— Lembra que eu iria lhe dizer duas coisas, no jantar?

— Certo.

— Vou dizê-las por telefone, embora essa maneira, como eu disse, não me deixe à vontade. E talvez nem seja este o momento mais oportuno, mas temo que o senhor fique sabendo por outros, não sei, pelos jornais... Certamente o senhor não sabe, mas eu, há quase um ano, havia solicitado que me pusessem em disponibilidade.

— Ah, meu Deus, não me diga que...

— Sim, eles concordaram.

— Mas por que o senhor quer parar?

— Porque não me vejo mais em sintonia com o mundo e porque me sinto cansado. Imagine que ainda chamo de Sisal^[10] aquele jogo de apostas sobre os resultados do futebol.

O comissário não entendeu.

— Desculpe, mas não peguei a coisa.

— Como é que o senhor o chama?

— Totocalcio.

— Viu? Essa é a diferença. Algum tempo atrás um jornalista acusou Montanelli de antiquado e, para provar sua tese, afirmou que Montanelli ainda chamava esse jogo de Sisal, como há trinta anos.

— Mas isso não significa nada! É só uma tirada, supostamente de humor!

— Significa, Montalbano, significa. Significa ancorar-se inconscientemente no passado, não querer ver certas mudanças, e até recusá-las. Por outro lado, só me falta um ano para a aposentadoria. Ainda tenho a casa dos meus pais em La Spezia, estou fazendo uma reforma nela. Se quiser, quando for a Gênova para ver a senhorita Livia, o senhor poderá aparecer por lá.

— E quando é que...

— Que eu saio? Que dia é hoje?

— Doze de maio.

— Oficialmente, deixo o cargo em dez de agosto.

O chefe de polícia pigarreou, e o comissário compreendeu que agora viria a segunda coisa, talvez mais difícil de dizer.

— Quanto ao outro assunto...

Claramente, ele hesitava. Montalbano procurou ajudá-lo.

— Pior do que esse de que o senhor acaba de falar, não pode haver.

— É sobre sua promoção.

— Não!

— Montalbano, me ouça. Sua posição não é mais defensável. E leve também em conta que, sendo posto em disponibilidade, eu fico, digamos assim, contratualmente débil. Devo propor sua promoção, e não haverá obstáculos.

— Eu vou ser transferido?

— Noventa e nove por cento de certeza. Considere que, se eu não propusesse o seu nome, com todos os sucessos que o senhor tem obtido, o fato poderia ser interpretado negativamente no Ministério, e o senhor acabaria sendo transferido de qualquer jeito, e sem promoção. Não lhe seria útil um aumento?

O cérebro do comissário girava a todo o vapor, a ponto de fumegar, em busca de uma possível solução. Finalmente, vislumbrou uma, e Montalbano agarrou-se a ela.

— E se eu, a partir de agora, não prendesse mais ninguém?

— Não percebi.

— Digo: e se eu começar a fingir que não resolvo mais nada, se não investigar como deveria, se deixar escapar...

— ... cretinices, o senhor está deixando escapar tolices. Não consigo entender: a cada vez que falo de promoção, o senhor começa imediatamente a regredir, a raciocinar como criança.

Montalbano passou mais uma hora zanzando pela casa, ajeitando os livros, limpando os vidros das cinco gravuras que possuía, coisa que Adelina não fazia nunca. Não ligou a televisão. Olhou o relógio: eram quase dez da noite. Pegou o carro e seguiu para Montelusa. Nos três cinemas estavam passando *As afinidades eletivas*, dos irmãos Taviani, *Beleza roubada*, de Bertolucci, e um filme do Pateta. Sem a menor hesitação, escolheu o desenho animado. Na sala, não havia um único espectador. Ele voltou à bilheteria.

— Mas não tem ninguém!

— Tem o senhor. Queria o quê, companhia? É tarde, a esta hora as crianças já foram dormir. Acordado, só o senhor.

Montalbano divertiu-se tanto que, a certa altura, viu-se às gargalhadas na sala vazia.

Chega um momento — pensou — em que uma pessoa percebe que a sua vida mudou. Mas quando isso aconteceu? — pergunta-se. E não acha resposta: fatos

imperceptíveis se foram acumulando, até determinarem a reviravolta. Ou, talvez, fatos bem visíveis, cujo alcance, cujas consequências, no entanto, a pessoa não calculou. Não adianta perguntar e voltar a perguntar, a resposta àquele “quando” não lhe ocorre. Também, como se isso tivesse importância! Mas ele, Montalbano, não: ele saberia responder com precisão a essa pergunta. Foi exatamente no dia doze de maio que a minha vida mudou, diria.

Ao lado da porta de entrada do bangalô, Montalbano tinha mandado instalar um lampiãozinho que se acendia automaticamente, quando chegava a noite. Foi àquela luz que, da provincial, ele viu um automóvel estacionado no larguinho à frente da casa. Pegou a ruazinha que levava ao bangalô e estacionou a poucos centímetros do outro carro. Como esperava, era uma BMW cinza-metálico. A placa, AM 237 GW. Mas não se via ninguém, o homem que a trouxera certamente se escondera nas imediações. Montalbano decidiu que o melhor seria aparentar indiferença. Saiu do carro assoviando, fechou-o, e só então viu que alguém o aguardava. Não notara antes porque o homem estava de pé, do outro lado da BMW, mas era tão baixinho que não chegava a ultrapassar o teto. Praticamente um anão, ou pouco mais. Corretamente vestido, óculos com armação de ouro.

— O senhor demorou — fez o homenzinho, adiantando-se.

Montalbano, com o chaveiro na mão, dirigiu-se para a porta. O quase anão se interpôs, brandindo uma espécie de carteirinha.

— Meus documentos — disse.

O comissário afastou a mãozinha que segurava a carteirinha, abriu a casa e entrou. O outro foi atrás.

— Sou o coronel Lohengrin Pera — apresentou-se o bibelô.

O comissário deteve-se de repente, como se lhe tivessem metido uma faca nas costas. Virou-se devagar e esquadrinhou o coronel. Certamente os pais haviam dado aquele nome ao filho para compensá-lo de algum modo pela estatura e pelo sobrenome^[11]. Montalbano ficou fascinado pelos sapatinhos do coronel: este, certamente, mandava fazê-los sob medida, porque não se enquadravam nem mesmo nos calçados de “sub-homem”, como os chamavam os sapateiros. No entanto, haviam-no recrutado, e portanto, embora a custo, ele devia ter a altura necessária. Mas os olhos, por trás das lentes, eram vivos, atentos, perigosos. Montalbano teve a certeza de estar diante do cérebro da operação Moussa. Foi à cozinha, sempre seguido pelo coronel, botou para esquentar no forno as trilhas *al sugo* que Adelina havia preparado e, sempre sem abrir a boca, começou a arrumar a mesa, sobre a qual havia deixado um livro de

setecentas páginas, que ele, atraído pelo título, *Metafísica do ser parcial*, havia comprado num sebo e jamais abriu. Pegou-o, foi até a estante e, soerguendo-se na ponta dos pés, encaixou-o na prateleira, enquanto apertava a tecla da minicâmera. Como se obedecesse a uma claquete, o coronel Lohengrin Pera sentou-se na cadeira certa.

Capítulo XVIII

Montalbano gastou uma boa meia hora comendo as trilhas, tanto por querer saboreá-las como mereciam quanto para dar ao coronel a impressão de que cagava solenemente para o que este pretendia lhe dizer. Não ofereceu sequer um copo de vinho, comportava-se como se estivesse só, a ponto de, a certa altura, soltar um ruidoso arroteio. Lohengrin Pera, por sua vez, sentadinho estava e sentadinho permaneceu, sem se mexer, limitando-se a olhar fixamente o comissário com seus olhinhos viperinos. Só depois que Montalbano tomou uma xícara de café foi que o coronel começou a falar.

— O senhor certamente compreendeu por que eu vim procurá-lo.

O comissário levantou-se, foi à cozinha, botou a xícara na pia e voltou.

— Estou jogando com cartas não marcadas — só então prosseguiu o coronel.

— Com o senhor, talvez seja essa a melhor maneira. Por isso eu quis usar aquele carro de cujo proprietário o senhor, por duas vezes, pediu os dados.

E puxou do bolso duas folhas de papel, que Montalbano reconheceu como os faxes que tinha enviado ao Departamento de Trânsito.

— Só que o senhor já devia saber de quem era a propriedade desse carro, seguramente o seu chefe de polícia lhe informou que se tratava de uma placa blindada. Então, se mesmo assim nos mandou estes faxes, entendo que com eles pretendia significar outra coisa não um simples pedido de informações, ainda que ingênuo. Concluí portanto, e me corrija se eu estiver enganado, que o senhor, por razões suas, desejava que nós viéssemos a descoberto. E aqui estou fizemos a sua vontade.

— Dá licença um momentinho? — perguntou Montalbano.

Sem esperar resposta, levantou-se, saiu, foi até a cozinha e voltou com um prato sobre o qual havia um enorme pedaço, muito congelado, de *cassata* siciliana. Com santa paciência, o coronel se dispôs a aguardar que ele comesse a sobremesa.

— Pode continuar — fez cortesmente o comissário. — Não posso tomá-la assim, vou esperar que descongele um pouco.

— Antes de prosseguir — recomendou o coronel, que evidentemente possuía nervos de aço —, permita-me um esclarecimento. No segundo fax, o senhor menciona o homicídio de uma mulher chamada Aisha. Com essa morte nós não

temos nada a ver. Por certo, o que aconteceu foi um desgraçado acidente. Se houvesse necessidade de eliminá-la, nós teríamos feito isso logo.

— Não tenho a menor dúvida. E compreendi muitíssimo bem.

— Então, por que escreveu diferente no seu fax?

— Pra fazer vocês abrirem o jogo.

— Sei. O senhor leu os escritos e discursos de Mussolini?

— Não se enquadram nas minhas leituras prediletas.

— Em um de seus últimos escritos, Mussolini afirma que o povo deve ser tratado a bordão e cenoura, como os jumentos.

— Sempre original, Mussolini! Sabe de uma coisa?

— Diga.

— Essa mesma frase dizia meu avô, que era camponês, caipira, mas, não sendo Mussolini, ele se referia somente aos jumentos.

— Posso continuar na metáfora?

— Por favor!

— Seus faxes, o fato do senhor ter convencido seu colega Valente, de Mazàra, a interrogar o comandante do pesqueiro e o chefe de gabinete do governador, essas e outras coisas foram as suas bordoadas para nos fazer sair da toca.

— E a cenoura?

— Consiste nas suas declarações durante a coletiva à imprensa, após a detenção da senhora Lapècora pelo assassinato do marido. Ali, embora pudesse nos fazer aparecer à força, puxando-nos pelos cabelos, preferiu circunscrever cuidadosamente o crime nos limites do ciúme e da avidez. Mas era uma cenoura ameaçadora, pois dizia...

— Coronel, acho melhor deixar essa metáfora pra lá, estamos chegando à cenoura falante.

— Tudo bem. Com aquela coletiva, o senhor quis nos demonstrar que possuía outros elementos, os quais, no entanto, não queria revelar naquele momento. Certo?

O comissário estendeu uma colherinha até o sorvete, encheu-a, levou-a à boca.

— Ainda está duro — comunicou a Lohengrin Pera.

— O senhor é desanimador — comentou o coronel, mas prosseguiu. — Até mesmo para que eu continue a botar as cartas na mesa, poderia me dizer tudo o que sabe da história?

— Que história?

— A morte de Ahmed Moussa.

Estava dando certo: Montalbano conseguira fazê-lo dizer abertamente aquele nome, devidamente gravado na fita da minicâmera.

— Não.

— E por quê?

— Porque estou adorando a sua voz, ouvi-lo falar.

— Posso pedir um copo d'água?

Aparentemente, Lohengrin Pera estava perfeitamente calmo e controlado; mas, por dentro, com certeza já chegava ao ponto de ebulição. O pedido de água era um claro sinal disso.

— Vá pegar na cozinha.

Enquanto o coronel se arranjava com o copo e a garrafa, Montalbano, que o via de costas, notou um volume sob o paletó, à altura da nádega direita. Vai ver que o anão estava armado de uma pistola duas vezes maior do que ele? Decidiu ficar alerta, e puxou para perto uma faca afiadíssima, que usava para cortar pão.

— Vou ser explícito e breve — preambulou Lohengrin Pera, sentando-se e enxugando os lábios com um lençinho monogramado, do tamanho de um selo postal. — Pouco mais de dois anos atrás nossos colegas de Túnis pediram que colaborássemos numa operação delicada, relativa à neutralização de um terrorista perigoso, cujo nome o senhor acaba de ouvir.

— Queira desculpar — fez Montalbano —, mas meu vocabulário é curto. Por neutralizar o senhor entende eliminação física?

— Chame como quiser. Naturalmente, consultamos os nossos superiores, e a ordem foi de não colaborar. Só que, menos de um mês depois, nós nos vimos na desagradabilíssima situação de precisar solicitar ajuda aos nossos amigos de Túnis.

— Que coincidência! — exclamou Montalbano.

— Pois é. Eles nos deram a ajuda pedida, sem discutir, e assim nos vimos com uma dívida moral...

— Não! — gritou Montalbano.

Lohengrin Pera teve um sobressalto.

— O que foi?

— O senhor disse: moral — fez Montalbano.

— Como queira, digamos somente uma dívida, sem adjetivos, está bem assim? Desculpe, mas, antes de continuar, preciso dar um telefonema, já ia esquecendo.

— À vontade — fez o comissário, apontando o telefone.

— Obrigado. Eu tenho celular.

Lohengrin Pera não estava armado, o volume sobre a nádega era o aparelho. Ele discou o número de um jeito que Montalbano não pudesse ver.

— Alô? Aqui é Pera. Tudo bem, estamos conversando.

Desligou o celular e deixou-o sobre a mesa.

— Nossos colegas de Túnis haviam descoberto que, fazia anos, a irmã predileta de Ahmed, Karima, vivia na Sicília e, por seu trabalho, mantinha um vasto círculo de conhecimentos.

— Vasto, não — corrigiu Montalbano. — Selecionado, sim. Era uma puta de respeito, inspirava confiança.

— O braço direito de Ahmed, Fahrid, propôs ao seu líder a abertura de uma base operativa na Sicília, servindo-se justamente de Karima. Ahmed confiava bastante em Fahrid, ignorando totalmente que o seu braço direito havia sido comprado pelo serviço secreto tunisino. Discretamente auxiliado por nós, Fahrid chegou e fez contato com Karima, a qual, após uma cuidadosa análise de seus clientes, escolheu Lapècora. Talvez com a ameaça de revelar a relação à mulher dele, Karima obrigou Lapècora a reativar a velha firma de importação e exportação, que se revelou uma ótima cobertura. Fahrid podia se comunicar com Ahmed escrevendo cartas comerciais, em código, a uma empresa-fantasma de Túnis. A propósito, na coletiva o senhor disse que, a certa altura, Lapècora escreveu anonimamente à mulher dele, denunciando o cacho. Por quê?

— Porque havia farejado a sujeira que existia naquilo tudo.

— Acha que ele desconfiou da verdade?

— De jeito nenhum! No máximo, terá pensado em tráfico de drogas. Se descobrisse que estava no meio de uma trama internacional, teria sido morto na hora.

— Também acho. Durante algum tempo, a nossa tarefa foi segurar a impaciência tunisina, mas queríamos ter certeza de que, jogado o anzol, o peixe iria morder a isca.

— E quem era o rapaz louro que de vez em quando circulava com Fahrid?

O coronel olhou-o com admiração.

— O senhor sabe disso também? Um homem nosso, que volta e meia ia conferir como andavam as coisas.

— E aproveitava pra comer Karima.

— Coisas que acontecem. Finalmente, Fahrid convenceu Ahmed a vir à Itália, acenando com a possibilidade de contratar uma grande carga de armas. Sempre com a nossa invisível proteção, Ahmed Moussa chegou a Mazàra, seguindo as instruções de Fahrid. O comandante do pesqueiro, sob pressões do chefe de gabinete do governador, aquiesceu em embarcar Ahmed, visto que o encontro entre este e o fictício traficante de armas deveria ocorrer em alto-mar. Ahmed Moussa caiu na rede sem a mínima suspeita, chegou até a acender um

cigarro, conforme as instruções que recebera, para ser bem identificado. Mas o comendador Spadaccia, o chefe de gabinete, havia cometido um grande erro.

— Não tinha avisado ao comandante que não se tratava de um encontro clandestino, mas de uma emboscada — disse Montalbano.

— É, também podemos chamar assim. O comandante, como lhe tinham dito para fazer, jogou na água os documentos de Ahmed e dividiu com a tripulação os setenta milhões que ele levava no bolso. Depois, em vez de retornar a Mazàra, mudou de rota, com medo de nós.

— Como assim?

— Veja bem, nós havíamos afastado nossas patrulhas do local da ação, e isso o comandante sabia. Ele deve ter pensado: se as coisas estão assim, é possível que na rota de retorno eu encontre algo, um torpedo, uma mina, até mesmo uma patrulha, que me afunda e dá sumiço nos vestígios da operação. Então veio para Vigàta, embaralhando as cartas.

— E ele estava certo?

— Em que sentido?

— Tinha alguma coisa esperando o pescueiro?

— Ora, Montalbano! Teríamos feito uma carnificina inútil!

— Vocês só fazem carnificinas úteis, não é mesmo? E como pensavam obter o silêncio da tripulação?

— Com bordão e cenoura, para citar novamente um autor de quem o senhor não gosta. De qualquer modo, tudo o que havia para ser dito eu já disse.

— Ah, não — discordou Montalbano.

— Como, não?

— Não é tudo. O senhor, habilmente, me levou a alto-mar, mas eu não esqueci os que ficaram em terra. Por exemplo, Fahrid. Este, por algum informante, fica sabendo que Ahmed foi morto, mas o pescueiro, inexplicavelmente para ele, está atracado em Vigàta. Isso o deixa perturbado. De qualquer forma, ele deve executar a segunda parte de sua tarefa. Ou seja, neutralizar, como dizem vocês, Lapècora. Ao chegar ao prédio deste, descobre, com espanto e inquietação, que alguém o precedeu. E aí se encagaça.

— Como disse?

— Se apavora, não entende mais nada. Assim como o comandante do pescueiro, teme que vocês estejam por trás. Fica achando que vocês começaram a tirar de circulação todos os que, de um modo ou de outro, estão implicados na história. Talvez, por um instante, tenha imaginado que Karima foi quem descartou Lapècora. Não sei se o senhor sabe, mas Karima, por ordem de Fahrid, tinha obrigado Lapècora a escondê-la em casa, Fahrid não queria que, naquelas horas decisivas, Lapècora fizesse alguma coisa que pudesse atrapalhar. Mas

Fahrid ignorava que Karima, cumprida a sua parte, já tinha voltado para casa. Seja como for, a certa altura daquela manhã, Fahrid se encontra com Karima, e os dois devem ter tido uma discussão violenta, durante a qual ele revelou a ela a morte do irmão. Karima tentou fugir, não conseguiu e foi assassinada. De resto, seria assassinada de qualquer jeito, depois de algum tempo.

— Como eu tinha intuído — disse Lohengrin Pera —, o senhor entendeu tudo. Agora, peço-lhe que reflita: o senhor, como eu, é um fiel e devoto servidor do nosso Estado. Pois bem...

— Pode enfiar no cu — disse Montalbano, devagar.

— Não entendi.

— Vou repetir: o nosso Estado comum, pode enfiar no cu. Eu e o senhor temos concepções diametralmente opostas sobre o que significa ser servidor do Estado, praticamente servimos a dois estados diferentes. Portanto, faça o favor de não misturar o seu trabalho com o meu.

— Agora vai se meter a dom Quixote, Montalbano? Toda comunidade precisa de alguém para lavar as privadas. Mas isso não significa que quem lava as privadas não pertença à comunidade.

Montalbano sentia a raiva subindo, uma palavra a mais certamente sairia errada. Esticou a mão, puxou o prato de sorvete e começou a comer. Agora Lohengrin Pera já estava treinado e, quando Montalbano principiou a tomar o sorvete, não abriu a boca.

— Karima foi assassinada, confirma? — perguntou Montalbano, depois de algumas colheradas.

— Infelizmente, sim. Fahrid teve medo de que...

— Não me interessa o porquê. Só me interessa que ela tenha sido assassinada por delegação de um fiel servidor do Estado como o senhor. Que nome daria a este caso específico? Neutralização ou homicídio?

— Montalbano, não se pode, com a medida da moral comum...

— Coronel, eu já avisei: na minha presença, não empregue a palavra moral.

— Queria dizer que, certas vezes, a razão de Estado...

— Chega — fez Montalbano, que havia traçado o sorvete com quatro colheradas enfurecidas. Depois, de repente, deu um tapa na testa. — Mas que horas são?

O coronel olhou o relógio de pulso, pequenino e precioso, parecia um brinquedinho de criança.

— Já são duas.

— Como é que Fazio ainda não chegou? — perguntou Montalbano a si mesmo, fingindo-se preocupado. E acrescentou: — Preciso dar um telefonema.

Levantou-se, foi até o aparelho, que estava sobre a escrivaninha, a dois metros de distância, e falou alto, para que Lohengrin Pera escutasse tudo.

— Alô, Fazio? Montalbano.

Fazio, caindo de sono, demorou a responder.

— O que foi, doutor?

— Mas como, você se esqueceu daquela detenção?

— Que detenção? — quis saber Fazio, tomado de surpresa.

— A de Simone Fileccia.

Simone Fileccia tinha sido preso na véspera, justamente por Fazio. E, de fato, Fazio logo entendeu.

— O que é pra eu fazer?

— Venha pra cá, me pegue e a gente vai prender ele.

— Vou no meu carro?

— Não, é melhor um nosso.

— Estou indo.

— Espere.

O comissário cobriu o fone com a mão e virou-se para o coronel.

— Quanto tempo ainda vamos demorar?

— Depende do senhor — disse Lohengrin Pera.

— Digamos que você chegue daqui a uns vinte minutos — disse o comissário a Fazio. — Antes, não. Preciso concluir uma conversa com um amigo.

Desligou e voltou a sentar-se. O coronel sorriu.

— Se temos tão pouco tempo assim, me diga logo qual é o seu preço. E não se ofenda com a expressão.

— Eu custo pouco, pouquíssimo — disse Montalbano.

— Estou ouvindo.

— Só duas coisas. Quero que, no prazo de uma semana, vocês me achem o cadáver de Karima, mas de um jeito que seja inequivocamente identificável.

Uma pancada na cabeça teria deixado Lohengrin Pera menos abalado. Ele abriu e fechou a boquinha, agarrou-se com as mãozinhas às bordas da mesa, como se temesse cair da cadeira.

— Por quê? — conseguiu articular, com uma voz de bicho-da-seda.

— Assunto cá com os meus colhões — foi a robusta e lapidar resposta.

O coronel sacudiu a cabecinha da esquerda para a direita e vice-versa, parecia um boneco de corda.

— Não é possível.

— Por quê?

— Não sabemos onde ela foi... sepultada.

— E quem sabe?

— Fahrid.

— Fahrid foi neutralizado? Sabia que eu gostei dessa palavra?

— Não, mas voltou para a Tunísia.

— Então não há problema. Entre em contato com seus coleguinhas de Túnis.

— Não — disse com firmeza o anão. — Agora a partida acabou. Não temos o menor interesse em recomeçá-la com a localização de um cadáver. Não, não é possível. Peça o que quiser, mas isso não podemos conceder. Além do mais, não vejo o objetivo.

— Paciência — fez Montalbano, levantando-se. Automaticamente, Lohengrin Pera também se levantou. Mas não era do tipo que se rendia facilmente.

— Assim, só por curiosidade, poderia me informar seu segundo pedido?

— Claro. O chefe de polícia de Vigàta apresentou a proposta da minha promoção a subchefe...

— Não teremos a menor dificuldade em fazer com que seja aceita — fez o coronel, aliviado.

— E com que seja recusada?

Montalbano escutou, distintamente, o barulho do mundo de Lohengrin Pera a desmoronar e cair em pedaços em cima dele, e viu que o coronel se encolhia, como quem quer se proteger de uma explosão repentina.

— O senhor é totalmente louco — murmurou o coronel, sinceramente assustado.

— Só percebeu agora?

— Escute, o senhor faz o que quiser, mas eu não posso aceitar o seu pedido de achar o cadáver. Absolutamente.

— Vamos ver como ficou a gravação? — convidou Montalbano, gentilmente.

— Que gravação? — estranhou Lohengrin Pera.

Montalbano foi até a estante, ergueu-se na ponta dos pés, pegou a minicâmera e mostrou-a ao coronel.

— Cristo! — fez este, desabando numa cadeira. Estava suando. — Montalbano, em seu próprio interesse, eu lhe suplico.

Mas era serpente, e como serpente se comportou. Enquanto parecia estar implorando ao comissário que não cometesse uma tolice, sua mão se movera lentamente, agora estava perto do celular. Sabendo que sozinho não daria conta do recado, queria pedir reforços. Montalbano deixou-o aproximar-se a um centímetro do aparelho e deu um pulo. Com uma das mãos fez o celular voar longe da mesa e, com a outra, golpeou violentamente a cara do coronel.

Lohengrin Pera voou pela sala afora, bateu de costas na parede oposta e escorregou para o chão. Montalbano aproximou-se lentamente e, como já vira fazerem num filme de nazistas, esmigalhou com o salto do sapato os oclinhos caídos do coronel.

Capítulo XIX

E, já que havia começado, foi mais longe, pisoteando com força o celular, até parti-lo ao meio.

Concluiu a obra com o martelo que guardava na caixa de ferramentas. Depois aproximou-se do coronel, que continuava no chão, gemendo debilmente. Mal viu o comissário à sua frente, Lohengrin Pera protegeu a cara com os antebraços, como fazem as crianças.

— Chega, por caridade — implorou.

Que homem era aquele? Com um simples tapa e um pinguinto de sangue que lhe escorria do lábio partido, já se reduzia àquelas condições? O comissário agarrou-o pela gola do paletó, levantou-o e o botou sentado. Com mão trêmula, Lohengrin Pera enxugou o sangue com o lençinho monogramado, mas, assim que viu a mancha vermelha no tecido, fechou os olhos e quase desmaiou.

— É que... eu tenho... horror a sangue — gaguejou.

— Ao seu ou ao dos outros? — informou-se Montalbano.

Foi à cozinha, pegou uma garrafa de uísque pela metade, um copo, e colocou-os diante do coronel.

— Eu sou abstinente.

Montalbano, agora que tinha desafogado, sentia-se mais calmo.

Se o coronel — pensou — havia tentado telefonar para pedir ajuda, as pessoas que deveriam vir ajudá-lo certamente se encontravam nas vizinhanças, a poucos minutos da casa. Esse era o verdadeiro perigo. Ouviu a campainha da porta.

— Doutor? É Fazio.

Montalbano abriu um pouquinho a porta.

— Escuta, Fazio, preciso terminar a conversa com aquela pessoa de que falei. Fique no carro. Quando eu precisar, chamo. Mas preste atenção: aí por perto pode ter gente mal-intencionada. Detenha todo mundo que se aproximar da casa.

Fechou a porta e voltou a sentar-se diante de Lohengrin Pera, que parecia perdido em seu abatimento.

— Procure me entender agora, porque daqui a pouco você não vai conseguir entender mais nada.

— O que é que o senhor vai fazer comigo? — perguntou o coronel, amarelando.

— Nada de sangue, pode ficar sossegado. Você está nas minhas mãos, espero que tenha compreendido. Foi imbecil a ponto de escancarar tudo pra uma câmera. Se eu mando essa fita pra televisão, estoura uma confusão internacional do cacete, e você pode se preparar pra ir vender sanduichinhos numa beira de estrada. Mas, se me achar o corpo de Karima e conseguir botar areia na minha promoção, e não esqueça que eu quero as duas coisas juntas, dou-lhe minha palavra de honra como destruo a fita. Você não tem saída, tem que confiar. Fui claro?

Lohengrin Pera acenou que sim com a cabecinha e, naquele momento, o comissário percebeu que a faca havia desaparecido da mesa. O coronel devia tê-la apanhado enquanto ele falava com Fazio.

— Me esclareça uma curiosidade — disse Montalbano. — Que você saiba, existem vermes venenosos?

Pera olhou-o, interrogativo.

— No seu próprio interesse, entregue a faca que escondeu embaixo do paletó.

Sem dizer uma palavra, o coronel obedeceu, pondo a faca sobre a mesa. Montalbano destampou a garrafa de uísque, encheu o copo até a borda e estendeu-o a Lohengrin Pera, que se retraiu com uma careta de repugnância.

— Já disse que sou abstinente.

— Beba.

— Não posso, acredite.

Apertando-lhe as bochechas com dois dedos da mão esquerda, Montalbano obrigou-o a abrir a boquinha.

Depois de esperar no carro, morrendo de sono, por uns três quartos de hora, Fazio ouviu o comissário chamá-lo. Entrou na casa e de repente notou um anão embriagado, com a roupa toda vomitada. Apoiando-se ora numa cadeira, ora numa parede, já que não conseguia se manter de pé, o anão tentava cantar *Celeste Aida*. No chão, Fazio viu uns óculos e um celular esmigalhados; em cima da mesa, uma garrafa de uísque vazia, um copo também vazio, três ou quatro folhas de papel e documentos de identidade.

— Preste atenção, Fazio — fez o comissário. — Vou contar exatamente como aconteceram as coisas, pro caso de lhe fazerem perguntas. Por volta da meia-noite, eu estava voltando pra casa quando, justamente no começo da ruazinha que vem até aqui, dei com o carro deste senhor, uma BMW, me

barrando o caminho. Ele estava completamente bêbado. Eu trouxe o homenzinho pra casa, porque ele não estava em condições de dirigir. Nos bolsos não tinha documentos, nada. Depois de várias tentativas de fazer o porre dele passar, chamei você pra me ajudar.

— Claríssimo — disse Fazio.

— Agora, vamos fazer o seguinte. Você pega o carinha, ele pesa pouco, joga na BMW, senta ao volante e vai deixar numa cela de segurança. Eu vou atrás com a nossa viatura.

— E como é que o senhor volta pra casa?

— Você vai ter que me trazer, paciência. Amanhã de manhã, assim que a cabeça dele estiver funcionando, você solta.

Em casa, de volta, tirou a pistola do porta-luvas do seu carro, onde a guardava sempre, e meteu-a na cintura. Depois, com uma vassoura, recolheu os fragmentos do celular e dos óculos e embrulhou-os num jornal. Pegou a pazinha que Mimì havia dado a François e cavou dois buracos bem fundos, quase embaixo da varanda. Num deles botou o pacote e cobriu-o com areia; no outro, os papéis e documentos, reduzidos a pedacinhos. Ensopou-os de gasolina e pôs fogo. Quando se reduziram a cinzas, cobriu também esse buraco. O dia começava a clarear. Ele foi à cozinha, preparou um café forte e tomou-o. Depois fez a barba e entrou embaixo do chuveiro. Queria curtir a gravação completamente relaxado. Botou o cassete pequeno dentro do maior, como Nicolò ensinara, ligou a televisão e o vídeo. Depois de alguns segundos em que nada aparecia, levantou-se da poltrona e conferiu os aparelhos, certo de ter esquecido alguma ligação. Para essas coisas era completamente tapado, e também os computadores o apavoravam. Mais uma vez, nada. Tirou o cassete grande, abriu-o, olhou lá dentro. O cassete pequeno parecia mal-encaixado, empurrou-o um pouquinho. Botou tudo de volta no vídeo. Na tela, nem um pontinho de merda. Cristo santo, o que era, por que não funcionava? Enquanto se perguntava, gelou; veio-lhe uma dúvida. Correu ao telefone.

— Alô? — fez a voz do outro lado do fio, esticando as vogais com enorme cansaço.

— Nicolò? Montalbano.

— E quem mais podia ser, puta merda?

— Preciso lhe perguntar uma coisa.

— Mas você tem ideia de que porra de horas são?

— Desculpe, desculpe. Lembra da câmera que você me emprestou?

— E daí?

— Pra gravar, que tecla era pra apertar? A de cima ou a de baixo?
— A de cima, imbecil.
Havia errado a tecla.

Despiu-se novamente, vestiu o calção, entrou corajosamente na água gelada e foi nadar. Na hora em que, já cansado, começou a boiar, ocorreu-lhe que, no fundo, o fato de não ter gravado nada não era tão grave assim, o importante era que o coronel tivesse acreditado e continuasse acreditando. Ele saiu da água, entrou em casa, jogou-se na cama, molhado como estava, e adormeceu.

Acordou depois das nove, e teve a nítida percepção de que não conseguiria ir para o comissariado e recomeçar o trabalho de todos os dias. Decidiu avisar Mimì.

— Alô! Alô! Quem fala que tá falando?
— Catarè, sou eu, Montalbano.
— Vossenhoria o senhor de pessoa?
— Eu mesmo, de pessoa. Me passe o doutor Augello.
— Alô, Salvo. Onde você está?
— Em casa. Escuta, Mimì, não vou poder ir trabalhar.
— Doente?
— Não. Só que não estou em condições, nem hoje nem amanhã. Preciso de quatro ou cinco dias de descanso. Você me dá cobertura?
— Claro.
— Obrigado.
— Espere, não desligue.
— O que é?
— Estou preocupado, Salvo. Faz dois dias que você anda estranho. O que aconteceu? Não me deixe encucado.
— Mimì, eu apenas preciso descansar um pouquinho. Só isso.
— Aonde você vai?
— No momento, não sei. Depois te telefono.

Ao contrário, sabia muito bem aonde ir. Em Marinella, preparou a mala em cinco minutos, levou mais tempo escolhendo os livros para levar. Deixou um bilhete em letra de imprensa à empregada Adelina, avisando-a de que voltaria

dentro de uma semana. Ao chegar à *trattoria* de Mazàra, foi acolhido como um filho pródigo.

— Naquele dia me pareceu que vocês alugam quartos.

— É, tem cinco lá em cima. Mas tamos fora da estação, só um tá alugado.

Mostraram-lhe o quarto: amplo, luminoso, dando direto para o mar.

Ele se espreguiçou na cama, vazio de pensamentos mas sentindo-se tomado por uma feliz melancolia. Estava soltando as amarras para zarpar em direção ao “*country sleep*” quando ouviu baterem à porta.

— Pode entrar, está aberta.

Na solera apareceu o cozinheiro. Era um homenzarrão de notável tonelagem, uns quarenta anos, negro de olhos e de pele.

— Mas o que é isso? Não vai descer? Eu soube que o senhor chegou e preparei uma coisa que...

Ele nem conseguiu ouvir o que o cozinheiro lhe preparara, porque uma música suave e muito doce, uma música de paraíso, começou a soar em seus ouvidos.

Fazia uma hora que ele olhava uma canoa a se aproximar lentamente da margem. A bordo havia um homem que remava com movimentos bem ritmados e vigorosos. A embarcação também tinha sido avistada pelo proprietário da *trattoria*, pois Montalbano ouviu-o gritar:

— Luicì, o *cavaliere* tá voltando!

O comissário viu Luicino, dezesseis anos, filho do dono, entrar na água e puxar a canoa para a areia, para que o ocupante não molhasse os sapatos. O *cavaliere*, cujo nome Montalbano ainda ignorava, estava todo bem-vestido, gravata inclusive. Na cabeça, um panamá branco, com a faixa negra regulamentar.

— Pegou alguma coisa, *cavaliere*? — perguntou o proprietário.

— Só esta porcariazinha aqui.

Era um homem de quase setenta, seco, nervoso. Depois, Montalbano ouviu-lhe as passadas no quarto ao lado do seu.

— Arrumei aqui — disse o dono, assim que viu Montalbano comparecer para o jantar, e conduziu-o a uma saletinha onde só cabiam duas mesas. O comissário sentiu-se agradecido: a sala grande retumbava com as vozes e risadas de um grupo barulhento.

— Botei a mesa pra dois — prosseguiu o dono. — Tudo bem se o *cavaliere* Pintacuda comer com o senhor?

Tudo, tudo bem, não: ele sempre temia precisar falar enquanto estava comendo.

Pouco depois, o setentão magro e comprido se apresentou, com uma meia inclinação.

— Liborio Pintacuda, e não sou *cavaliere*. — Sentou-se e prosseguiu: — Devo avisá-lo de uma coisa, ainda que pareça grosseiro. Eu, quando falo, não como. Consequentemente, se como, não falo.

— Bem-vindo ao clube — respondeu Montalbano, dando um suspiro de alívio.

A massa ao molho de caranguejo tinha a graça de um bailarino de alta classe, mas a perca recheada com molho de açafrão deixou-o sem fôlego, quase assustado.

— O senhor acha que um milagre assim poderá se repetir? — perguntou a Pintacuda, apontando o prato agora vazio. Havia terminado e, portanto, podiam retomar o uso da palavra.

— Sossegue, vai se repetir, como o milagre do sangue de são Januário — disse Pintacuda. — Faz muitos anos que venho aqui e nunca, eu disse nunca, me decepcionei com a culinária de Tanino.

— Num grande restaurante, um cozinheiro como Tanino seria pago a peso de ouro — comentou o comissário.

— Pois é. No ano passado apareceu por aqui um francês, dono de um famoso restaurante parisiense, quase se ajoelhou aos pés de Tanino, queria levá-lo para Paris. Não houve jeito. Tanino diz que é daqui e vai morrer aqui.

— Ele certamente deve ter aprendido com alguém a cozinhar assim, não pode ser um dom natural.

— Veja o senhor: até dez anos atrás, Tanino era um delinquentezinho, pequenos furtos, aviãozinho de drogas. Entrava na prisão, saía, voltava. Até que, certa noite, apareceu-lhe Nossa Senhora.

— Está brincando?

— De jeito nenhum. Segundo conta, Nossa Senhora pegou-lhe as mãos, olhou-o nos olhos e lhe comunicou que, dali em diante, ele se tornaria um grande cozinheiro.

— Não me diga!

— O senhor ignorava esse fato com Nossa Senhora e, no entanto, referiu-se à perca usando a palavra certa: milagre. Mas vejo que não acredita no sobrenatural, então vou mudar de assunto. O que faz por estas bandas, comissário?

Montalbano estremeceu. Ali, não disse a ninguém qual era o seu trabalho.

— Assisti na televisão à sua coletiva sobre a prisão daquela mulher que matou o marido — explicou Pintacuda.

— Me faça um favor: não conte a ninguém quem eu sou.

— Mas, aqui, todo mundo sabe quem é o senhor, comissário. Só que, como perceberam que não gosta de ser reconhecido, fingem não saber de nada.

— E o senhor, o que faz de bom?

— Era professor de filosofia, se é que ensinar filosofia pode ser considerado bom.

— Não é?

— Absolutamente. Os garotos se entediam, não têm mais cabeça para aprender o que pensavam Hegel e Kant. Seria preciso substituir o ensino de filosofia por uma matéria chamada, sei lá, “instruções para o uso”. Então, talvez ainda fizesse sentido.

— Para o uso de quê?

— Da vida, ilustre. Sabe o que Benedetto Croce escreve em suas *Memórias*? Diz que, por suas experiências, aprendeu a considerar a vida como uma coisa séria, um problema a resolver. Parece óbvio, não? Mas não é assim. Seria preciso explicar filosoficamente aos jovens o significado, por exemplo, das trombadas que eles costumam dar com seus carros nos dos outros, no sábado à noite. E dizer-lhes como, filosoficamente, isso poderia ser evitado. Mas teremos tempo de conversar sobre o tema, disseram-me que o senhor irá demorar-se por alguns dias.

— Sim. O senhor mora sozinho?

— Nos quinze dias que costumo passar aqui, absolutamente só. Mas, em Trapani, moro num casarão com minha mulher, quatro filhas, todas casadas, e oito netos que, quando não estão na escola, ficam o dia inteiro comigo. Pelo menos uma vez a cada três meses, fujo para cá, não deixo nem endereço nem telefone. Então me depuro, atravesso as águas da solidão, para mim este lugar é como uma clínica onde eu me desintoxico de um excesso de sentimentos. O senhor joga xadrez?

Na tarde do dia seguinte, enquanto estava refestelado na cama a reler pela vigésima vez *O conselho do Egito*, de Sciascia, ocorreu-lhe que havia esquecido de avisar Valente sobre aquela espécie de pacto feito com o coronel. A coisa poderia tornar-se perigosa para o seu colega de Mazàra, se este houvesse continuado as investigações. Desceu ao térreo, onde ficava o telefone.

— Valente? Montalbano.

— Salvo, onde diabos você se meteu? Te procurei no comissariado e me responderam que não têm notícias suas.

— Por que você me procurou? Novidades?

— Sim. Hoje de manhã me ligou o meu chefe de polícia pra me informar que, inesperadamente, meu pedido de transferência foi acolhido. Vão me mandar pra Sestri.

Giulia, a mulher de Valente, era de Sestri, onde ainda viviam os pais dela. Até àquele dia, sempre que o subchefe pedira transferência para a Ligúria, a resposta fora negativa.

— Eu não disse que dessa história ainda ia sair alguma vantagem? — recordou Montalbano.

— Você acha que...

— Claro. Tiram você do meio, sem que você tenha motivos pra protestar. Pelo contrário. A transferência é pra quando?

— Efeito imediato.

— Viu? Vou te visitar pra gente se despedir, antes de você viajar.

Lohengrin Pera e os coleguinhas da sua paróquia tinham-se movimentado agilmente. Mas era preciso apurar se isso era bom ou mau sinal. E Montalbano quis tirar a prova dos nove. Se aqueles caras estavam demonstrando tanta urgência em encerrar a partida, seguramente haviam-se apressado em mandar um sinal também para ele. A burocracia italiana, habitualmente lentíssima, ganha a rapidez do raio quando se trata de foder o cidadão: com base nessa verdade notória, telefonou ao seu chefe.

— Montalbano! Meu Deus, onde o senhor se escondeu?

— Peço desculpas por não ter avisado, tirei alguns dias de descanso.

— Entendo. Foi visitar...

— Não. O senhor me procurou? Precisa de mim?

— Sim, procurei, mas não estou precisando do senhor. Desça se. Lembra-se que eu tive de propor seu nome para promoção?

— Claro.

— Pois é, hoje de manhã me telefonou o comendador Ragusa, do Ministério. É um bom amigo meu. E me comunicou que contra a sua promoção... quero dizer, parecem ter surgido obstáculos, não sei de que natureza. Ragusa não quis ou não pôde me dizer mais. Também deu a entender que qualquer insistência seria inútil, e talvez prejudicial. Eu fiquei estupefato e ofendido, acredite.

— Eu, não.

— Sei muito bem! Pelo contrário, está até contente, não é?

— Duplamente contente, chefe.

— Duplamente?

— Depois explico ao vivo.

Tranquilizou-se. As coisas corriam na direção certa.

Na manhã seguinte, Liborio Pintacuda, com uma xícara de café fumegante na mão, veio acordá-lo antes do nascer do sol.

— Espero o senhor na canoa.

Pintacuda o havia convidado para algumas inúteis horas de pesca, e o comissário tinha aceitado. Vestiu então uma calça jeans e uma camisa com mangas: na canoa, com um senhor vestido a caráter, iria sentir-se encabulado de calção de banho.

Pescar, para o professor, revelou-se o mesmo que comer: ele não abriu a boca a não ser para, de vez em quando, xingar os peixes que não mordiam a isca.

Lá pelas nove da manhã, o sol já alto, Montalbano não conseguiu mais se conter.

— Estou perdendo o meu pai — disse.

— Minhas condolências — fez o professor, sem tirar os olhos da linha.

Ao comissário essa palavra soou inoportuna, inadequada.

— Ele ainda não morreu, está morrendo — esclareceu.

— Não faz diferença. Para o senhor, seu pai morreu no exato momento em que o senhor soube que ele estava para morrer. O resto é, como direi, formalidade corporal. Nada mais. Ele mora com o senhor?

— Não, em outro lugar.

— Sozinho?

— Sim. E eu não consigo achar coragem para ir visitá-lo, assim como está, indo embora. Não aguento. A simples ideia me dá medo. Nunca terei forças para botar os pés no hospital onde ele está internado.

O velho não disse nada, limitou-se a repor a isca, que os peixes, com muitos agradecimentos, haviam comido. Depois, decidiu-se a falar.

— Sabe, certa vez eu acompanhei uma investigação sua, aquela que foi chamada de “cão de terracota”. Naquela ocasião, o senhor abandonou o inquérito sobre um tráfico de armas para agarrar-se a um crime ocorrido cinquenta anos antes, e cuja solução não traria efeitos práticos. Sabe por que fez isso?

— Por curiosidade? — arriscou Montalbano.

— Não, meu caro. Foi um modo finíssimo e inteligente de continuar seu desagradável trabalho, mas fugindo da realidade diária. Evidentemente, essa realidade cotidiana lhe pesa demais, em certos momentos. E o senhor foge. Como eu faço, ao me refugiar aqui. Mas, assim que volto para casa, perco logo a metade do benefício. A iminente morte do seu pai é um fato real, mas o senhor

se recusa a admiti-lo, constatando-o pessoalmente. Faz como as crianças, que, fechando os olhos, pensam ter anulado o mundo.

A esta altura, o professor Liborio Pintacuda encarou o comissário.

— Quando se decidirá a crescer, Montalbano?

Capítulo XX

Enquanto descia a escada para ir jantar, o comissário decidiu que, na manhã seguinte, retornaria a Vigàta, estava fora havia cinco dias. Luicino havia posto a mesa na saletinha de sempre. Pintacuda já estava sentado em seu lugar, e esperava por ele.

— Amanhã eu vou embora — anunciou Montalbano.

— Eu, não. Ainda preciso de uma semana de desintoxicação.

Luicino trouxe logo o primeiro prato, e por isso as bocas dos dois serviram só para comer. Chegado o segundo, tiveram uma surpresa.

— Almôndegas! — exclamou o professor, indignado. — Almôndega a gente dá para os cachorros!

O comissário não se alterou: o perfume que subia do prato até o seu nariz era rico e denso.

— Tanino está o quê, doente? — informou-se Pintacuda, inquieto.

— Não, senhor, está na cozinha — respondeu Luicino.

Só então o professor partiu com o garfo uma almôndega e levou o pedaço à boca. Montalbano ainda não fizera um só gesto. Pintacuda mastigou lentamente, fechou os olhos e emitiu uma espécie de gemido.

— Se uma pessoa comer isto na hora da morte, fica feliz até se for para o inferno — disse o professor, devagarinho.

O comissário pôs na boca meia almôndega e, com a língua e o palato, principiou uma análise científica que deixaria Jacomuzzi envergonhado. A saber: peixe e, não havia dúvida, cebola, pimentão picante, ovo batido, sal, pimenta-do-reino, farinha de rosca. Mas, para achar o nome, ainda faltavam dois sabores a buscar sob o gosto da manteiga que servira para fritar. Ao segundo bocado, ele identificou o que não descobrira antes: cominho e coentro.

— *Koftas!* — exclamou, estupefato.

— O que foi que o senhor disse? — perguntou Pintacuda.

— Estamos comendo um prato indiano feito à perfeição.

— Não me interessa de onde é — fez o professor. — Só sei que é um sonho. E peço-lhe que não me dirija a palavra até o fim do jantar.

Pintacuda mandou tirar a mesa e propôs a já costumeira partida de xadrez, que costumeiramente Montalbano perdia.

— Desculpe, mas antes eu queria cumprimentar Tanino.

— Eu vou junto.

O cozinheiro estava dando uma enorme espinafração no ajudante, que não havia lavado bem as panelas.

— Desse jeito elas no dia seguinte tá com o cheiro da véspra e a pessoa num sabe mais o que é que tá comendo — explicou ele aos visitantes.

— Escute — perguntou Montalbano —, é verdade que o senhor nunca saiu da Sicília?

Inadvertidamente, devia ter assumido um tom de policial, porque Tanino pareceu voltar aos seus tempos de delinquente.

— Nunca, eu te juro, comissário! Tenho tistimunha!

Portanto, não podia ter aprendido aquele prato em algum restaurante de comida estrangeira.

— Já conviveu com indianos?

— Os qual? Do cinema? Pele-vermelha?

— Deixa pra lá — disse Montalbano. E cumprimentou o cozinheiro miraculado, abraçando-o.

Nos cinco dias em que esteve ausente, contou-lhe Fazio, não aconteceu nada de importante. Carmelo Arnone, aquele que era dono da tabacaria perto da estação, tinha dado quatro tiros em Angelo Cannizzaro, aquele que era dono do armarinho, por uma história de mulher. Mimì Augello, casualmente presente, tinha enfrentado e desarmado corajosamente o atirador.

— Então — comentou Montalbano —, Cannizzaro certamente se safou, apenas com um pouquinho de medo.

Todo mundo sabia que Carmelo Arnone não sabia lidar com armas, não era capaz de acertar nem numa vaca, a dez centímetros de distância.

— Ih, não.

— Foi atingido? — perguntou Montalbano, espantadíssimo.

Na verdade, continuou Fazio a explicar, também desta vez Arnone havia errado. Mas uma bala, depois de bater num poste de luz, ricocheteou e parou entre as omoplatas de Cannizzaro. Ferimentozinho de nada, a bala havia perdido a força. De uma hora para outra, contudo, espalhou-se no lugar a notícia de que Carmelo Arnone tinha acertado Angelo Cannizzaro covardemente, pelas costas. O irmão deste último, Pasqualino, aquele que era comerciante de favas e usava uns óculos com lentes de dois dedos de grossura, passou a mão numa arma e, ao

encontrar Carmelo Arnone, disparou nele, errando duas vezes, de pessoa e de mira. Na verdade, confundido por uma certa semelhança entre os dois Arnone, havia trocado Carmelo pelo irmão deste, Filippo, quitandeiro de frutas e verduras. Quanto ao erro de mira, o primeiro tiro parou não se sabe onde, mas o segundo feriu no dedo mindinho da mão esquerda um comerciante de Canicattì vindo a Vigàta a negócios lá dele. A esta altura, a pistola tinha enguiçado, e ainda bem, do contrário Pasqualino, atirando a esmo, teria provocado a segunda matança dos inocentes. Ah, e também tinham acontecido dois furtos, quatro assaltos, três carros queimados. A rotina de sempre.

Bateram e Tortorella entrou, empurrando a porta com o pé, visto que os braços estavam carregados com três quilos e tanto de papéis.

— Vamos aproveitar que o senhor tá aqui?

— Tortorè, você fala como se eu estivesse ausente há cem anos!

Ele jamais assinava sem antes ler cuidadosamente de que se tratava, e por isso, quando chegou a hora do almoço, só havia digerido pouco mais que um quilo. Sentia um certo estímulo na boca do estômago, mas decidiu não ir à *trattoria* San Calogero: não queria, tão depressa, profanar a memória do cozinheiro Tanino, diretamente inspirado por Nossa Senhora. Era preciso que a traição fosse, pelo menos em parte, justificada pela abstinência.

Terminou de botar o jamegão às oito da noite, já quando lhe doíam não só os dedos, mas o braço também.

Chegou à sua casa morrendo de fome, um buraco na boca do estômago. Como devia agir? Abrir o forno e a geladeira para ver o que Adelina havia preparado? Ocorreu-lhe que, se passar de um restaurante a outro podia ser considerado, tecnicamente, uma traição, passar de Tanino a Adelina certamente não o era, podia ser definido como um retorno à família depois de um parêntese adúltero. O forno estava vazio, na geladeira havia umas dez azeitonas, três sardinhas, um pouquinho de atum de Lampedusa num potinho de vidro. O pão, embrulhado, estava sobre a mesa da cozinha, ao lado de um bilhete da empregada.

Como vossinhuria num me enferma quano que vorta eu cunzinho e vorto a cunzinhar e adepois tenho que jogar no lixo as grassa de Deus. Agora num cunzinho mais nada.

Ela se recusava a continuar desperdiçando, claro; mas, sobretudo, devia estar ofendida porque ele não lhe tinha dito por onde andava (“Tá certo que eu sou uma impregada, mas vossinhuria tem vez que me trata como uma impregada!”).

Comeu sem vontade duas azeitonas com pão, acompanhando-os com o vinho de seu pai. Ligou a televisão na Retelibera, era hora do noticiário.

Nicolò Zito estava acabando de comentar a prisão, por peculato e extorsão, de um assessor de Fela. Depois, passou ao dia a dia. Na periferia de Sommatino, entre Caltanissetta e Enna, tinha sido achado o corpo de uma mulher, em adiantado estado de putrefação.

Na mesma hora, Montalbano se endireitou na poltrona.

A mulher havia sido estrangulada, metida num saco e depois jogada num poço seco, um tanto fundo. Ao lado dela, estava uma maletinha que possibilitara a identificação da vítima: Karima Moussa, trinta e quatro anos, nativa de Túnis, mas residente em Vigàta havia alguns anos.

Na telinha apareceu a foto de Karima com François, aquela que o comissário havia dado a Nicolò.

Lembravam-se os espectadores que a Retelibera transmitira a notícia do desaparecimento daquela mulher? Mas sobre o menino, filho dela, não havia pistas. Segundo o comissário Diliberto, que estava cuidando do caso, o assassino podia ter sido o desconhecido protetor da tunisina. No entanto, sempre segundo esse comissário, ainda faltava esclarecer numerosos pontos obscuros.

Montalbano relinchou, desligou o televisor e sorriu: Lohengrin Pera tinha mantido a palavra. Levantou-se, espreguiçou-se, sentou-se novamente e logo adormeceu na poltrona. Um sono animal, talvez sem sonhos, como um saco de batatas.

Na manhã seguinte, ligou de seu gabinete para o chefe de polícia, convidando-se para o jantar. Depois chamou o comissariado de Sommatino.

— Diliberto? Aqui é Montalbano. Estou telefonando de Vigàta.

— Oi, colega. Diga.

— Liguei por causa daquela mulher que vocês acharam num poço.

— Karima Moussa.

— Sim. Vocês a identificaram com certeza?

— Sem sombra de dúvida. Na maletinha, entre outras coisas, havia um cartão do Banco Agrícola de Montelusa.

— Desculpe interromper. Mas, você sabe, qualquer um pode botar...

— Me deixe concluir. Três anos atrás, essa mulher tinha sofrido um acidente e levado doze pontos no braço esquerdo, no hospital de Montelusa. Corresponde. A cicatriz está visível, apesar do avançado estado de putrefação do cadáver.

— Escuta, Diliberto, eu só voltei a Vigàta hoje de manhã, depois de alguns dias de folga. Estou sem notícias, soube disso por uma televisão local. Disseram

que você ainda tinha alguns itens não esclarecidos.

— Eles não têm a ver com a identificação. Tenho certeza que aquela mulher foi assassinada e enterrada em outro lugar, diferente desse onde nós a encontramos, avisados por um telefonema anônimo. Por isso, eu me pergunto: por que exumaram e deslocaram o cadáver? Que necessidade tinham disso?

— De onde você tira essa certeza?

— A maletinha de Karima havia ficado suja de matéria orgânica, durante a primeira permanência ao lado do cadáver. Então, para levar essa mala até o poço onde ela foi achada, embrulharam em jornal.

— E que mais?

— O jornal é de três dias atrás. Mas a mulher foi assassinada pelo menos uns dez dias antes dessa data. O médico-legista bota a mão no fogo. Portanto, vou precisar descobrir o motivo do deslocamento. E não me ocorre nenhuma ideia, não vejo como.

Essa ideia Montalbano tinha, mas não podia comunicá-la ao colega. Será que aqueles imbecis da secreta não acertavam uma? Como daquela vez em que, desejando fazer acreditar que, num determinado dia, um certo avião líbio tinha caído em Sila, haviam preparado um teatro de explosões e chamas. Depois, na autópsia, constatara-se que o piloto do avião tinha morrido quinze dias antes do impacto. O cadáver voador.

Depois do jantar, sóbrio mas de classe, Montalbano e seu superior retiraram-se para o escritório. A mulher do chefe, por sua vez, afastou-se para assistir à televisão.

A narrativa de Montalbano foi longa, circunstanciada a ponto de não omitir sequer o voluntário esmagamento dos oclinhos de Lohengrin Pera. A certa altura, o relato se transformou em confissão. Mas a absolvição, da parte do superior, demorou um pouco. Ele estava realmente chateado por ter sido excluído do jogo.

— Montalbano, fiquei aborrecido. O senhor me negou a possibilidade de me divertir um pouco, antes de parar de trabalhar.

Livia, minha querida,

Você vai se espantar com esta carta, por dois motivos, no mínimo. O primeiro está na própria carta, no fato de eu a escrever e remeter. Cartas não escritas, em contrapartida, eu te mandei muitas, quase uma por dia.

Percebi que, em todos esses anos, só te mandei, de vez em quando, cartõezinhos de votos “burocráticos e comissariais”, como você os define.

O segundo motivo, pelo qual eu acho que você, além de se espantar, vai se alegrar, é o conteúdo.

Desde quando você partiu, exatamente cinquenta e cinco dias atrás (viu como eu faço a conta?), aconteceram muitas coisas, algumas das quais têm a ver conosco. Mas dizer “aconteceram” está errado, seria mais correto escrever que algumas eu fiz acontecer.

Uma vez você criticou em mim uma certa tendência a substituir Deus, mudando, com pequenas ou grandes omissões e até com falsificações mais ou menos censuráveis, o curso das coisas (dos outros). Talvez seja verdade, ou melhor, certamente é, mas você não acha que isso também faz parte do meu trabalho?

De qualquer modo, aviso logo que vou lhe falar de uma outra, como direi, transgressão minha, mas na intenção de conduzir a nosso favor, portanto não mais pró ou contra os outros, uma sequência de acontecimentos. Antes, quero lhe falar de François.

Esse nome nós não pronunciávamos mais, você e eu, desde a última noite que você passou em Marinella, quando me acusou de não haver entendido que aquele menino podia se tomar o filho que nós nunca iríamos ter. Ainda por cima, lhe doía o modo como eu havia mandado tirá-lo de você. Mas entenda: eu estava apavorado, e com razão. O menino tinha virado uma testemunha perigosa, e eu temia que quisessem fazê-lo sumir (“neutralizar”, como dizem eles, eufemisticamente).

A omissão desse nome pesou sobre os nossos telefonemas, tornando-os evasivos e um pouquinho sem amor. Mas agora eu quero lhe esclarecer que, se não falei antes de François, talvez lhe dando a impressão de tê-lo esquecido, foi para não alimentar em você ilusões perigosas. Mas, se estou falando agora, isso significa que esse meu temor desapareceu.

Lembra daquela manhã em Marinella, quando François fugiu para ir procurar a mãe? Bom, enquanto eu o trazia para casa, ele me disse que não queria ir acabar num orfanato. Eu respondi que isso jamais aconteceria. Dei-lhe minha palavra de honra, e trocamos um aperto de mãos. Eu tinha assumido um compromisso, e me dispunha a mantê-lo a qualquer preço.

Nestes cinquenta e cinco dias, Mimì Augello telefonou três vezes por semana, a pedido meu, para a irmã, a fim de saber como estava o menino. Sempre recebi respostas tranquilizadoras.

Um dia destes, sempre acompanhado por Mimì, fui vê-lo (a propósito, você devia escrever a Mimì, agradecendo-lhe a generosa amizade). Pude

observar François durante alguns minutos, enquanto ele brincava com o sobrinho de Augello, que tem a mesma idade: estava alegre, despreocupado. Assim que me viu, me reconheceu imediatamente e sua expressão mudou, ficou meio triste. A memória das crianças é intermitente como a dos velhos: seguramente, ele deve ter se lembrado da mãe. Me deu um abraço forte e depois, me observando com olhar lúcido, mas sem lágrimas, não creio que ele seja um menino que chore facilmente, não me fez a pergunta que eu temia, ou seja, se eu tinha notícias de Karima. Em vez disso, disse baixinho:

“Me leve pra Livia.”

Não para a mãe, mas para você. Deve estar convencido de que não vai rever a mãe. E isso, infelizmente, corresponde à verdade.

Você sabe que, desde o primeiro momento, por triste experiência, eu tive a convicção de que Karima tinha sido assassinada. Para fazer o que eu pretendia fazer, precisei executar uma ação arriscada, que obrigasse os cúmplices do crime a mostrarem a cara. O passo seguinte foi obrigá-los a fazer com que o corpo dela fosse encontrado, em condições de identificação segura. Tudo correu bem. E, assim, pude me movimentar “oficialmente” em relação a François, agora já declarado órfão de mãe. Tive uma grande ajuda do chefe de polícia, que recorreu a todas as suas relações. Se o corpo de Karima não tivesse sido achado, meus passos seriam estorvados por infinitos impedimentos burocráticos, que postergariam por anos e anos a solução do nosso problema.

Agora percebo que estou escrevendo uma carta longa demais, e por isso mudo de tom.

- 1) Aos olhos da lei, nossa e tunisina, François se encontra numa situação paradoxal. De fato, é um órfão inexistente, já que seu nascimento não foi registrado nem na Sicília nem na Tunísia.
- 2) O juiz de Montelusa que cuida dessas coisas regularizou de certa forma a situação de François, somente pelo tempo necessário às formalidades de praxe, atribuindo a guarda provisória à irmã de Mimì.
- 3) O mesmo juiz me informou que, teoricamente, sim, seria possível na Itália a adoção por parte de uma mulher não casada, mas acrescentou que, na realidade, isso é conversa fiada. E me citou o caso de uma atriz há anos submetida a sentenças, pareceres, dispositivos, todos em contradição entre si.
- 4) A melhor coisa a fazer, para ganhar tempo, segundo o juiz, seria que nós nos casássemos.

5) Portanto, vá preparando os papéis.

Um abraço e um beijo.

Salvo

P.S. Um tabelião de Vigàta, meu amigo, vai administrar um fundo de meio bilhão vinculado a François, que poderá usufruir dele quando atingir a maioridade. Acho justo que o “nosso” filho nasça oficialmente no exato momento em que botar os pés em nossa casa, mas acho mais justo ainda que, ao longo da vida, ele seja ajudado por aquela que foi sua verdadeira mãe, e a quem esse dinheiro pertencia.

“SEU PAI ESTA NAS ÚLTIMAS SE QUISE VER ELE VIVO NÃO PERCA TEMPO PT ARCANGELO PRESTIFILIPPO”

Esperava essas palavras, mas, quando as leu, voltou a dor, surda, como quando tinha recebido a primeira notícia, e agravada pela angústia quanto ao que era um dever seu: inclinar-se sobre a cama beijar a fronte do pai, sentir-lhe o hálito seco de moribundo, olhá-lo nos olhos, dizer-lhe algumas palavras de conforto. Teria forças para tanto? Banhado em suor, pensou que, se realmente ele devia crescer, como dissera o professor Pintacuda, essa era a prova inevitável.

“Vou ensinar François a não ter medo da minha morte”, pensou. E, desse pensamento que o surpreendeu pelo simples fato de havê-lo pensado, extraiu uma serenidade provisória.

Bem à entrada de Valmontana, depois de quatro horas de carro, havia uma placa indicando o caminho a seguir para a clínica Porticelli.

Ele parou o carro no organizado estacionamento e entrou. Sentia o coração bater, bem sob o pomo de adão.

— Meu nome é Montalbano. Gostaria de ver o meu pai, que está internado aqui.

O rapaz que estava atrás do balcão olhou-o um pouquinho e depois indicou-lhe uma saleta.

— Sente-se. Vou chamar o professor Brancato.

Montalbano se instalou numa poltrona e pegou uma das revistas que havia sobre uma mesinha. Logo deixou-a de lado, suas mãos estavam tão suadas que chegaram a umedecer a capa.

Entrou o professor, homem de seus cinquenta anos, muito sério, de jaleco branco, e estendeu-lhe a mão.

— Senhor Montalbano? Realmente, lamento dizer-lhe que seu pai morreu serenamente, duas horas atrás.

— Obrigado — disse Montalbano.

O professor olhou-o, algo intrigado. Mas o comissário não estava agradecendo a ele.

Nota do autor

Ao resenhar o meu *O cão de terracota*, um crítico escreveu que Vigàta, a cidadezinha geograficamente inexistente na qual ambiente todos os meus romances, é “o centro mais inventado da Sicília mais típica”.

Cito essas palavras como base à necessidade de declarar que nomes, lugares, situações deste livro são *inventados* em sã consciência. Também a placa automobilística o é.

Se a fantasia pôde coincidir com a realidade, a culpa, em minha opinião, deve ser atribuída à realidade.

O romance é dedicado a Flem: ele gostava de histórias assim.

Andrea Camilleri nasceu em Porto Empedocle, Itália, em 1925. Durante anos, foi diretor, dramaturgo e roteirista de televisão. Nos anos 80 começou a dedicar-se com mais frequência à literatura, conquistando público e crítica com seus romances ambientados na cidade de Vigàta e protagonizados pelo comissário Montalbano. Com esses romances policiais, foi finalista do prêmio Noir, vencedor do Ostia, em 1997, e do Selezione Bancarella, em 1998. Autor, também, de romances históricos, ganhou, em 1998, o prestigiado prêmio Empedocle.

Notas

[1] “Sardinhas à papa-figo”, prato típico da Sicília. Sardinhas, recheadas com uma mistura de farinha de rosca, *alici*, passas, pinhões e alguns temperos, levadas ao forno e servidas frias. (N. da T.)

[2] Cerca de R\$ 10. (N. da T.)

[3] Arma dei Carabinieri, também chamada Arma Benemerita, corpo do exército italiano que exerce funções de polícia militar, judiciária e civil. Esta última atribuição dos *carabinieri*, aliás, coincide com as de Montalbano e sua equipe. (N. da T.)

[4] “Carapinhada”, refresco de laranja ou limão com bastante gelo moído. (N. da T.)

[5] “A cabra”. Trocadilho com o sobrenome Lapècora, “a ovelha”. (N. da T.)

[6] Massa gratinada ao forno, em camadas alternadas com carne moída, berinjela, mortadela ou salame, ovo cozido, três tipos de queijo e alguns outros ingredientes. Adiante, *rollè*, espécie de bife role gigante, recheado com ovo cozido, salame, queijo, passas, pinhões etc. (N. da T.)

[7] Gesualdo Bufalino (1920-1996), escritor siciliano. (N. da T.)

[8] O termo aqui se refere à onda dos chamados *pentiti* (arrepentidos) que, ao denunciarem membros do crime organizado, obtiveram anistia e uma nova identidade em outro país. (N. da T.)

[9] Famoso e controvertido apresentador de programas e concursos na tevê, ex-diretor artístico e apresentador do festival de música de San Remo. (N. da T.)

[10] Sigla de *Sport Italia Società a responsabilità Limitata*, hoje substituída pelo *Totalizzatore Calcistico*, ou *Totocalcio*. (N. da T.)

[11] Ou, seja, “Pera”, como em português. Mas, em italiano, o termo tem também uma conotação pejorativa: uma coisa feita “*a pera*” é malfeita, mal-acabada. (N. da T.)